



S
E
L
L
O
S

GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 8

KIM RICHARDSON

GUARDIÕES DE ALMA

* Livro Oito *

SELOS

KIM RICHARDSON

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

Selos, Guardiões de Alma, Livro 8:
Copyright © 2015 por Kim Richardson
www.kimrichardsonbooks.com

Todos os direitos reservados por Kim Richardson. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma ou por qualquer meio, nem armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação sem a permissão escrita da autora. Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência e não intencional por parte da autora. Agradecemos por respeitar a obra da autora.

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

Marcada, Livro 1
Elemental, Livro 2
Horizonte, Livro 3
Submundo, Livro 4
Seirs, Livro 5
Mortal, Livro 6
Ceifeiros, Livro 7
Selos, Livro 8

SÉRIES MÍSTICAS

O Sétimo Sentido, Livro 1
A Nação Alfa, Livro 2
O Nexus, Livro 3

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço, Livro 1

Índice

[Capítulo 1 - Voo](#)

[Capítulo 2 - Os quatro cavaleiros](#)

[Capítulo 3 - Os quatro anéis](#)

[Capítulo 4 - Hubei, China](#)

[Capítulo 5 - A fome](#)

[Capítulo 6 - Uma conexão](#)

[Capítulo 7 - Um pouco de escuridão](#)

[Capítulo 8 - Segredos e mentiras](#)

[Capítulo 9 - Revelações](#)

[Capítulo 10 - Boston, Massachusetts](#)

[Capítulo 11 - Condenada](#)

[Capítulo 12 - Fugitiva](#)

[Capítulo 13 - Amigos e inimigos](#)

[Capítulo 14 - O fim](#)

[Capítulo 15 - Enjaulada](#)

[Capítulo 16 - Os Archfiends](#)

[Capítulo 17 - Um confusão de demônios](#)

[Capítulo 18 - Os estágios finais](#)

[Capítulo 19 - A morte](#)

[Capítulo 20 - David](#)

[Capítulo 21 - Corrida para a liberdade](#)

[Capítulo 22 - O quarto cavaleiro](#)

[Capítulo 23 - O despertar](#)

[Capítulo 24 - Elemental](#)

[Capítulo 25 - Um novo amanhecer](#)

[Capítulo 26 - Casa](#)

[Sobre a Autora](#)

Capítulo 1

Voo

O Horizonte estava louco.

O mundo sobrenatural que Kara aprendera a amar e respeitar havia ido ao fundo do poço. Fazer negócios com o Submundo era como pedir ao lobo para não devorar o delicioso coelhinho. Era uma contradição. Não fazia sentido. O Horizonte e o Submundo estavam em guerra desde o início dos tempos. Era a antiga batalha entre bem e mal, luz e escuridão. E agora a luz estava deixando a escuridão entrar. Era absurdo, irritante, mas estava acontecendo.

Quando Kara ouviu a notícia, ela ficou chocada e confusa. Mas sua confusão logo ferver, se transformando em uma raiva incontrollável. A única maneira de aguentar a reunião que estava por vir sem perder a calma e fazer pedacinhos dos demônios superiores seria saindo. Saindo e voando.

Kara levantou voo com força e deixou o vento esfriar sua fúria. Ela subiu alto no céu sobre a periferia de Green Bay, no estado de Wisconsin, e praticou manobras com suas recém-formadas asas, até que voar parecesse sua segunda natureza; tudo isso para manter sua mente longe da ideia ridícula de fazer um pacto com os demônios. Ela bateu suas asas inúmeras vezes, até que a cidade desaparecesse debaixo dela e ela ficasse sozinha no céu.

Ela mirou as nuvens. E como um corredor em uma névoa espessa, ela podia sentir o vapor no rosto enquanto cortava as nuvens. Como uma grande águia, ela deslizou acima das nuvens que a escondiam dos olhos mortais; ela relaxou pela primeira vez desde que os arcanjos Metatron e Ariel lhe contaram sobre seu acordo com os demônios superiores.

Ela sabia que era estupidez e loucura estar em plena vista aos olhos mortais, mas ela não se importava. Por que ela se importaria com o que a Legião pensava mesmo? Não era ela que estava se aliando ao inimigo - eram eles. Além do mais, estava quase escuro, e ela não se lembra de ter lido nenhuma regra sobre não ser autorizada a voar no céu do mundo mortal. Suas asas eram muito novas e também incomuns, para qualquer decreto ter sido escrito ainda.

E ela ia tirar vantagem disso.

Sua mente estava em hiperativa. Ela estava tão brava que queria gritar. Ela tinha de se concentrar em outros lugares, e ela se concentrou em seu voo.

O voo era um aprendizado constante. Ela não havia nascido com asas, e não havia ninguém para ensiná-la, ninguém para lhe mostrar o caminho. Ela estava sozinha. Ela precisava praticar tanto quanto podia. Era necessário um grande esforço para suportar o seu peso em uma altitude tão elevada, e levaria muitas horas de voo para voar direito, ainda mais para se defender e atacar voando.

No entanto, neste momento ela precisava esfriar a cabeça. Ela tinha de esquecer este novo pacto com o Submundo, porque ela estava perdendo a concentração. E era preciso muita concentração para não despencar chão abaixo.

Contudo, por mais que tentasse, os eventos da recente reunião continuavam rastejando de volta para sua cabeça. Kara cerrou os dentes. A maneira como os demônios superiores haviam zombado dela como se tivessem ganho uma vitória secreta a enfurecia. Ela não podia expulsar a sensação de que, de alguma forma, os demônios tinham sua própria agenda secreta. Na verdade, ela estava preparada para apostar sua vida angelical no fato de que eles estavam usando a fuga dos arquidemônios como algum plano maléfico em prol de si mesmos. Afinal, eles eram demônios, monstros devoradores de alma humanas. Eles não eram confiáveis. Eles estavam tramando algo, e ela ia descobrir o quê.

Ao virar suavemente para a esquerda, ela ficou maravilhada com a visão das luzes da cidade, que vazavam através dos buracos nas nuvens. Ela adorava aquele lugar e queria ficar ali para sempre. Ela sentia-se livre. Livre de responsabilidades. Livre de mudanças que ameaçavam sua mente e seu corpo.

Kara não sabia quanto tempo havia voado quando, de repente, uma dor latejante irrompeu em sua cabeça e tomou conta de seu corpo. Como uma onda súbita de mal-estar, um suor frio escorreu por suas costas e um estremelecimento percorreu seu corpo.

Ela sabia que não podia ficar muito tempo ali. Uma dor pulsante atingiu suas asas, e elas começaram a falhar.

Ela não tinha certeza de em qual altura havia voado, talvez dois quilômetros, mas a única coisa que ela sabia com certeza era que, se ela caísse agora, seu traje mortal não seria capaz de suportar o impacto. Ela não teria utilidade para ninguém se virasse mil pedacinhos. Como o latejamento aumentou, Kara dobrou suas asas, se virou em cento e oitenta graus e começou sua descida.

A queda era uma sensação muito legal. Ignorando a dor em sua cabeça e em seu corpo, Kara sorriu enquanto descia em direção à superfície. O vento assobiava em suas orelhas. O ar batia em seu rosto e nas suas roupas, enquanto seu cabelo esvoaçava loucamente atrás dela. Ela sorria descontroladamente.

Ela reconheceu o celeiro, levantou a cabeça e inclinou seu corpo para cima, espalhando suas asas para retardar sua descida. Ela podia ver David e Ashley, com rostos sorridentes, olhando para ela. Eles podiam estar esperando alguma aterrissagem graciosa, mas ela não havia dominado a arte de pouso ainda e estava indo rápido demais.

Ela ia cair.

Kara praguejou. Ela desejou que eles não estivessem lá para vê-la, especialmente David. Ela empurrou o corpo para trás em uma tentativa desesperada de abrandar a queda. Ela bateu suas asas em um movimento circular, e para trás, como mãos gigantes batendo palmas. Ela estendeu as pernas na frente de seu corpo, assim como os patos, quando eles pousavam no lago da casa da sua avó. Mas não havia nenhum lago ali para retardar sua descida. O chão impenetrável parecia mais uma pista concreta e gigante do que um campo macio.

David correu em direção a ela, de braços esticados para fora, como se quisesse pegá-la.

— Saia do caminho! — gritou Kara, acenando as mãos freneticamente em uma tentativa desesperada de fazê-lo ir embora, mas isso só fez ele correr mais rápido em direção a ela.

— O que está fazendo? Não consigo parar! Saia do caminho.

Kara caiu em David.

A força do impacto impulsionou os dois no ar, e eles derraparam, indo parar em um campo de capim dourado. Ela havia caído em cima dele. Com as asas dobradas para atrás, Kara olhou para os seus olhos azuis dele e por

um momento se esqueceu de tudo sobre suas asas, os demônios superiores e os arquidemônios. Era apenas ela e David no prado de um fazendeiro.

David puxou-a para mais perto, e sua boca contorceu-se em um sorriso travesso.

— Eu salvei você, minha querida borboleta.

Kara cuspiu a grama de sua boca.

— Você está delirando.

Ela tentou ignorar o quão confortável se sentia com os braços dele ao redor dela.

— Você não me salvou. Eu bati contra você, mas eu tentei avisá-lo. Não me ouviu?

O sorriso de David se alargou.

— Você pode cair em cima de mim sempre que quiser, se isso significar que eu posso segurá-la assim. — Ele a abraçou mais apertado.

Os olhos dela pareciam hipnotizados. Ele a puxou para mais perto dele, perigosamente perto de seus lábios...

— Onde está todo mundo? — Kara se afastou dos lábios deliciosos de David antes que fizesse algo estúpido - como beijá-lo.

— Acabou a reunião? Não sabia que tinha ficado longe tanto tempo. Não parecia muito tempo. Acho que perdi a noção da hora.

— Eu vou te dar a resposta... se... você me der um beijo.

Kara se virou:

— David, não seja estúpido. Estou falando sério.

Ela tentou se soltar, muito ciente de que Ashley provavelmente estaria em algum lugar perto, vendo-os com os olhos arregalados. Ela não sabia como se sentiria se Ashley testemunhasse isso. Mas ela não conseguia se soltar daquele abraço, ou talvez não quisesse.

— Vamos, David, deixe-me ir. A Ashley não estava com você?

— Dê-me um beijo — disse David novamente — E eu vou deixar você ir. Eu juro. Palavra angelical. — Ele fez biquinho com os lábios.

Kara bufou:

— Palavra angelical? Está brincando? Quando você já teve palavra angelical?

— Me beije — David repetiu — E eu vou te dizer tudo o que você quer saber.

Por mais que essa oferta fosse tentadora, Kara tentou afastar-se novamente, mas seu sorriso a traiu.

— Eu juro, se não me deixar ir neste instante...

David se inclinou e a beijou. Foi breve, mas ela sentiu uma eletricidade desde a ponta de suas asas aos dedos dos pés. Ela sentia falta dos beijos dele. Ela queria mais. Muito mais.

Kara, olhou para os olhos dele e se inclinou.

Alguém limpou sua garganta.

David soltou seus braços e Kara pulou para o mais longe possível dele.

— Eu sabia que os rumores eram verdadeiros sobre vocês — riu Ashley suavemente. Ela levantou as mãos quando viu o olhar de pânico no rosto da Kara.

— Não se preocupe, seu segredo está seguro comigo. Eu nem sonharia em dizer a ninguém o que eu vi. E eu vi bastante.

Kara não gostou que Ashley tivesse visto seu momento privado com David. Sua vida angelical já era um livro aberto para a legião inteira ler. Ela queria manter ao menos algumas coisas privadas.

Ela bateu suas asas em aborrecimento, se afastando ainda mais de David. Ela havia tentado tudo para parecer natural, tão natural quanto uma criatura alada poderia ser.

— Eu odeio interrompê-los — disse Ashley — Mas Ariel pediu para eu e David pegá-la, Kara. Eu só não esperava que ele fizesse isso literalmente.

Kara queria dizer a Ashley que ela não havia interrompido nada, mas ela perdeu a voz quando olhou para David. Ele olhava como se ele tivesse sido rejeitado, como se ela tivesse vergonha dele. Kara queria agarrá-lo, mas o momento havia passado.

— Todos temos ordens de retornar ao Horizonte para novas instruções — disse Ashley. Ela olhou inquietamente para David.

— Não sei quanto a vocês, mas tudo isso me cheira muito mal. Tenho que confiar que a Legião sabe o que está fazendo. Mas não sei. Eu ouvi Ariel falar com Metatron algo sobre uma parceria com demônios, mas talvez eu esteja errada.

Ashley balançou a cabeça, não querendo acreditar que o que ela havia ouvido podia ser verdade.

Kara olhou de relance para o celeiro.

— Não, tenho certeza de que você ouviu direito. Eu não duvido de nada que venha do Metatron, por mais perturbador que possa parecer.

Ela estremeceu interiormente em sua própria menção de Metatron e voltou sua atenção para Ashley:

— Tomo mundo foi embora?

Ashley assentiu com a cabeça:

— Sim. Nós somos os últimos.

Kara olhou para o céu profundo e azul marinho. A memória dos arquidemônios subindo para o céu ainda estava fresca na mente dela, e ela sentiu novamente o pânico que eles trouxeram consigo.

Uma guerra estava se formando. Era inevitável. A ameaça era tão real e tão tangível quando ela própria. Ela sentia isso em sua alma. A Legião derrotaria seus arquiinimigos? Ela não queria admitir para si mesma, mas estava assustada com o desespero de sua situação, com medo de que eles perdessem essa batalha. Ela nunca se sentira assim antes. Era assustador. Ela estava perdendo a esperança.

— As coisas vão ser diferentes agora, com este novo acordo.

Kara fez o seu melhor para tentar esconder a ansiedade:

— Temos que nos preparar.

— Eu sei — disse Ashley. — Não vai ser fácil. Mas que escolha nós temos?

— Sempre temos uma escolha — disse Kara.

Ashley balançou a cabeça:

— Não desta vez. Sem essa. Ariel está nos esperando. Vamos sair daqui e ir para casa.

Ela caminhou em direção ao riacho pequeno atrás do celeiro.

Casa. Kara se sentia desconectada. Mesmo que ela ainda estivesse terrivelmente zangada com a Legião, o Horizonte ainda era sua casa. Ela tinha de protegê-lo contra os arquidemônios. Era hora de voltar. Ela precisava ver seus amigos.

Jenny e Peter ainda estavam na cura. A última vez que havia visto, ambos estavam em estado crítico. Ela os salvara, mas fora por pouco. Ela sentia falta dos rostos sorridentes deles. Ela sentia falta da rotina habitual matando demônios. Ela precisava de normalidade.

Antes de Kara virar-se para seguir Ashley, ela se voltou para David:

— David, sinto...

Ele passou por Kara com os olhos no chão e nem sequer olhou para ela.

Kara ficou ali por um momento, recompondo-se enquanto o via ir embora. O que ela fez de tão terrível? Mas embora tivesse se perguntado isso, ela sabia a resposta. Ela havia magoado David quando ele percebeu que ela havia repudiado sua afeição na frente da Ashley.

Ela o via de costas se afastando, mas não conseguia se mover. Era como se alguém tivesse socado seu estômago.

David chegou ao riacho atrás de Ashley. Ele não se virou hora alguma. Ele saltou no riacho e desapareceu.

Kara continuava de pé, desolada, quando sentiu uma presença atrás dela, de algo imundo, algo morto.

Ela deu meia volta, colocando sua lâmina da alma na garganta de um demônio superior com ar zombeteiro.

O sorriso do demônio aumentou tanto que ele parecia o boneco de um ventríloquo.

— Não está um pouco nervosa demais, demônio-anjo? Nós devemos estar no mesmo time agora. Lembra? Por que não guarda essa lâmina para que possamos ter uma boa conversa?

Kara estreitou os olhos e empurrou a lâmina mais adentro do pescoço do demônio.

— Eu nunca vou ser do seu time, demônio. Não me interessa o que diz a Legião. Eu sempre fui um pouco rebelde e costumo fazer as coisas à minha maneira. Além disso, não acho que matar um demônio vai arruinar os planos da Legião. Não é como se você fosse fazer falta. Me dê uma razão para não o matar agora?

— Porque você estaria quebrando o novo tratado que temos com a Legião, e você ficaria com um monte de problemas, anjinho — riu o demônio superior.

— Se quiser vencer os arquidemônios... — O demônio superior pausou e lambeu os lábios com uma língua cinza antes de acrescentar — Você precisará de nós. Os arquidemônios destruirão a todos nós se puderem, mas juntos temos uma chance de lutar. Nós podemos vencê-los.

Kara não conseguia admitir que o demônio pudesse estar certo:

— Eu sei que vocês estão tramando algo com este negócio com o Horizonte, e eu vou descobrir o que é.

— Você está errada... mas mais uma vez você é quem está com a lâmina na mão.

Kara nunca esteve tão perto de um demônio superior por tanto tempo sem matá-lo. O demônio cheirava a bile e carne podre, demandando uma enorme quantidade de força de vontade para não o enviar ao Submundo. Ela cerrou os dentes:

— Por que você estava escondido atrás de mim, demônio?

— Eu não estava.

— Mentiroso — cuspiu Kara. Uma gota de sangue negro escoou até a ponta de sua lâmina.

— Todos vocês demônios são mentirosos. É parte do que vocês são - enganadores e trapaceiros. Não há nada de honesto nos demônios. Vocês podem ter enganado Ariel e os outros arcanjos, mas eu não engulo essa farsa. Este tratado é uma piada. Você sabe disso, e eu sei disso.

Um riso áspero irrompeu da garganta do demônio:

— Vocês anjos são tão desconfiados, você especialmente. Eu não quis ofender. Eu estava curioso sobre você, só isso.

Havia algo estranho na forma como o demônio dissera a palavra "curioso", quase como se ele desse a entender que sabia algo sobre ela, sobre o que estava acontecendo com ela... sobre suas asas. Mas como poderia ser?

— Queríamos ver de perto as novas asas — disse uma segunda voz por trás dela, como se tivesse lido sua mente.

Kara virou rapidamente e viu mais dois demônios superiores.

Entre eles estava um homem. Ele parecia ser um empresário de trintam anos em um terno preto caro. Ele tinha cabelos escuros bem cortados e um sorriso manhoso em seu rosto bonito. Parecia que ele estava pronto para conquistar algum tipo de acordo com a astúcia do seu charme. Mas seus olhos negros e pele pálida o denunciavam. Embora ele parecesse um modelo, ele ainda cheirava a mortos. Ele era um demônio. Ele carregava a mesmo porte de um pavão orgulhoso, e Kara suspeitou de estar olhando para um senhor dos demônios ou algum tipo de chefe no Submundo. Típico. Ela estreitou os olhos. Ela queria matá-lo também.

— Elas são... — O homem-demônio fez uma pausa e tirou um momento para inspecionar suas asas completamente, movendo os olhos negros sobre cada centímetro delas — ... notáveis.

— Eu sei.

Kara empurrou o demônio superior que ela segurava e resistiu ao impulso de chutá-lo. O demônio sorriu violentamente e, então, levantou-se entre seus irmãos. Seus olhos negros e vazios, com seus rostos idênticos, se retorciam em olhares de escárnio. Estes demônios superiores, clones do abismo, sempre a assustavam.

Ela percebeu que eles estavam escondendo algo, como se soubessem de algum tipo de segredo sobre ela que não estavam dispostos a compartilhar. Ela estava começando a ficar irritada.

— Se não pararem de me olhar desse jeito, vou começar a cortar cabeças.

— Então, você é a infame Kara Nightingale — disse o homem. Ele ficou muito perto, e seus olhos negros rolaram mais uma vez sobre o corpo dela.

— Nossa! Você não é nada do que eu esperava.

Kara fez uma careta pelo mau hálito e se estremeceu com a proximidade dele, mas ela não se moveu. Mostrar a esse demônio algum tipo de fraqueza recuando seria uma vitória para ele. Ela não lhe daria a satisfação. Em vez disso, ela cruzou os braços e levantou seu queixo:

— Sim? E por que isso?

Ele levantou suas sobrancelhas:

— Eu imaginei você... mais alta. Mas, você é ainda muito... excelente.

A expressão no rosto de Kara aprofundou-se:

— E você é?

— Salthazar — disse o demônio pomposamente. Sua voz era sinuosa e traiçoeira. Era a voz de um louco.

Kara rodou a lâmina na mão a centímetros do terno de Salthazar.

— Você diz isso como significasse algo para mim. — Ela forçou uma risada. — Nunca ouvi falar de você.

Salthazar perdeu seu sorriso por um segundo, mas quando ele voltou, para surpresa de Kara, os dentes dele eram brancos.

— Não importa, você vai ouvir de mim em breve. Mas para ajudar a esclarecer - eu sou o sucessor de seu falecido pai.

Kara vacilou como se Salthazar tivesse lhe dado uma bofetada no rosto. Com tudo o que estava acontecendo com ela e com a fuga dos arquidemônios, a última coisa em sua mente era seu pai, o senhor dos demônios que ela havia matado.

— Sim — continuou Salthazar.

Ele claramente gostou da angústia no rosto da Kara.

— Todos nós sabemos o que fez com seu próprio pai precioso. No Submundo, só se falava de você por um longo tempo, o anjo que destruiu o poderoso Asmodeus. Ele era o mais forte e melhor da nossa espécie, mas você... — seus olhos negros brilharam — o destruiu. Como você fez isso?

Um sorriso se estendeu para os cantos de seus lábios:

— Simplesmente aconteceu.

— Nada nunca acontece. Há sempre uma explicação. Foi esperteza? Sagacidade? Força? Ou pura sorte? Eu acho que nós nunca realmente saberemos como vocês conseguiram vencer o senhor dos demônios mais poderoso do nosso tempo.

Kara soltou um rosnado de irritação:

— Acho que não.

Salthazar a observou por um momento:

— Boatos de seu poder elemental. É. Eu sei disso. Isto despertou muito interesse entre nossa espécie - ser capaz de controlar essa energia selvagem e feroz. É um poder que os demônios têm desejado por muito tempo. Mas nunca conseguimos. Seu pai tentou e falhou. É preciso uma grande quantidade de autocontrole, para não o deixar controlar você. Mas acho que as coisas mudaram agora. Eu sei que você não possui mais seu poder.

Kara fez o seu melhor para esconder o seu aborrecimento e amargura. Seu poder elemental havia ido embora, e ela se sentia infeliz. Havia ficado um vazio nela, e ela queria de volta.

O senhor dos demônios balançou a cabeça:

— Você perdeu um dom incrível, não se pode negar que... ele foi substituído por asas? Não acha estranho que essas coisas continuam acontecendo com você, Kara Nightingale da Legião angelicais? Sim... me diga, por que isso?

— É um mistério.

Kara empunhou sua lâmina, com as unhas apertadas contra a palma de sua mão. Ela tentou ignorar o impulso e as emoções amargas que haviam despertado dentro dela. Verdade seja dita, ela desejava saber a resposta também. Mas não sabia. Ela não sabia por que estas coisas horríveis continuavam acontecendo com ela, o poder elemental... as asas... era como se uma força negra ficasse jogando obstáculos para ela, impedindo-a de se tornar o guardião que ela deveria tornar-se, impedindo-a de alcançar seu total potencial.

Salthazar soltou uma risada fria:

— Bem, não importa. Acho que eu é que agradeço, realmente. Sem você, sem o que você fez, eu não estaria aqui. Obrigado por limpar o caminho para mim.

Ele fez uma pausa:

— Sempre me perguntei por que você não tomar o seu lugar.

Kara franziu a testa, mas ela não conseguia encontrar a voz dela.

— Você poderia ter, você sabe — continuou o demônio — o que, por direito, era seu. Você podia ter assumido o lugar de seu pai no Submundo. Governar os demônios como sua rainha.

— O meu trabalho é matar demônios — disse Kara. Ela tremeu de raiva e apertou sua lâmina da alma. — É o que fazem os anjos da guarda. Podemos livrar a terra de escórias como você, e protegemos os mortais. Eu nunca estaria do seu lado, com os demônios. Prefiro morrer mil mortes verdadeiras do que me unir o mundo subterrâneo.

Salthazar riu ainda mais:

— Tão dramática! Vocês anjos são criaturas tão dramáticas. Mas você... — ele vacilou — mas você é diferente, não é, Kara? Nunca foi só um anjo regular. Você é diferente. Você sempre foi assim e agora mais do que nunca.

Os olhos dele se voltaram para as asas de Kara, que as espremeu em uma tentativa frustrada de escondê-las atrás das costas.

O demônio levantou suas sobrelanceiras e acenou com as mãos.

— Não importa. Bem, então, está resolvido.

Ele levantou a voz:

— Eu sou o senhor Salthazar, governante do Submundo. Estou assumindo de onde Asmodeus parou.

— O que você quer? — rosnou Kara, incapaz de controlar o ódio e a raiva que ferviam dentro dela. Ela queria cortar aquele lindo sorriso da cara do Salthazar.

O senhor dos demônios sorriu pela raiva repentina de Kara. Ele estava gostando de ver sua luta internamente. Ele a estava testando.

Ele a analisou silenciosamente por um momento e depois disse:

— Eu só queria dar uma olhada. Eu queria ver quem era essa famosa Kara Nightingale, a menina que matou o poderoso Asmodeus e que tem causado tantos problemas no meu mundo. Eu queria ver o motivo de toda essa agitação.

Seus olhos negros se alargaram:

— Sim, mas acima de tudo, eu queria ver suas asas. Eu queria vê-las em toda sua glória.

Kara sentiu os olhos de todos os demônios superiores nela. Seus rostos cinzentos e idênticos estavam paralisados como feios bonecos demoníacos em tamanho real. Seus olhos negros brilhavam de malignidade. Como o Horizonte podia fazer um acordo com estas criaturas traiçoeiras e vis?

Ela olhou furiosamente:

— Bem, você já viu o que queria. Então, suma.

Ela balançou sua lâmina ameaçadoramente diante do rosto do demônio, sabendo até demais que os senhores dos demônios eram poderosos e que sua lâmina franzina provavelmente não causaria muito dano.

Salthazar riu divertida mente como se Kara tivesse dito uma coisa muito engraçada:

— É claro.

Seus olhos negros rolaram mais uma vez pelo corpo dela, e ela resistiu ao impulso de tremer sob o olhar assustador.

— Até logo, borboleta — disse ele antes de se virar.

— Não se eu puder evitar.

Kara odiava o fato de que há pouco David a havia chamado de borboleta também. Mas agora, ouvir dos lábios do senhor dos demônios a fazia se sentir mal alguma forma.

Kara viu os demônios partirem. As borboletas são lindas e frágeis, enquanto Kara não era nada do tipo. Ela não era fraca, e iria provar isso.

Mas primeiro, ela teria de se desculpar com David.

Bem quando ela se virou para partir, uma dor repentina explodiu em seu peito, se estendendo para a ponta dos seus dedos e suas asas. Luzes brancas explodiram atrás de seus olhos, como uma dor de cabeça gigante, como se alguém tivesse batido em sua cabeça com uma marreta. Seus ouvidos mal podiam ouvir seus próprios gritos. Ela estava em chamas, queimando de dentro para fora. Ela fechou os olhos. Ela podia sentir seu corpo inchar. Ela estava mudando para outra coisa.

Kara deixou cair sua lâmina e caiu de joelhos. O peso de suas asas era como uma mochila cheia de tijolos. Ela estava presa ao chão e paralisada. Ela podia sentir uma infecção a percorrer. Ela cerrou os dentes quando outro espasmo de dor a atingiu. O que estava acontecendo com ela? O medo

substituiu a dor dela. Ela estava mal, com tremores e sentia uma loucura infectando sua mente. Escuridão. Mal...

Ela lutou desesperadamente para agarrar-se a sua sanidade. Mas não adiantou. Combater era inútil. A escuridão era agora parte dela, como um pedaço de sua alma. Ela não conseguia parar aquilo. Isso a consumia.

E, então, a dor diminuiu, e ela conseguiu se mover novamente. Mas ela estava diferente. Ela podia sentir.

Com uma mão trêmula, ela puxou a manga e segurou um grito.

Grandes veias pretas palpitavam no braço, do seu pulso ao seu cotovelo, era repugnante e monstruoso.

Ela estava se transformando e não em uma linda borboleta. Ela estava se tornando um monstro abominável e do mal.

Capítulo 2

Os quatro cavaleiros

Três dias se passaram desde que os arquidemônios haviam escapado de sua prisão eterna. Nuvens negras haviam se formado ao longo de todo o mundo mortal, e o sol não brilhava em três dias.

Kara ficou no que havia sobrado da livraria do Sr. Patterson. Não era muito. Havia quatro paredes e um telhado, e parecia que ele havia sido atingido por um tornado. Com a ajuda de Jenny, Peter, Ashley e David, ela havia feito seu melhor para reconstruir a loja com velhas tábuas de madeira que não haviam sido destruídas pelos diabinhos. Eles criaram um telhado curvado, com janelas tampadas e tinta cinza molhada que escorria pelas paredes. A livraria parecia estar chorando.

Enquanto o resto da Legião fazia planos importantes e secretos com os servos e senhores do Submundo, Kara e os amigos dela havia ficado encarregados da reconstrução de um dos esconderijos. Eles escolheram a Livraria do Velho Jim, em parte porque era um dos principais esconderijos, mas principalmente porque eles sentiam uma conexão estreita com o lugar.

Kara havia ficado aflita ao ver a expressão do Sr. Patterson rosto quando ele pegou os restos de suas amadas coleções de livros, revistas e outras recordações. Parecia que ele havia perdido um membro da sua família. Seus livros eram parte dele. Mesmo reconstruindo a livraria, Kara sabia que ela nunca seria a mesma.

Igual a ela. Muita coisa havia acontecido. Muito havia sido danificado e não poderia ser corrigido. Ela não podia ser corrigida.

É exatamente como Kara se sentia sobre si mesma. Ela era uma mercadoria danificada. Ninguém poderia impedir sua mutação de acontecer. As veias pretas continuavam a se espalhar, e escuridão penetravam em sua mente. Era como desenvolver alguma doença mortal. Ela estava vendo seu corpo mudar. Ela quase não se reconhecia. Tudo o que ela podia fazer era esperar a misteriosa transformação manifestar-se completamente. A esperança de poder lutar contra o demônio que habitava dentro dela começava a desaparecer.

A mãe do oráculo branco havia lhe dito que ela era, de fato, parte arquidemônio, ou algo nesse sentido - um monstro. Ela havia visto isso em Kara.

O oráculo branco havia lhe mostrado um mundo de fogo - edifícios queimados e fumaça enquanto milhões de mortais mortos jaziam empilhados e espalhados pelas ruas das cidades. Ela se lembrou do som das pessoas morrendo em batalha. Ela se lembrou de ver o Horizonte queimado e devastado. Mas o pior de tudo, o oráculo branco havia mostrado ela mesma... ou o monstro matador angelicais e de coração negro que ela iria se tornar.

Kara queria gritar contra a injustiça de tudo. Ela havia gritado no céu muitas vezes antes. Sozinha no céu, seus gritos ecoavam como um trovão.

O oráculo branco havia dito: "Lembre-se quem você é, Kara. Você ainda pode alterar o futuro".

Kara planejava fazer exatamente isso. Ela iria mudar o futuro. Ela só não sabia como exatamente iria fazer isso.

Kara centrou-se na livraria. Embora eles tivessem conseguido salvar metade dos livros, a loja nunca mais seria a mesma. A livraria outrora alegre com suas bugigangas e o cheiro de naftalina, agora parecia abandonada. Até suas tentativas esperançosas de encontrar a placa da livraria e levantar todos os ânimos sombrios havia falhado miseravelmente. Não havia mais placa. Não havia nada além de cinzas e pedaços de gesso.

O Sr. Patterson havia perdido o brilho dos seus olhos. A fuga dos arquidemônios pesava fortemente sobre ele, mas Kara tinha certeza de que a maior parte de sua melancolia era causado pela destruição de sua loja e a perda de suas amadas bolas de cristal.

A maioria delas havia sido destruída na luta contra os diabinhos. E, agora, o Sr. Patterson estava atrás do que restava do seu balcão, que não era nada mais do que uma caixa de papelão, enquanto lustrava sua última bola de cristal.

Kara desejou poder fazer algo para ajudá-lo.

De repente, o rosto do velho parecia como se estivesse muito longe, como se estivesse em transe. Seus olhos azuis e sua pele brilharam, ganhando uma cor dourada suave. A bola de cristal brilhava cada vez mais. Kara sabia que ele estava vendo ou comunicando-se com a Legião. Que ele estaria fora por um tempo. Talvez fosse melhor assim. Ele se manteria

ocupado com as questões da Legião. Ele precisava de uma pausa da devastação que sua livraria havia sofrido.

Kara suspirou. Seus pensamentos retornaram à sua própria tristeza, e os olhos dela voltaram-se para David.

Durante os dias de reconstrução, David não proferira nenhuma palavra a Kara. Ele nem olhava mais para ela também, e ele ignorou a muitas tentativas dela de se desculpar. Quando retornaram ao Horizonte, Kara se juntou a David e Ashley para buscarem Jenny e Peter na Cura Express. Mas David a ignorara completamente. Ele era amigável com todos, menos ela, e isso deixava todos mais desconfortáveis também. Jenny ficava olhando para Kara em busca de uma explicação. Mas ela não tinha nenhuma resposta, então, tudo o que podia fazer era olhar para baixo.

Mas ela estava decidida a fazer a coisa certa.

Até agora enquanto martelava o último prego em uma viga de suporte, David estava muito mais silencioso do que o habitual. Seu rosto estava sério, mas ela não deixava de reparar em seu queixo bonito e as maçãs perfeitas de seu rosto. Quando ele terminou de pregar a viga, David jogou seu martelo em uma caixa de ferramentas e foi até Peter, que estava pintando a parede de trás.

David sabia que ela estava de olho nele? Se ele sabia, ele não demonstrava. Ele continuava a evitar o olhar dela.

Kara podia sentir os olhos de Jenny nela enquanto ela e Ashley organizava alguns dos livros nas estantes resgatadas. Mas Kara não conseguia olhar para ela. Ela não queria ver a piedade nos olhos dela.

— Kara? — Ela ouviu a voz da Jenny. — Desde quando você usa luvas?

Kara cruzou os braços quando todo mundo, até mesmo David, virou-se para olhar para as mãos dela. Ela podia sentir seus olhos como feixes de laser atravessando suas luvas de couro preto. Se ela fosse uma garota mortal, o rosto dela estaria vermelho como tomate. Por sorte, esse não era o caso.

Kara olhou para suas mãos com o peito apertado. Ela não contou a ninguém sobre as misteriosas marcas pretas nos braços dela. As marcações haviam começado a se espalhar para as pernas dela também. Ela havia entrado em pânico e escondera as mãos com um par de luvas de couro que havia encontrado nos armários da Divisão Contradêmônios.

Era uma maneira tola de fingir que a transformação não estava acontecendo. Ela a sentia em seu corpo, em sua alma. Não havia como negar

mais - ela estava mudando. Primeiro ela havia criado asas e, em seguida, veias pretas feias nos braços e pernas e então...

Kara olhou para Jenny e forçou um sorriso:

— Achei que estas luvas pretas ficariam legais com minhas asas novas. Sabe, pensei em criar visual ou algo assim.

Os olhos verdes brilhantes de Jenny brilharam em deleite.

— Sim, totalmente. Você está incrível. Talvez possamos encontrar uma roupa de couro completa? Seria de matar. Você ficaria tão foda em couro.

A faísca desvaneceu-se nos olhos da Jenny por um momento.

— Eu queria ter asas. Assim, poderíamos voar juntas e vencer os arquidemônios estúpidos.

A camaradagem de Jenny só fez Kara se sentir pior por mentir para todos, especialmente para David.

Kara mantinha seus olhos em Jenny:

— Vamos começar apenas com as luvas. Não sei quão flexível seria um macacão de couro.

— Está na hora! — anunciou o Sr. Patterson.

Ele caminhou para o centro da livraria, e Kara podia ver que seus pés descalços estavam perigosamente perto de farpas afiadas de madeira. Seus olhos brilhavam com sua cor natural azul novamente, e ele segurava sua bola de cristal perto de seu peito, como se a protegesse, como se tivesse medo de que ela de repente explodisse.

Quando eles se reuniram em torno do velho, os olhos de Kara foram automaticamente para David. Ela esperava que ele dissesse algo sarcástico ou fizesse uma piada, como ele sempre fazia. Mas seus lábios estavam cerrados, e seus olhos nunca deixaram o Sr. Patterson. Era como se ela nem estivesse ali, como se ela não existisse para ele, não mais.

A indiferença de David era muito pior que aquela mutação estúpida.

— É como eu temia — disse o velho.

Parecia que ele havia envelhecido alguns séculos durante os últimos três dias. Os olhos dele estavam cheios de olheiras profundas.

— O que é? — disse Kara ao recuperar a voz. Ela estava tensa. David estaria olhando para ela?

O Sr. Patterson fechou os olhos:

— O fim dos dias.

Kara e Jenny trocaram olhares preocupados.

— Acabo de receber informações vitais sobre o que está por vir — continuou o Sr. Patterson.

Ele abriu os olhos:

— Eu queria... torcia pelas almas que eu estivesse errado... mas, como de costume, eu não estava.

— O fim dos dias — repetiu Ashley solenemente, balançando a cabeça com seu rabo de cavalo loiro comprido esfregando em seus ombros. — Quer dizer o fim do mundo? Por causa dos arquidemônios? Por que eles escaparam?

O Sr. Patterson assentiu com a cabeça:

— O Apocalipse. Já começou. Os arquidemônios têm uma sombra sobre o sol. Vocês já viram isso.

— Isso é ruim — disse Jenny, cruzando os braços.

— Fica pior — disse o Sr. Patterson. — Sem o sol, a Terra vai congelar. Sem o sol, as plantas já não serão capazes de inspirar dióxido de carbono e expirar o oxigênio sustentador de que os mortais e todos os seres vivos precisam. No final desta semana, a temperatura média da superfície estará abaixo do ponto de congelamento. As superfícies dos oceanos do planeta vão congelar. As temperaturas já começaram a cair. Dentro de um ano mais ou menos, a maioria da população humana vai morrer. A vida na Terra não poderá sobreviver sem o sol. O planeta vai morrer. Os arquidemônios desejam a morte.

Peter praguejou e, em seguida, levantou suas sobrancelhas com expressão chocada.

— Isso é sério. Meu tio tem uma fazenda, e é com ela que ele sustenta a família.

— A fazenda dele não vai durar. — O velho balançou a cabeça. — Se não pararmos a contaminação, ela irá destruir todos os mundos. Eles vão começar com este planeta para depois seguirem para outros mundos. Primeiro, os arquidemônios vão encobrir o mundo mortal na escuridão e depois libertarão os seus...

Ele vacilou. Seus lábios se moveram, mas nenhum som escapou de sua boca.

Kara se inclinou para a frente:

— O seu o quê?

O Sr. Patterson baixou sua voz:

— Seus quatro cavaleiros.

Um estranho formigamento se espalhou sobre o corpo de Kara:

— Seus quatro cavaleiros?

— Shhhhhh!

O Sr. Patterson deu um salto. Seus olhos se arregalaram, e ele olhou por cima do ombro, como se estivesse esperando que esses cavaleiros aparecessem de repente. Ele apertou sua bola de cristal mais perto de seu peito, como se o protegesse:

— Não fale esse nome tão alto.

— Tá bom, desculpa. — Kara levantou suas mãos enluvadas em pedido de desculpas.

Ela chamou a atenção de David e, por um momento, não conseguiu falar. Seu rosto estava ilegível, mas ele estava olhando para ela. Houve um contato visual, e isso definitivamente foi um grande avanço. Ela tentou não mostrar seu alívio em seu rosto ou na voz dela.

— Então, o que são essas criaturas? Essas cujo nome não devemos falar?

— Ela perguntou e moveu o olhar relutantemente para longe de David, sentindo os olhos dele ainda nela.

O Sr. Patterson baixou sua voz novamente:

— Os quatro cavaleiros do Apocalipse.

O formigamento percorreu Kara e se espalhou para os dedos.

— Por que eu tenho a sensação de que isso é muito, muito ruim? — Peter olhou para uma mancha no braço direito, onde o diabinho havia rasgado para pegar a chave e destrancar a prisão do seu mestre. Ele parecia assustado, e Kara sentiu pena dele.

— Porque provavelmente é. — David ficou com as mãos nos bolsos. Seus olhos pareciam selvagens.

— Espere o pior, cara, e você não vai se decepcionar. Confie em mim. Isso tem funcionado para mim ultimamente. — Ele olhou para Kara, e ela sentiu uma punhalada no peito.

O Sr. Patterson tossiu ligeiramente e esperou ter a atenção antes de continuar.

— Quando os arquidemônios fugiram da sua prisão, começou uma série de eventos que culminarão no final na guerra - a guerra dos mundos. A escuridão vai trazer quatro... — Ele fez uma pausa e acrescentou com um sussurro — Cavaleiros do Apocalipse.

Kara vacilou. O formigamento dentro dela piorou.

— Cada cavaleiro possui habilidades únicas que correspondem às suas funções apocalípticas.

O formigamento de Kara começou a queimar dentro dela. Algo estava errado, mas ela continuou com a expressão séria.

— Primeiro é a Guerra — explicou o Sr. Patterson. — Este cavaleiro pode alterar a percepção humana e fazer com que as pessoas vejam inimigos quando não há nenhum. Ele cria ódio e desconfiança e, finalmente, cria guerras entre as nações. O segundo cavaleiro é Fome. Esta criatura começa destruindo todos os recursos naturais e, em seguida, se dirige aos mortais trazendo fomes e vícios e destruindo seus recursos. O terceiro cavaleiro é a Peste, que cria e manipula doenças mortais até que o mundo inteiro seja atormentado pela praga.

Kara balançava levemente e preparava-se contra a dor crescente.

O Sr. Patterson fez uma pausa, como se reunisse coragem para continuar.

— O último e mais mortal de todos os cavaleiros se chama Morte.

Kara gritou em agonia. Ela se contorceu com a dor que ardia dentro dela.

Capítulo 3

Os quatro anéis

Kara podia sentir as veias negras como pequenas e afiadas facas dentro dela. Elas se retorciam enquanto subiam por suas pernas e cercavam seu tronco. Kara se convulsionou quando outra onda de dor a percorreu. Ela gritou ciente de que todo mundo a veria se transformar em um monstro.

Seu constrangimento e desespero para fazer o que quer que estivesse acontecendo parar pareciam forçar a dor a diminuir, mas ela sabia que não duraria por muito tempo.

— Kara? O que foi?

Kara piscou seus olhos. David estava ao lado dela, e ela sentiu as mãos dele a segurando. Ela queria sorrir, mas não podia sentir seu rosto.

— Venha, venha aqui e sente. — Ele a abraçou, com cuidado para não puxar suas asas enquanto tentava equilibrar seu peso. Ela não teve forças para recusar. O prazer de ver aquela mudança nela fazia toda a dor vale a pena. Pelo menos agora ele estava falando com ela.

Ele a levou até uma cadeira de madeira pequena que não havia sido destruída pelos diabinhos e sentou-se no chão. Suas asas pendiam pesadamente sobre os lados da cadeira. Elas eram mais um fardo do que ela gosta de admitir. David apertou sua mão enluvada entre as suas e se ajoelhou ao lado dela.

— Kara. O que diabos está acontecendo com você? O que foi isso?

Kara segurava o estômago com seu braço esquerdo.

— Cólicas das asas — ela mentiu enquanto esperava os tremores de dor diminuírem.

— Acho que andei exagerando nas minhas horas de prática de voo. Eu ainda estou tentando me acostumar com estas novas asas. Eu vou ficar bem em um minuto. Não é nada tão grave assim.

David não pareceu convencido, mas ele não a pressionou.

Ele continuou a segurar a mão dela e disse:

— Me desculpe por ser tão idiota antes. Estou fora de mim ultimamente.

— Eu sei — disse Kara. Os olhos dela procuraram os dele, e ela deu-lhe o mais ínfimo dos sorrisos.

E pela expressão dele, ela sabia que era tudo o que ela precisava dizer. Era um pedido de desculpas silencioso que ambos haviam oferecido e aceitado.

O Sr. Patterson franziu a testa:

— Tem certeza de que você está se sentindo bem? Você nos deu um susto.

Ele se inclinou para a frente:

— Você diz que suas asas causaram essa explosão?

Kara afundou-se na cadeira, com seu rosto neutro enquanto o velho a inspecionava:

— Não é nada; apenas cólicas por usar demais as minhas asas. Estou bem, sério. Já passou.

— Bem, não pareceu nada — disse o Sr. Patterson. — Parecia que você estava morrendo de dor, como se algo estivesse ferindo você.

Ele a observou por um momento:

— Existe alguma coisa que você queira me dizer?

Kara odiava como o Sr. Patterson sempre parecia ser capaz de ler a mente dela. Talvez os oráculos tivessem poderes de leitura da mente. Será que ele sabia sobre as veias? Será que todos os amigos dela sabiam quanto ela estava se transformando?

Seus olhares aterrorizados mostravam que eles estavam pensando a mesma coisa. Quanto tempo até que ela mudasse completamente? Quanto tempo até que ela se tornasse um monstro assassino angelical?

Ela olhou para seus amigos:

— Me desculpe se eu assustei vocês. Não é nada. Eu juro.

Desesperada para mudar de assunto e manter David ao lado dela, ela perguntou:

— Conte-nos sobre o último cavaleiro... que você chamou de Morte. Por que ele é o pior dos quatro?

— A morte — repetiu o Sr. Patterson — tem controle sobre toda a vida: animal, humano, angelical e até sobre a morte em si.

Um arrepio gelado percorreu o corpo de Kara. Ela não queria se deparar com este cavaleiro. Mas algo dentro dela dizia que seria o contrário. De alguma forma, ela sabia que teria de enfrentar esse demônio, assim como teria de chegar a um acordo consigo mesma.

O Sr. Patterson tirou um fiapo da sua bola de cristal.

— Agora, ouçam com atenção, todos vocês. Mantivemos os arquidemônios confinados com camadas adicionais de proteção. Criaram-se quatro selos. Estes selos têm sua força derivada deste mundo mortal e protegem contra o poder dos arquidemônios. Eles não são físicos como esta bola de cristal aqui. Pensem neles como laços invisíveis que só podem ser quebrados se o mundo mortal, do qual os selos drenam seu poder, for destruído. A energia da própria vida e de tudo o que é mortal é o que mantém os selos fortes. Se a Terra for destruída, os selos serão quebrados.

Ele fez uma pausa por um momento e depois continuou:

— Ao longo dos anos, ouvimos rumores de que o arquidemônios haviam descoberto uma maneira de quebrar os selos. Dispensamos estes rumores, mas estávamos errados.

O velho ficou em silêncio por um momento, com seus olhos frios e duros:

— Até mesmo em seu confinamento, os arquidemônios eram ainda mais poderosos do que acreditávamos. Ao longo do tempo, eles criaram os cavaleiros para ser seus campeões. Os cavaleiros são as chaves que permitirão aos arquidemônios escapar de seu confinamento.

— Então, qual é a ligação entre esses cavaleiros e os selos? — perguntou Kara.

O Sr. Patterson se voltou para ela com um olhar fixo:

— Nós acreditamos que os cavaleiros de alguma forma foram criados a partir dos próprios selos, ou que possuem alguma essência derivada dos selos. Em qualquer caso, parece que eles podem quebrar os selos. Quatro cavaleiros para quatro selos e quando cada cavaleiro concluir sua carnificina no mundo mortal, eles irão quebrar os selos e as trancas das prisões dos arquidemônios cairão.

Kara se mexeu desconfortável mente:

— Mas eu pensei que o arquidemônios já estavam fora da sua prisão.

— Eles estão, sim — disse o Sr. Patterson. — Mas para que os arquidemônios possam ficar aqui indefinidamente e governar os mundos, os quatro cavaleiros devem quebrar seus selos para destruir a prisão. Quando o último selo for quebrado, raios, terremotos, granizo, incêndio, extinção em massa, águas envenenadas e monstros serão pragas da Terra. A verdadeira carnificina, o Apocalipse real, começará apenas quando os quatro cavaleiros romperem os quatro selos.

— Perfeito — disse David. — Era só o que faltava. Acho que eu gostaria de tirar minhas duas semanas de férias agora. Ouvi dizer que as praias da Jamaica são de matar.

O Sr. Patterson olhou zangado para David. Seus dedos se contorceram em volta de sua bola de cristal e, por um momento, Kara pensou que ele estava prestes a bater em David

— A Legião sabe disso? — Peter se aproximou. Desde que ele e Jenny haviam voltado da Cura Express, Peter agia de forma diferente. Ele parecia mais velho de alguma forma, e havia uma escuridão nos olhos dele que não estava lá antes. Kara podia ver uma nova determinação nele. Ele queria vingança pelo que havia acontecido com ele. Era empolgante e assustador ao mesmo tempo.

O Sr. Patterson levantou suas sobrancelhas:

— Eles sabem.

— Então, o que eles irão fazer a respeito? — disse Peter com ressentimento em sua voz, como se culpasse a Legião por tudo o que havia acontecido.

O Sr. Patterson parecia esgotado.

— A Legião não acha que os cavaleiros sejam uma ameaça tão grande quanto os arquidemônios. Na verdade, eles estão todos conectados.

Ele suspirou.

— Enquanto falamos, a Legião está formando estratégias de combate com os demônios no Submundo. Eles acreditam que ter maior força com a ajuda dos demônios. E eles vão atacar os arquidemônios em breve.

Kara observou o rosto do velho:

— Mas você não acha que é uma boa ideia.

Ela o conhecia bem o suficiente para saber quando ele estava em silencioso desacordo, o que era o caso na maior parte do tempo em que ela havia trabalhado para ele na livraria.

O velho olhou para ela. Sua carranca se aprofundou e uma grande onda de tristeza encheu seu rosto:

— Não. Eu acho que ir atrás dos arquidemônios terá um efeito devastador sobre nós. Os arquidemônios são muito poderosos. Mesmo agora, quando não estão na sua força máxima, eles são as criaturas mais poderosas de todos os mundos. Eles são uma força imparável, destrutiva. A Legião subestima o poder deles. Acho que... — ele fez uma pausa e balançou

a cabeça. — Não, eu sei que os arquidemônios esperam nosso ataque. Eles vão nos matar.

— Então, você precisa avisá-los — gritou Jenny de repente. — Ariel está lá. Nossos amigos vão morrer.

Ela aumentou ainda mais sua voz:

— Você deve dizer a ela!

— Eu disse — respondeu o Sr. Patterson sombriamente. — Todo dissemos, os oráculos e as mães dos oráculos disseram muitas vezes. Mas a Legião preferiu não ouvir.

— Então, é isso? — Ashley balançou a cabeça e os ombros. — Podemos sentar aqui e esperar o fim do mundo? Só não podemos fazer nada. Tem de haver outra maneira.

Kara observou o Sr. Patterson:

— Há algo mais, não é? Você encontrou algo, algo que pode nos ajudar. Diga-no que é. Se há uma maneira de parar isso, eu quero saber, e não me importo que pareça loucura.

— Prepare-se para a loucura — disse David.

O Sr. Patterson ficou em silêncio por um momento, como se estivesse decidindo se contaria seu segredo. Kara viu o menor traço de uma faísca em seus olhos.

— Sim, mas nem tudo está perdido.

— Você está falando por enigmas de novo, velho. — David finalmente largou a mão de Kara e levantou-se. — Se você tem algo a dizer... se você tem um plano na sua cabeça... estamos ouvindo.

Apesar da gravidade da sua conversa, o Sr. Patterson sorriu:

— Acho que tenho.

Ele olhou para Kara e seus amigos por um momento e, então, adicionado com mais convicção:

— Creio que ainda temos uma chance de ganhar, de sairmos vitoriosos... e salvar o mundo.

— O que é? — David cruzou os braços sobre o peito, convencido.

Peter olhou esperançoso e chegou um pouco mais perto para ouvir o plano do velho.

O Sr. Patterson acariciou um pacote redondo dentro do bolso da jaqueta.

— Eu conversei com os oráculos e as mães dos oráculos, e nós elaboramos um plano. Não podemos destruir o que é indestrutível, mas

podemos encontrar uma maneira de confiná-lo.

Outra onda de dor percorreu Kara, e ela lutou para manter a voz firme:

— Quer dizer colocá-los de volta em sua gaiola?

— Exata mente.

— Mas... — Kara fez uma careta. A dor parecia se derramar sobre suas asas como cera quente, mas logo diminui. Por sorte, todos interpretaram sua carranca como intensa determinação em vez de dor.

— Os arquidemônios não são burros. Duvido que eles caiam de novo no velho truque da prisão da Legião.

— Exatamente — disse o Sr. Patterson novamente.

Seu rosto se iluminou:

— E é por isso que o plano é brilhante e vai funcionar. Eles não esperam que tentemos de novo.

Os guardiões olharam o homenzinho em silêncio. O Sr. Patterson estreitou os olhos. Ele parecia um pouco ofendido por que eles não acharem seu plano brilhante.

David forçou uma risada:

— Eu disse que seria loucura - não, não é loucura, é uma insanidade. Não temos chance de sucesso, pois os arquidemônios já conhecem o plano.

— Não necessariamente. — Kara estudou o oráculo. — Você deve ter algo na manga para acompanhar seu plano. Não é?

O Sr. Patterson disse febrilmente:

— Para impedir o Apocalipse, temos de parar os arquidemônios, e para fazer isso... nós devemos selá-los em sua prisão.

Ele fez uma pausa e observou as expressões confusas nos rostos dos Guardiões. Ele decidiu explicar melhor:

— Teoricamente, a gaiola deles ainda está lá. Ainda existe. Nunca foi destruída, mas apenas aberta.

Kara se mexeu na cadeira animada, esquecendo sua dor:

— Então, podemos prendê-los de volta. Isso é bom, certo? Mas podemos realmente fazer isso?

O entusiasmo dela morreu quando ela olhou para Peter.

— Mas como? A chave foi perdida... levaram ela e provavelmente a destruíram.

Peter olhou como se ele estivesse revivendo o ataque selvagem do diabinho que quase havia lhe custado sua vida angelical.

O Sr. Patterson assentiu com a cabeça e levantou um dedo:

— Sim, a chave da gaiola foi destruída, mas há outra maneira.

Feliz em ter a máxima atenção, ele continuou animadamente:

— A prisão dos arquidemônios inicialmente foi trancada por cinco selos diferentes, ou cinco fechaduras diferentes, se preferir. O primeiro selo foi quebrado com a chave do Guardião que a mantinha.

Todos os olhos voltaram-se para Peter.

— Mas, como eu disse antes, para os arquidemônios recuperarem suas forças em nossos mundos, outros quatro selos devem ser quebrados. E como os quatro cavaleiros têm a capacidade de quebrar os quatro selos restantes, acreditamos que, se pudermos parar os cavaleiros, os arquidemônios serão forçados a voltar para a prisão abismal deles.

Após um silêncio mortal, Kara perguntou:

— E por que isso exatamente?

— A força vital que nos protege está vinculada aos selos. Se um cavaleiro não quebrar seu selo, parte do muro da prisão vai se reconstruir. Se todos os quatro cavaleiros falharem, os arquidemônios serão forçados a voltar, e os selos trancarão a prisão para sempre.

Kara se apoiou nos braços da cadeira e endireitou-se:

— Então, precisamos impedir que os cavaleiros rompam os selos. Podemos vencer a guerra se conseguirmos fazer isso.

— Correto.

E, então, sua ficha caiu. Se de alguma forma ela conseguisse mandar os arquidemônios de volta para a prisão, então, talvez a infecção que haviam injetado nela morreria também. Fazia sentido. Se o poder dos arquidemônios era vinculado aos selos, então, eles precisavam quebrar os selos para completar sua transformação. Enfim, Kara se sentia mais esperançosa. Ela havia encontrado a maneira de reverter a maldição. Ela se sentia bem melhor. Não, ela se sentia incrível.

— Não fique tão animada — disse David.

Ele começou a andar na sala, mas depois parou e se virou para encarar o velho:

— Você disse que você acredita. E você disse isso algumas vezes. Por que recebo o sentimento de que parte de você não tem certeza de se seu plano vai funcionar?

— Nada nesta vida ou na próxima é certo — disse o Sr. Patterson.

David levantou suas sobrancelhas e, então, o Sr. Patterson disse:

— É uma teoria.

— O quê? — Jenny soltou um suspiro exasperado. — Devemos arriscar nossas almas angelical por uma teoria?

O sorriso do Sr. Patterson desapareceu completamente. Ele parecia chateado. Ele havia lhes dado sua melhor aposta e eles a rejeitavam. A expressão de Jenny suavizou-se quando ela percebeu a tristeza dele.

— Desculpe Sr. P, mas não é suficiente. Não sei se estou disposta a arriscar a minha vida angelical por uma teoria.

— É a melhor coisa que temos. — Kara se levantou. — Nós não temos escolha. Pensem nisso por um minuto. Já sabemos que estas criaturas são ainda mais poderosas que os arcanjos. Sabemos que a Legião já havia tentado e falhado em destruí-los. E eu tenho um forte sentimento de que os arquidemônios são tão fortes quanto eram, talvez mais agora que eles têm esses cavaleiros. A Legião não vai ser capaz de detê-los, então, a melhor hipótese é seguir o plano do Sr. Patterson. Temos que tentar.

Ela não estava prestes a dizer a todos que esse plano podia salvá-la também. Ela estava determinada a prosseguir, com ou sem eles.

— Então, como vamos parar esses cavaleiros? Por onde começamos?

O Sr. Patterson parecia sombrio:

— Isso eu não sei...

— Fantástico — resmungou David. Ele chutou um pedaço de gesso no chão. — Um grande começo para o plano de mestre.

— Tudo o que sei — disse o Sr. Patterson, depois de olhar para David e agarrar sua bola de cristal com uma mão — É que estas criaturas serão mais poderosas do que qualquer coisa que você já enfrentou. Não sabemos nem ao mesmo com o que se parecerão...

— Mais uma boa notícia — disse David.

— Provavelmente são cavaleiros de algum tipo, talvez cavalgando numa besta.

O velho baixou a voz e virou-se para Kara:

— É nessa hora que as asas serão mais úteis. Talvez elas sejam uma bênção disfarçada.

— Duvido muito — disse Kara, escondendo sua frustração. Ela sabia que o Sr. Patterson estava apenas tentando fazê-la se sentir um pouco melhor. Ele se importava com ela e sempre fora seu grande conforto. Mas ela

também tinha a sensação de que ele sabia mais sobre suas asas e sua transformação do que estava falando.

— O melhor conselho que posso dar é seguir o rastro de carnificina, eles serão encontrados.

O Sr. Patterson fez uma pausa e olhou sua bola de cristal pensativa mente:

— Como derrotá-los é outro grande mistério, mas me conforto em saber que tudo tem um ponto fraco. É só uma questão de encontrar qual.

Kara deu um sorriso encorajador:

— A partir de agora, temos quatro dias para impedir os cavaleiros de completar sua missão.

Ele se virou e olhou para David:

— Sabemos que vai demorar sete dias para os cavaleiros quebrarem os selos. Infelizmente, eles têm três dias de vantagem sobre nós.

David rosnou:

— Então, já perdemos três dias. Ótimo.

As asas de Kara se estremeceram de antecipação. Ela estava impaciente para começar e deu seu melhor para esconder o sorriso de seu rosto. Quanto mais cedo eles se livrassem dos cavaleiros, mais cedo ela voltaria ao normal. Naquele momento, ela não se importava com o quão poderosos esses seres supremos provavelmente eram, ela só se preocupava em libertar-se de sua mutação.

Embora nunca admitisse, Kara não sabia o que esperar quando eles enfrentassem o primeiro cavaleiro. Suas armas, treinamentos e habilidades de luta a haviam tornado uma guardiã excepcional. Ela sabia disso. Mas seu corpo doía e esconder a dor latejante em suas asas era quase impossível. Todos pensavam que suas asas seriam vantajosas, mas eles não sabiam o quanto ela sofria. Ela tinha que esconder isso para o bem de todos. O que viria a seguir decidiria o destino de todos, o destino dos mundos.

O plano deles tinha de funcionar.

— Quatro dias. Um dia para cada cavaleiro. Parece bastante razoável e o dia está apenas começando — ela quase disse a si mesma. — Mamão com açúcar, certo?

— Se você diz. — A expressão de Ashley estava sombria.

— Olhe — disse Kara. — Pense neles como demônios - apenas maiores e mais poderosos - mas eles são criaturas ainda malévolas que infectaram

neste mundo. E ainda é nosso trabalho, nosso mandato, proteger o mundo mortal contra qualquer coisa. E nós vamos fazer o que fazemos de melhor. Caçá-los e destruí-los. Todos eles.

Ela sentiu os olhos de David nela, mas ignorou.

— Já se passaram três dias desde a fuga. Como sabemos se eles ainda não romperam um dos selos? E como saberemos quando eles o fizerem?

— Claro, pensamos nisso. — O Sr. Patterson segurou sua bola de cristal com uma mão e colocou a outra dentro do bolso da jaqueta. Ele arrancou quatro argolas de ouro.

— As mães dos oráculos foram capazes de forjar estes quatro anéis com o mesmo material que foi usado para criar a chave do guardião. Os materiais estão conectados com os selos. Eles estão ligados. Se um selo for quebrado, um dos anéis vai desaparecer. Assim, vocês podem ver se o selo foi quebrado ou não.

Ele estendeu a mão:

— Vamos, peguem um.

Para surpresa de Kara, David foi o primeiro a pegar um anel e colocar no dedo. Então, Jenny e Peter pegaram os seus.

Sobrara um anel, mas Kara não podia se mover.

Ela achava que não deveria tomar o último anel. E se não funcionasse por causa de sua transformação? O anel devia ficar com um anjo que não havia sido contaminado, um anjo de pura essência. Ela apertou as mãos em punhos. Além disso, ela estava usando luvas. O anel não caberia nelas, e todo mundo veria as marcas em suas mãos se ela as tirassem. Ela não podia correr o risco. Ainda não.

Ela afastou-se momentaneamente do anel e olhou para Ashley.

— Fique com ele — disse Kara. Ela ficou surpresa que as palavras haviam saído tão facilmente, mesmo que ela sentisse uma pontada no peito. — Pegue o anel.

Ashley balançou a cabeça:

— De jeito nenhum. Todos sabemos que deve ser você, Kara. Além disso, sou nova ao seu clube, então, eu sou praticamente uma novata. Mas se você quiser saber a verdade, eu realmente prefiro não ter essa responsabilidade. Só estar aqui com todos vocês é suficiente para mim.

Kara sabia que Ashley ainda lamentava a perda de seus amigos para os ceifeiros. Alguma parte dela ainda se culpava pela morte deles, mesmo que

não houvesse nada que ela pudesse ter feito para salvá-los. Juntar-se à equipe de Kara havia ajudado Ashley na recuperação, mas ela nunca se recuperaria. Não realmente.

— Não quero assumir o lugar de ninguém, especialmente de você. — Ashley sorriu com uma amizade sincera que foi leal e nunca iria se acabar.

Kara queria sorrir também, mas ela temia as consequências de revelar aquilo cedo demais. Ela devia tirar as luvas? Não. Era cedo demais. Ela não estava pronta. Eles não estavam prontos. Ela não estava pronta para ver o medo e a repulsa em olhos de David quando ele descobrisse as veias pretas em suas mãos e seu corpo.

— Vá em frente, Kara. — O Sr. Patterson se aproximou e ofereceu-lhe o último anel, como se ele já tivesse decidido que seria dela.

— Ashley está certo, ele deve ser seu. Você deve ser a portadora do último anel.

Ela não podia tirar suas luvas, então, pegou o último anel e o examinou por um momento. Era mais pesado do que qualquer anel de ouro que ela já havia visto, mais como dois anéis em um. Então, ela o colocou no bolso.

— Então, você acha que os arquidemônios serão presos novamente se pudermos parar os cavaleiros?

Kara tentou desviar o pensamento de todos do anel, para que ninguém pedisse para ela o colocar no dedo.

— Sim. — o Sr. Patterson deu-lhe um sorriso amargo. — E é o que nós devemos fazer. Porque se não conseguirmos, então, todas as coisas vivas neste mundo e no Horizonte deixarão de existir.

Capítulo 4

Hubei, China

Depois de uma rápida volta ao nível três, para que pudessem reabastecer seus trajes M-5, Kara teve tempo para conferir com os outros guardiões e monitores da Divisão Contrademonios a procura de sinais de anormalidade.

Kara logo estaria de volta à Terra, agora coberta de trevas. Em sua breve estadia na DCD, ela descobriu que a anomalia mais óbvia se concentrava nas áreas cultivadas. O gado e as colheitas estavam sofrendo com a falta de sol, e um dos maiores produtores agrícolas do mundo estava começando a ter dificuldades. Kara não podia ignorar a escuridão. Ela tinha de dar uma olhada.

Kara e sua equipe voltaram para o mundo mortal a procura de sinais dos quatro cavaleiros do Apocalipse. E o melhor lugar para começar seria nas fazendas.

O tempo estava passando.

Os guardiões estavam num vale profundo de campos podres e prados estéreis. As colinas e montanhas negras estendiam-se até o céu escurecido. Kara tentou imaginar como seria o cenário ao sol da manhã, quando a vegetação prosperava em tons de dourados e verdes, beijada pelos raios do sol. Do jeito que estava, não passava de uma vida vegetal cinza e murcha. Milhões de hectares de vegetação haviam queimado e murchado. A colheita de arroz parecia um cinzeiro gigante.

Ela se sentia mal. Ela se lembrou do abismo, um mundo estéril e doente das trevas e das sombras. Aquilo estava errado. Tudo aquilo.

— Então, esta é a China? — A raiva de Kara aumentou ao pisar num líquido preto que parecia tinta. A maioria das plantas parecia ter sido mergulhada naquilo.

— Na verdade, estamos na província de Hubei — disse Peter se abaixando para examinar o líquido preto em uma planta. Ele esfregou-a entre os dedos.

— A terra do peixe e do arroz... Li isso em algum lugar. Deve ter sido muito bonita antes...

— Antes dos arquidemônios fazerem isso — respondeu Kara irritadamente. — Ou eu deveria dizer seus bichinhos de estimação? Aposto que eles fizeram isso. É parte da missão, certo? Destruir a vida na Terra. Bem, eles já começaram com certeza.

Ela sentiu David observá-la. Ele ficava olhando para suas luvas, mas nunca perguntara sobre elas, e Kara estava agradecida por isso.

— É muito triste ver toda esta terra perdida. — Jenny se ajoelhou ao lado de Peter e fez uma careta. — O que é essa coisa preta?

— Não sei. — Peter trouxe os dedos ao nariz e recuou. — Cheira a bile. Acho que é algum tipo de ácido secretado, talvez algum tipo de substância regurgitada.

— Mas como foi parar lá? — disse a David. — Quem ou o que é secretada?

Peter limpou os dedos na calça dele. Ele levantou-se, mas não respondeu. Todos sabiam a resposta a essa pergunta.

Um silêncio desconfortável passou entre os guardiões.

Apenas um desses cavaleiros era capaz de tal devastação? Eles tinham tal poder?

Ela se estremeceu ao pensar no que o Sr. Patterson dissera sobre todas as coisas terem uma fraqueza; ela acreditava nele. Ela iria encontrar essa fraqueza.

Um som fraco chamou atenção de Kara, era como o farfalhar das folhas secas. Mas não havia folhas e nem árvores a quilômetros:

— Aquele som... vocês ouviram isso?

Todos congelaram.

— Não ouço nada — sussurrou David, quebrando o silêncio. — O que você ouviu exatamente?

Kara procurou a terra estéril e se esforçou para ouvir o som novamente, mas tudo o que ela podia ouvir era o fraco soprar do vento.

— Não sei. Já passou, mas foi estranho.

— Provavelmente apenas animalzinho. — Os olhos de Ashley estavam sérios, e ela não parecia convencida do que dissera.

— Acho que este lugar está fazendo você ouvir coisas. — Jenny vasculhou a área. — Eu não gosto da sensação daqui. Uma sensação de morte.

Kara tinha que concordar com Jenny. Havia algo maligno escondido em algum lugar. Ela também sentia. Fosse o que fosse, parecia espreita-los. Aguardando...

Depois de mais um momento de silêncio, David disse:

— Provavelmente, é só o vento. Eu não me preocuparia muito com isso. Tudo aqui está morto.

Mas Kara não estava convencida. Ela havia ouvido alguma coisa. Ela estava certa. Mas o que era?

— Mas que cheiro é esse? — Jenny moveu-se por entre as culturas mortas, seu rosto distorcido em desgosto. — Não é a bile, e não vem deste campo. Cheira a esgoto deixado de fora no sol todo o dia. — Sua sobrançelha se arqueou. — Cheira a demônios.

Kara sentiu o cheiro. Vinha bem do norte de onde eles estavam. Jenny estava certa.

Antes que alguém pudesse detê-la, Kara saltou no ar e bateu suas asas. Imediatamente, ela voou em direção ao cheiro.

O cheiro estava vindo de além da pequena colina ao norte. Não era fácil ver. Tudo parecia cinza e sombrio. Com uma rápida olhada para baixo, Kara sorriu. David, Peter, Ashley e Jenny estavam correndo debaixo dela. Deu um grande prazer poder fazer algo que eles não podiam.

Ela iria sentir falta disso, do voo, das suas asas. Ela presumiu que iria retornar ao normal depois que eles destruíssem os cavaleiros e enviassem os arquidemônios de volta para sua gaiola. Mas se tudo funcionasse conforme o planejado, ela teria apenas quatro dias para voar. Ela faria esses quatro dias valerem a pena.

Com um giro final para a esquerda, ela arqueou suas asas, elevando-os acima da cabeça. Ela as enrolou para trás, seus pés roçaram no chão e ela pousou com um pequeno salto. Ela sorriu. Ela havia pousado com mais graça do que o habitual. Será que outros haviam visto isso? Ao seu virar, seu sorriso desapareceu.

Abaixo da colina, uma vasta bacia se estendia pelo horizonte e desaparecia nas sombras. O chão estava cheio de cadáveres de animais mortos.

Milhares e milhares de vacas, cabras, ovelhas, galinhas e porcos foram empilhados uns sobre os outros em uma cova aberta e gigante. Seus corpos

estavam magros, com a pele e o couro tão esticados que eram quase transparentes.

Como eles podiam ter morrido de fome em apenas três dias? Eles pareciam sugados, sem sangue, sem órgãos, apenas pele e osso. Até mesmo suas peles e penas haviam caído. Seus olhos estavam vazios e seus corpos estavam banhados no mesmo líquido preto.

Kara sabia que eles morreram em dor. Era a coisa mais horrível que ela já havia visto. Não parecia real. Era horrível demais. Nenhum demônio tinha o poder de causar tanta devastação. Somente um deus, um deus maligno, poderia ter feito isso.

Em vez de chorar pelos mortos, Kara explodiu de raiva. Ela queria destruir os arquidemônios... ela queria matar todos eles...

— Oh. Meu. Deus. — Jenny caiu de joelhos ao lado de Kara, com a mão na boca. Peter se ajoelhou ao lado dela e colocou os braços ao redor de seus ombros tremendo.

— Isto é doentio. — David parecia quase tão irritado quanto Kara.

— Deve haver milhões de animais mortos lá embaixo. Como todos eles acabaram assim? É como se eles tivessem sido buscados e lançados neste vale para morrer. Que tipo de monstros poderia ter matado tantos?

— Os arquidemônios são tão poderosos quanto os deuses — disse Kara. — E os quatro cavaleiros devem ter um monte desse poder. Está bem claro que eles fizeram isso. É a sua missão destruir a vida, para que eles possam quebrar os selos para seus mestres.

— Não sei o que eu esperava encontrar. O Sr. Patterson disse que eles não eram nada como o que já enfrentamos antes. Mas isto...

Ela perdeu a esperança. Ela não sabia como imaginar que ela seria capaz de derrotar os quatro cavaleiros do Apocalipse, se isso fosse alguma indicação de que eles poderiam fazer. Como ela iria derrotar até mesmo um único deles?

Kara ouviu aquele som estranho novamente, como se alguém estivesse afiando centenas de facas.

— Mas quem fez isto? — perguntou David. — A morte? É preciso ser a morte.

Kara observou a devastação.

— Não acho que seja aquele chamado de Morte. Está mais para a Fome. Matou as colheitas e os animais. Ele destruiu nossa fonte de alimento, e

agora milhões de pessoas vão morrer de fome. A Morte teria deixado as colheitas e focado apenas nos animais.

Seu rosto tornou-se sério quando ela percebeu a verdade de suas palavras.

— Você acha que estamos atrasados? — perguntou David.

Kara só podia olhar para ele.

Ashley se aproximou, com uma espada longa empunha:

— Verifiquem seus anéis. Nós saberemos se um deles estiver desaparecido.

David, Peter e Jenny estenderam suas mãos. Seus anéis de ouro brilhavam nos seus dedos. Kara pôs a mão no seu bolso e procurou pelo anel. Por um momento horrível, ela não o encontrou. As luvas dificultavam seu tato. Mas, então, seus dedos tocaram em algo sólido, e ela tirou seu anel de ouro.

— Não estamos muito atrasados — ela disse esperançosa. — Os selos ainda estão todos intactos. Ainda temos tempo.

De repente, Jenny gritou.

Kara olhou para onde Jenny estava olhando.

Os cadáveres dos animais se moveram. Os corpos se retorceram e se empurraram desajeitadamente. Seus membros se moviam sem propósito. Seus corpos rígidos estalavam.

E bem quando ela pensou que os animais estavam possuídos e voltando dos mortos, milhões de insetos saíram da boca e dos olhos deles. Eles empurraram os cadáveres e puseram em direção os guardiões, como um tapete em movimento. Seus olhos vermelhos brilhando com inteligência misteriosa, e suas carapaças pretas brilhando na luz suave.

A princípio, Kara pensou que fossem aranhas, mas, então, um enxame levantou voo como uma nuvem negra com raiva. Um ruído ensurdecedor encheu o ar quando os insetos bateram suas asas. Soava como facas sendo afiadas. E à medida que eles se aproximavam, ela os reconheceu. Gafanhotos. Milhões de gafanhotos.

— Bem, agora sabemos de onde vieram as secreções.

Peter olhou para a onda de gafanhotos e balançou sua lâmina como um mata-moscas:

— Eu odeio insetos.

Kara odiava insetos também, especialmente gafanhotos. Ela odiava como eles costumavam se agarrar a suas roupas quando ela saía para longas caminhadas nos campos na casa da avó. Ela se lembrou dos agricultores vizinhos reclamando sobre como eles comiam todos os campos de milho em questão de horas. Havia algo realmente assustador no quanto eles podiam comer.

Mas estes pareciam diferentes. Eles eram muito maiores, e eram tão negros como a noite. Do que ela se lembrava, os gafanhotos normais não devoravam animais.

— É impressão minha ou são seus olhinhos estão olhando para nós? — perguntou Jenny.

Ashley deu um passo cuidadoso para trás:

— Eles estão olhando para nós.

David praguejou:

— E pensar que eu esqueci de arrumar meu repelente de insetos.

— Duvido que repelente funcionasse com estes — Kara disse secamente.

— Não são insetos normais.

A luz desapareceu dos olhos de David:

— Tem razão. Eles são mais como insetos do demônio.

Kara viu a nuvem de insetos pairar no ar, se virar e parecer que estavam se preparando para atacar.

— Você tem algum plano brilhante?

— Não. E você?

Kara balançou a cabeça:

— Não. Talvez se nós andarmos de volta muito lentamente eles não ataquem...

A gigante nuvem de gafanhotos mergulhou em direção a eles.

— CORRAM! — gritou David se virando e correndo de volta.

Kara só teve tempo de soltar seu anel de volta no bolso, antes que a nuvem de insetos a atingisse como uma parede de tijolos. Ela foi se arrastando no chão enquanto os gafanhotos cobriam seu corpo, arranhando e mordendo a pele dela, suas asas e seu rosto. Ela bateu suas asas e acenou com as mãos freneticamente em pânico para espantar os gafanhotos. Mas eles eram muitos. O zumbido de suas asas e o mastigar de suas bocas minúsculas na pele dela bloqueavam todos os outros sons. Ela podia sentir sua pele ser puxada e comida. Ela podia sentir o veneno, como um ácido,

escorrer dentro de seu corpo. Os insetos minúsculos rasgavam sua pele angelical como piranhas selvagens.

Ela se debateu ao máximo, como um animal selvagem, em pânico. Ela não via nada. Ela tentou abrir seus olhos, mas os gafanhotos mantinham suas pálpebras fechadas. Ela os sentiu morder seu umbigo, e entrou ainda mais em pânico quando eles tentaram entrar em suas orelhas. Quando ela abriu a boca para gritar, mais gafanhotos apareceram.

Kara cuspiu os gafanhotos, cheia de terror. Ela sentiu pequenas patas, como agulhas, tentando abrir sua boca para que os gafanhotos entrassem e a devorassem por dentro. Ela se lembrou dos animais que eles viram e pensou que era assim que eles haviam morrido, comidos por dentro.

Apesar do constante zumbido nos ouvidos, ela pensou ter ouvido gritos. Era o David? Os outros estavam cheios de gafanhotos também? Se ao menos ela pudesse voar. Sim!

Ela tentou desesperadamente abrir suas asas. Mas assim que ela conseguiu mover suas asas, mais milhares de gafanhotos se agarraram a ela, como se pudessem sentir o que ela estava prestes a fazer. Eles estavam se comunicando? Ela estremeceu com o pensamento de gafanhotos inteligentes.

Ela deu um soco para soltar os braços e tentar libertar suas asas. Ela chutou tentando sacudi-las. Mas foi inútil. O peso dos gafanhotos a puxava para baixo. Ela não podia voar. Era como se eles soubessem o que ela estava prestes a fazer antes que ela o fizesse.

Ela caiu, e foi preciso grande esforço para manter a boca fechada. Ela estava agradecida por não precisar respirar. Os gafanhotos a esmagavam.

Ela não podia se mover. Ela não podia gritar. Ela não conseguia pensar. Havia apenas uma coisa a fazer, algo que ela havia prometido que não faria. Mas o que mais ela podia fazer?

A escuridão palpitava dentro dela. Era como um sangue frio que queria se libertar. Kara havia jurado nunca mais invocar a escuridão dentro dela ou sucumbir ao seu poder. Era muito perigoso. As veias negras eram prova disso. A escuridão lentamente estava tomando o controle dela. Ela iria perder-se para ela. E se ela não conseguisse controlá-la? Mas ela não podia deixar-se ser devorada pelos gafanhotos. Era estupidez. Que tipo angelical da guarda morre de picadas de insetos?

Não. Ela não queria. Ela não podia. Ela desejou seu poder elemental...

Jenny gritou, e foi como se algo dentro de Kara se deslocasse.

Sem pensar, ela soltou uma pequena faísca de energia negra, que pulsou através dela. Foi o suficiente. Com força renovada, ela saltou, ficando de pé e batendo as asas violentamente. Ela girou como um pião.

Os gafanhotos caíram. Ela estava surpresa com o quão rápido eles caíram. Era quase fácil demais. Com um zumbido alto, os gafanhotos subiram em uma nuvem enorme e desapareceram no céu escuro. Era quase como se algo os tivesse obrigado a sair. Não importava. Eles se foram.

Com um sorriso de vitória no rosto, ela olhou para seus amigos.

Jenny, Peter, Ashley e David cambaleavam, ficando de pé. Seus rostos estavam riscados de sangue, mas os gafanhotos haviam desaparecidos. Para onde haviam ido os gafanhotos?

Kara foi até seus amigos, mas um súbito medo em seus olhos a fez parar. Eles não estavam olhando para ela. Eles estavam olhando para trás dela.

Havia algo atrás dela.

Kara se virou e seu sorriso de vitória desapareceu.

Uma criatura humanoide de 3 metros estava montada em um cavalo esquelético gigante, com olhos vermelhos brilhando e uma boca cheia de dentes de peixe. As costelas do cavalo se projetavam sob sua pele fina, esticada, sem pelos, doentia. Ele era tão magro que era como se seus ossos sozinhos o mantivessem em pé. A pele branca do cavaleiro parecia papel amassado. Um elmo de guerra com chifres cobria a maior parte de seu rosto, e uma armadura revestia seu esqueleto. Parecia um cadáver mumificado de dois mil anos. Ele empunhava uma espada negra reluzente, do tamanho de uma pequena árvore. O grande cavalo branco olhava para ela com olhos vermelhos ardentes, mostrando os dentes.

Kara soltou um suspiro. Ela estava diante de um dos quatro cavaleiros do Apocalipse.

Capítulo 5

A Fome

— **P**or que não nos disseram que os cavaleiros eram gigantes? — Resmungou David brandindo suas lâminas da alma, mas em seguida ele franziu a testa quando olhou de relance. Ele sabia que suas lâminas não fariam mais do que arranhar o gigante.

— O que você esperava — disse Ashley, com aqueles olhos azuis brilhando com uma audácia que Kara invejada. — Gnomos? Anões? Pequenos duendes?

— Ha. Ha. — David olhou para Kara. — E agora? Por favor, me diga que você trouxe feijões mágicos?

— Feijões mágicos? — Kara forçou uma risada. — Quem me dera ter magia para usar. Só isso.

Kara não queria colocar tudo a perder se movendo. O cavaleiro parecia estar contemplando o que fazer com eles. Ele irradiava poder como mil lâmpadas de calor, mas era um poder esmagadoramente negro e maligno. Mil anos de inteligência brilhava em seus olhos. Essa criatura não havia sido criada há apenas três dias. Ela espreitava há muito tempo.

A terra e os campos pareciam pulsar com sua energia. O cheiro de podridão e decomposição era de como 1 milhão de cadáveres podres. O cavaleiro e seu corcel emanavam um brilho verde, como resíduos tóxicos brilhantes. Kara sabia que o cavaleiro controlava a atmosfera de alguma forma. Ela sentiu uma eletricidade em suas e em sua pele. Nuvens cinzentas anormalmente baixas pairavam sobre eles. O gigante provavelmente podia tocá-los. O ar estava úmido com o cheiro de chuva. O poder do cavaleiro permeava o ar como o silêncio antes de uma tempestade elétrica.

Uma onda de terror percorreu Kara ao trocar um olhar com o cavaleiro. Ela se sentiu paralisada apenas com aqueles olhos. Ele não pertencia a este mundo. Era uma coisa morta, uma coisa maligna que não deveria existir.

Ela fez o melhor para não apresentar nenhum medo enquanto revirava sua mente em busca de um plano. Como destruir essa coisa? Onde estava sua fraqueza? Ela sabia que este cavaleiro era o da fome, e como seus anéis

ainda estavam intactos, ela sabia que ele não havia quebrado o selo. Ainda não. Ela tinha de criar coragem. Mas como destruí-lo?

David se inclinou e sussurrou:

— Por que não está se movendo?

— Não sei — Kara sussurrou de volta, mas ela estava certa de que, por algum motivo, ele estava esperando. E isso só podia significar algo muito ruim.

— Talvez ele esteja esperando que nós demos o primeiro passo. Mas seria estupidez, pois duvido que nossas armas façam sequer um arranhão.

— Ele cheira como um demônio — David percebeu. — Talvez ele morra como um demônio.

— Ele não é nenhum mero demônio.

Uma raiva fria se espalhou pelo rosto de Kara:

— Parece... diferente... mais poderoso e maligno. Então, como faremos?

— Acho que estamos prestes a descobrir.

Kara cerrou a mandíbula. Ela acharia uma maneira de destruí-lo. Ela tinha que conseguir...

— Vocês não podem me destruir — Disse uma voz que soava como se as montanhas estivessem falando.

Kara se enrijeceu e plantou os pés firmemente no chão.

— Voltem agora, anjos. Voltem para o conforto e as delícias de seu reino ou vocês perecerão juntamente com este mundo mortal e tudo dentro dele.

Um sorriso frio se espalhou pelos lábios de Kara. Ela levantou a voz:

— Não vamos a lugar nenhum. É você que deve partir, não a gente. Nós somos os protetores do mundo mortal. Nós somos os soldados que levam a escuridão para fora deste mundo. Este mundo é apenas para os vivos. Você não tem direitos aqui. Parta ou enfrente seu destino.

Os olhos vermelhos do cavaleiro brilharam como carvão incandescente.

— Já desencadeei minha maldição sobre a Terra. Você não pode parar o flagelo. Meros anjos não têm o poder de controlar minha destruição. Ela se espalhará até que todos os recursos naturais do planeta sejam consumidos. Minha praga se espalha mais rápido e silenciosamente que o vento. Vai corromper e contaminar tudo. A Terra já está morrendo. Vocês chegaram tarde demais.

A terra estremeceu debaixo dos pés de Kara, e ela tinha a estranha suspeita de que o cavaleiro havia rido dela. Ele estava zombando deles. Ela

suprimiu um arrepio:

— Não chegamos tarde demais. — Kara sabia que os anéis ainda estavam todos intactos.

— Nós vamos mandar você de volta para qualquer dimensão de onde tenha vindo. E, então, a Terra vai se curar. Isso é o que ela faz. Você pode ter destruído algumas das culturas aqui na China, mas tudo vai crescer de volta, é assim que acontece. A vida encontra uma maneira. É óbvio que você não sabe nada sobre este mundo. Ele sempre prevalece.

O cavaleiro abaixou a cabeça e os chifres no elmo o fizeram parecer um grande touro pronto para a investida.

— Você fala com tal convicção, anjo, mas você não sabe nada sobre o fim dos dias. Minha maldição está sobre seu mundo mortal quer você aceite ou não. Os mortais morrerão de fome. Já começou, e vocês são loucos se acham que podem me parar. No final, vocês se tornaram animais e comerão a carne dos outros mortais.

— Está bem, ele disse que nos tornaremos canibais? — a cara de David se retorceu de desgosto.

— Sim — os olhos de Peter se escureceram. — Não acredito nisso. É uma mentira. Está tentando nos desencorajar... para nos fazer acreditar que os mortais são meramente animais e para não lutarmos. Ele quer que o deixemos terminar o que começou.

— E isso não vai acontecer! — Jenny olhou para o cavaleiro ferozmente — Fizemos um juramento de proteger o mundo dos mortais, e é o que vamos fazer. Não me importo quão assustador você seja. Nós vamos impedir você.

O cavaleiro se inclinou para trás.

— Aceitem o inevitável. Cinco anjos não podem parar os Cavaleiros do Apocalipse. Vocês são fracos e ligados a este mundo. Vocês se importam com esses mortais. Vocês os amam, e isso será a sua ruína. O poder dos arquidemônios é ilimitado. Meros anjos nunca poderiam entender. Minhas palavras não seriam suficientes. Para entender o nosso poder, vocês teriam que ser deuses.

— Você está delirando — bravejou David. — Os arquidemônios não são deuses. Eles são um bando de aborrecimento de deuses. Vocês são todos malucos, porque estiveram presos por muito tempo.

Ele se inclinou e sussurrou no ouvido de Kara:

— O que fazemos aqui? Nós não podemos continuar conversando para sempre.

— Por hora, é o que temos — sussurrou Kara. — Se conseguirmos mantê-lo ocupado tempo suficiente, falando, seremos capazes de distraí-lo do seu trabalho, e ele vai perder sua chance de quebrar o selo.

— Mas não sabemos como eles quebram os selos.

— Acho que tem a ver com o quanto eles espalham suas pragas em sete dias. Eles provavelmente precisam de uma porcentagem. Uma certa porcentagem de todo o mundo tem que sucumbir antes que o selo seja quebrado. De alguma, forma temos que os impedir de alcançar esse objetivo.

— Acho que nós devemos matá-lo, só por precaução.

Kara assentiu com a cabeça. É verdade, se o cavaleiro fosse destruído, eles estariam com vantagem no jogo. O problema era que ela não tinha certeza de como matá-lo.

Ela voltou seu olhar para a criatura.

— Os mortais têm deuses suficiente. — Disse ela, para manter sua conversa. — Eles não precisam de mais, especialmente de deuses que querem prejudicá-los. Não acho que vai dar muito certo.

O cavaleiro zombou:

— Não faz diferença. Aqueles que não vão adorar os deuses das trevas não merecem viver. Quem não crer, vai morrer, seja um mortal ou não.

— Eu tenho certeza de que eles concordariam com você — disse Kara, sem compreender totalmente a quais outras criaturas ele estava se referindo.

— Os mortais têm o direito de adorar qualquer deus que eles queiram. Faz parte de se ser humano, de se ter uma alma, ter a mente aberta e fazer o que achar certo. Quem é você para decidir quem vive e quem morre?

— Os deuses das trevas decidem. Eles são os verdadeiros deuses, e eles exercem o poder sobre todas as coisas.

Embora o cavaleiro fosse aterrorizante, Kara estava começando a ficar irritada com toda a conversa dos deuses das trevas.

— Isso é um monte de conversa para boi dormir, e você sabe disso — disse David. Ele deu um olhar fulminante para a criatura.

O cavaleiro olhou o grupo por um momento:

— O tempo dos anjos e mortais acabou. Os deuses das trevas retornaram. Juntem-se a nós... ou morram.

— Nós nunca nos uniremos a você — bravejou Kara.

Ela estava surpresa com o quanto tremia de raiva. Como essa criatura se atrevia a ameaçá-la, ameaçar os anjos e mortais ou ameaçar este belo planeta. Ela odiava sua voz arrogante, tão certo de que ele já havia vencido. Mas não era o caso. Os anéis eram prova disso. Ainda havia tempo.

O cavaleiro inclinou sua cabeça, e sua boca fina e murcha repugnantemente se abriu em um sorriso de escárnio:

— E mesmo assim alguns de vocês já se juntaram a nós.

Kara ficou furiosa. Ela não gostou da maneira como ele havia dito aquilo, como se alguns anjos já tivessem se debandado para o lado dos arquidemônios. Não. Ele estava mentindo para ela.

— Suas palavras são como veneno — Kara disse seriamente. — Mas diga o que quiser, não importa, porque nós somos o antídoto, a cura para suas pragas. Nós vamos lutar com você, e nós vamos ganhar.

— Você acha que pode me destruir? — riu o cavaleiro. — Cinco anjinhos miseráveis? Estão prontos para ter sua morte final neste mundo? Sua amada Legião lhes enviou numa missão suicida. Eles sabiam que não poderia nos derrotar e ainda assim mandaram vocês. Por que isso? Eles pensam que vocês são tão insignificantes que estão dispostos a sacrificá-los? Esta é a sua sentença de morte, pequeninos. Por que lutar ao lado de uma legião que se preocupa tão pouco com o seu destino?

Kara deu um passo mais afrente, e foi suficiente para sentir o mau hálito do cavaleiro:

— Cale a boca idiota, ou eu vou arrancar essa coisa que você chama de dente.

O cavaleiro revelou seus dentes:

— Suas ameaças são vazias e sem sentido.

— Você não sabe nada sobre nós — disse Kara.

O cavaleiro olhou fixamente para ela:

— Conheço multidões de vocês. Eu sou uma criatura forjada muito antes do tempo dos anjos. Você não pode me derrotar com suas armas. E quando eu matar vocês, porque eu vou exterminar todos vocês, eu vou saborear o momento no qual tomo sua miserável força vital, porque sei o quão estupidamente vocês jogaram sua vida fora - por uma guerra nunca poderia ganhar.

O corcel do cavaleiro relinchou alto, como se estivesse concordando com seu mestre ou rindo deles. Sacudiu sua cabeça e esparramou um lodo

amarelo e preto por todo o chão. Apesar de seu corpo frágil e mirrado, seus olhos estavam cheios de vigor. Se não fosse um cavalo do fim dos tempos, Kara sentiria pena dele e o teria alimentado com feno.

— Isso é o que vamos ver — murmurou David.

Ele se inclinou e sussurrou no ouvido de Kara:

— Se tiver alguma grande ideia de como devemos derrotar esta coisa - agora é a hora.

Kara olhou para David. Ela queria dizer que tinha um grande plano, mas a verdade era que ela não tinha. Ela não fazia ideia de como derrotar essa coisa. Suas novas asas pareciam pequenas e patéticas em comparação ao cavaleiro. E, pela primeira vez, ela se sentiu totalmente impotente.

— Kara? — Ela ouviu Jenny sussurrar atrás dela.

Mas ela não tinha nada para dar. Não havia seu poder elemental mais - a única coisa que poderia fazer uma diferença real - e ela se sentia oprimida pelo peso desta carga.

Ela olhou para cima e olhou para os olhos vermelhos da criatura:

— Este é o aviso final, Fome. Sim, nós sabemos quem você é. Volte para o mundo de onde veio, ou você será destruído. Nós vamos derrotá-lo. Eu juro.

Kara não sabia de onde encontrava coragem para falar com o cavaleiro assim. Ele não era nenhum adversário comum. Ela se perguntava se os cavaleiros eram de alguma forma como os ceifeiros, se sua força de vida era vinculada às suas armas. Se essas criaturas haviam sido criadas pelos arquidemônios, assim como os ceifeiros, talvez ela pudesse matá-las se conseguisse desarmá-las. Parecia muito fácil. Mas o que mais ela podia fazer?

A terra tremeu debaixo dos pés de Kara.

— Os deuses das trevas levantaram-se mais uma vez — disse o cavaleiro.

— Em quatro dias e quatro noites, a Terra vai morrer. Ele vai queimar. E vocês vão morrer com ela.

Kara deu um passo para a frente, esforçando-se para esconder o medo dela.

— Este mundo não pertence a eles, ou a você. Pertence aos mortais!

A terra tremeu de novo.

— Que assim seja.

Quando Kara estava prestes a gritar um pouco mais, o cavaleiro levantou sua espada sobre a cabeça. Um relâmpago negro dançava na lâmina e um trovão ressoou. O corcel relinchou alto, e um líquido negro escorreu entre seus dentes afiados. Kara sentiu um calafrio em suas costas.

O cavaleiro sorriu e apontou sua espada para eles. E antes que ela pudesse reagir, antes que ela pudesse sequer piscar - ramos negros envolveram todos eles - todos, menos ela.

Seus amigos estavam cercados por videiras negras. Os ramos se apertaram, e Ashley gritou à medida que eles cortavam sua carne. Depois, Jenny, Peter e David gemeram de dor quando tufos de névoa negra os envolveram. Em seguida, aconteceu uma coisa horrível.

Todos eles começaram a murchar.

Como os animais mortos no vale, seus rostos se enrugaram, sua pele se esticou e encolheu enquanto eram drenados de sua força vital. Eles pareciam cadáveres de cem anos. Seus olhos perderam o brilho e tornaram-se vazios, cinzentos e vitrificados. A Fome drenava a força vital deles da mesma forma que havia drenado a terra dos seus recursos naturais.

— NÃO!

Kara gritou. Ela não havia tempo para refletir sobre por que o cavaleiro a havia poupado. Ela teve tempo apenas de reagir.

Segurando a lâmina firmemente, ela bateu suas asas com força e investiu contra o cavaleiro bestial, apontando para os olhos dele. Ela iria arrancá-los.

O cavaleiro levantou um dos braços e apontou para Kara. Um punhado de sombras se prenderam em seu peito, apanhando-a em pleno ar e a jogando longe. As sombras apertaram seus braços e sua asa, formando uma teia de sombras negras. Ela caiu no chão como uma pedra. Ela usou todas as suas forças, chutando e gritando. Mas não conseguiu se soltar.

— Pare! Eu vou matar você. Eu vou matar você! — Ela gritou.

Ela levantou a cabeça para olhar o cavaleiro. Ela sabia que a criatura ia matar seus amigos, e ela sabia que não era forte o suficiente para detê-lo.

Indefesa, ela viu horrorizada seus amigos começando a morrer.

Capítulo 6

Uma conexão

A escuridão dentro dela começou como uma faísca e transformou-se num aumento súbito de poder.

Kara quebrou a teia que a prendia e conseguiu libertar suas asas e seus braços. Ela começou a cortar os ramos até se soltar completamente.

O cavaleiro olhou para ela, e ela reconheceu a surpresa em seus olhos vermelhos e sem alma. Ela não era tão fraca quanto ele imaginava. Ela usou a hesitação do cavaleiro em sua vantagem.

Mais rápido do que pensava ser possível, Kara disparou no ar e atacou o cavaleiro, colocando todo o peso e a força que podia em seu ataque. Louca como um animal raivoso, ela só pensava em morte. Ela mataria a criatura que havia ferido os amigos dela... que havia ferido David.

Funcionou.

Ela afundou a lâmina no bíceps esquerdo da criatura e usou o peso do seu corpo para cortar a carne dele. Um sangue negro jorrou no rosto dela. Mas na mesma hora em que cortou a carne exposta do cavaleiro, ela gritou de dor.

Kara tirou a lâmina e olhou para o próprio braço. Ela tinha uma laceração profunda em seu bíceps esquerdo, exatamente onde havia cortado a criatura.

Ela hesitou em confusão por um instante e olhou para o cavaleiro. Ele olhou para ela e sorriu maldosamente, expondo sua boca cheia de dentes negros afiados. Então, ele lhe deu com um golpe brutal que a fez voar.

Ela estava deitada no chão em dor. Ela estava confusa e incapaz de pensar no que havia acontecido.

Antes que ela tivesse chance de se recompor novamente, ela sentiu fortes braços levantá-la do chão. Era David.

Ela estava ligeiramente perdida em sua confusão. David parecia um pouco despenteado, mas sem nenhum sinal da ira da Fome. Seu rosto bonito havia voltado ao normal. Ela se recompôs e inspecionou os outros. Eles pareciam estar ilesos e seguros, no momento.

— O que aconteceu?

David soltou Kara e olhou de Kara para a criatura.

— Acho que... Acho que eu feri ele. Eu o apunhalei e, de alguma forma, isso rompeu a conexão.

O súbito ataque estúpido de fúria de Kara havia funcionado. Mas ela não teve tempo de entrar em detalhes. Seus amigos estavam a salvo. Ela podia lidar com o resto. Ela virou-se lentamente e encarou o cavaleiro novamente.

Ela deu-lhe um sorriso gigante e o desafiou:

— Isso é tudo que você consegue fazer, cavaleiro do Apocalipse?

Ela fez o melhor para esconder o terror que sentiu. Algo havia acontecido entre ela e o cavaleiro, algo mal e aterrorizante.

Ela olhou o ferimento do cavaleiro e passou seus dedos sobre a ferida no braço dela.

Como era possível? O que significava aquilo? Por que o cavaleiro não retaliava?

O cavaleiro tinha a mira livre agora. Ele só precisava balançar sua espada gigante, e ela seria cortada ao meio. Mas o cavaleiro trazia uma estranha calma em seus olhos, como se ele soubesse de algo. Mas o quê?

Algo definitivamente havia ocorrido entre eles.

Kara se estabilizou e resistiu ao impulso de pular de novo. Ela odiava o cavaleiro mais do que nunca agora, mas não quer ter qualquer tipo de conexão com este demônio. Ela queria arrancar os olhos dele para fazê-lo parar de olhá-la. Ela não podia explicar, mas sabia que o cavaleiro sabia exatamente o que ela estava pensando. Sabia o que havia acontecido.

Se eles estavam ligados, o isso realmente significava? Se ela matasse o cavaleiro, ela morreria também?

David a observava atentamente. Se ela não fosse cuidadosa, ele iria descobrir que ela e o cavaleiro tinham ferimentos idênticos, que de alguma forma estavam ligados.

— O que foi? — Ela provocou o cavaleiro apesar de seus medos.

— Está com medo agora? Pois devia estar. Não achava que eu chegaria tão perto, não é? Da próxima vez, vai ser sua garganta.

— Kara, o que está fazendo? — resmungou David.

— Deixando ele irritado.

— Ele já estava bravo antes.

Ela deu um passo mais para perto. Ela odiava essa criatura pelo medo que causava dentro dela. Se ela, de fato, estivesse conectada a esse monstro,

ela teria que acabar com isso.

Inclinando seu corpo como havia treinado, ela se preparou para atacar de novo. Não importava se ela e essa coisa estivessem ligados de alguma forma. Ela cortaria a cabeça da besta.

Com seu ódio pulsado dentro de seu corpo, Kara saltou no ar.

O cavaleiro abriu a boca.

Ela parou.

Ele abriu suas mandíbulas anormalmente até seu queixo repousar nas costas de seu cavalo. Kara podia ouvir um zumbido emanando de dentro da garganta da criatura. Soava como milhares de tambores batendo.

E quando ela pensou que as coisas não podiam piorar, massas de gafanhotos saíram da garganta dele com uma metralhadora.

Os gafanhotos cercaram os guardiões. Mas justo quando Kara pensou que eles iriam atacar novamente, os gafanhotos se separaram em grupos. Os grupos de gafanhoto se uniram, e Kara viu que eles estavam se transformando em algo. Eles estavam ganhando formas humanoides. Eram homens-gafanhotos!

— O que diabos são essas coisas? — Jenny balançou seu arco por cima do ombro e posicionou uma flecha.

— Acho que não há uma palavra com a qual chamar essas coisas — resmungou Peter. Ele se defendia com sua lâmina, evitando golpes invisíveis.

— Não me importo com o nome disso, desde que possamos matar tudo. — Ashley avançou com a espada empunhada firmemente.

— Eu estou com a Ashley. — David deu a Kara um olhar de soslaio.

Mas Kara não estava observando os homens-gafanhotos. Ela estava olhando para o cavaleiro.

— Seu covarde! — Ela rugiu. — Lute contra nós! Lute comigo!

A fúria a alimentava. Ela mal podia ver o cavaleiro, que parecia estar escondido atrás da parede de homens-gafanhotos. Talvez ele soubesse que ela era a única pessoa que poderia matá-lo. Talvez ele temesse ela. Ela precisava cortar a ligação com este monstro e descobrir, de uma vez por todas, se ela iria se matar no processo.

Não havia tempo para pensar.

Os homens-gafanhotos se posicionaram e, então, investiram contra eles.

— Preparem-se! — Foi tudo o que Kara conseguiu dizer antes de um homem-gafanhoto lançar-se contra ela. Com uma batida de suas asas, ela

saltou do chão, mas não rápido o suficiente.

O homem-gafanhoto pegou a perna dela, e com uma força incrível para uma coisa feita apenas de insetos, ele a puxou para o chão.

Kara bateu suas asas febrilmente, mas outra criatura a agarrou sua outra perna. Era como milhares de agulhas picando sua pele. A criatura se afastou e quando se preparou para atacar outra vez, Kara já estava de pé:

— Você vai pagar por isso.

Ela lançou-se contra o homem-gafanhoto, dando um chute no peito da criatura. O homem-gafanhoto explodiu deixando um fedor de vômito e de esgoto.

Mas os gafanhotos tomaram forma mais uma vez e o homem-gafanhoto veio até ela novamente. Ela deu outro golpe bem forte, só que, dessa vez, na cabeça da criatura. Novamente os gafanhotos se separaram, mas logo retomaram sua forma, como se nada tivesse acontecido.

Pelo canto do olho, Kara viu o cavaleiro de relance. A Fome sentava-se no seu cavalo magro e os observava com uma expressão entediada e irritada, como se já soubesse que ele e seu exército de insetos iriam ganhar.

Kara praguejou em voz alta. Se ela quisesse ser um anjo normal novamente, ela teria de parar sua transformação, ela teria de impedir o cavaleiro de quebrar o selo. Mas ela não sabia como faria isso. Ótimo.

Ela subiu no ar e pairou por um momento, como se tentasse descobrir o que fazer em seguida. Ela puxou sua lâmina da alma de sua jaqueta. Era um palpíte, pois ela não sabia se isso afetaria a criatura, mas ela tinha de tentar algo.

Um homem-gafanhoto tombou sua cabeça, como se estivesse considerando se a lâmina era uma ameaça ou não. Por um momento, ela pensou ter visto um sorriso.

A criatura atacou novamente. Kara se desviou e atravessou o peito da criatura com a ponta de sua lâmina. Um punhado de gafanhotos caiu do seu hospedeiro humanoide como pele queimada descascando de um corpo. Um zumbido estridente soou da criatura, como se ela gritasse de dor.

Kara viu David segurando suas lâminas contra dois homens-gafanhoto. Mas cada vez que ele investia com sua lâmina no peito de uma criatura, embora os gafanhotos explodissem em nuvens de enxame, eles se reformaram em poucos segundos.

Jenny e Ashley não estavam fazendo nada melhor.

Ashley usava sua espada habilmente, cortando duas criaturas de uma só vez, e Jenny atirava flechas atrás da outra. Mas as criaturas sempre retomavam sua forma.

Ela viu Peter e ficou surpresa com como ele também estava dando conta do recado. Mas, então, dois dos homens-gafanhotos se juntaram contra ele, e ele desapareceu sob as garras dos insetos. Peter!

Kara correu em auxílio de Peter, mas algo prendeu suas asas por trás.

Ela sentiu cheiro de bile e ouviu o zumbido de um homem-gafanhoto quando ele puxou suas asas. Ela gritou de dor enquanto alguns gafanhotos dilaceravam seu traje M-5. Ela deu um golpe com sua lâmina... mas errou. O homem-gafanhoto segurava suas asas, e ela caiu do céu.

Kara bateu no chão com força, mas por sorte esmagou um homem-gafanhoto no processo.

Ela rolou e se pôs de pé. Mas bem quando ia sorrir por tanta sorte, outro homem-gafanhoto deu um soco em seu rosto. Luzes brancas explodiram em seus olhos. Ela cambaleou, e outro golpe acertou seu estômago. Os gafanhotos andavam sobre seus olhos, deixando ela sem ver nada. Outro golpe a atingiu na cabeça, fazendo-a virar.

Do canto do olho, ela viu o cavaleiro abrir suas mandíbulas. Mais um enxame de gafanhotos voou para fora, e cinquenta outros homens-gafanhotos se formaram e atacaram.

Ela saltou em direção a seu agressor, apenas para ser agarrada por trás outra vez. Um segundo homem-gafanhoto inclinou-se, sorriu e puxou seu braço. Então, ele socou Kara no estômago, como um tiro de um canhão. Ela sentiu seu traje se estilhaçar quando o punho da criatura perfurou seu estômago.

A criatura puxou sua mão de volta e uma luz vazou da ferida profunda em seu peito. Mesmo antes de ela se engasgar com a dor penetrante, ela sentiu pés pequenos correndo dentro de seu corpo. Os gafanhotos haviam entrado nela.

— Kara! — Ela ouviu David gritar, aterrorizado.

Mas ela não o ouviu. Seu próprio terror estava fora dos limites.

Ela sentia os insetos se espalhando e se multiplicando dentro dela. Kara gritava de terror absoluto enquanto os gafanhotos começaram a sugar sua essência angelical. Ela sentiu-se enfraquecida com o veneno das pragas. Ela

estava vagamente ciente de que mais três homens-gafanhotos haviam começado a atacá-la.

Vagamente, ela ouviu Jenny gritar.

Então, ela ouviu um grito que ela reconheceu como sendo da Ashley. Eles estavam sendo infestados também? Três homens-gafanhotos estavam atacando Ashley, e Kara podia ver a essência angelical de Ashley jorrando de muitos pequenos cortes.

Jenny estava de joelhos, gritando e chorando enquanto batia e cortava os cinco homens-gafanhotos que investiram contra ela.

Kara estava sobrecarregada. Eles não podiam continuar lutando assim. Ela não podia ver ou ouvir sinais de David ou Peter.

David...

Ela sentiu sua própria força evaporar. Suas pernas bambearam e ela caiu. Os gafanhotos estavam dentro dela, comendo a sua essência e espalhando o seu veneno. Ela não podia se mover ou lutar. Havia acontecido tão rápido. E não havia nada que ela pudesse fazer, além de deitar e esperar morrer.

Capítulo 7

Um pouco de escuridão

Sua visão estava borrada, e ela estava prestes a desmaiar, quando sentiu uma pequena faísca dentro dela. A princípio, ela pensou que os gafanhotos finalmente haviam chegado à alma dela, mas, então, ela sentiu outra vez. Dessa vez foi diferente, como uma carga elétrica, como sendo uma bateria recarregada - sua bateria.

Era como se o corpo dela tivesse entrado no modo de autodefesa, e mesmo que não tivesse invocado, as trevas dentro dela começaram a se firmar. Elas não a deixariam morrer.

O corpo dela chacoalhou quando ondas frias de choque a percorreram. Suas asas vibravam. O poder frio fluiu com mais força. Seus dedos se contorciam no chão. O poder a aterrorizava, mas também era inebriante. Ela perdeu o controle para a força das trevas tão rapidamente que nem sabia o que havia acontecido. A escuridão agitava dentro dela, e os dedos dela pulsava com uma nova energia. Uma energia forte.

Era a mesma sensação de poder sombrio que ela se sentira antes; esse poder proibido e selvagem que havia sussurrado para ela e brincava com ela. Ele queria que ela sucumbir à sua força, para se libertar. Embora soubesse que se perderia para aquele poder e que não conseguiria controlar a força que a tomava, ela não se importou.

Aquele poder a havia salvado. E agora ela iria salvar seus amigos.

Kara gemeu e, quando se levantou, centenas de gafanhotos mortos caíram do ferimento profundo em seu estômago. Veias negras se espalhavam pelo peito dela, puxando o ferimento como se fossem pontos costurados, até fechar o buraco. Tirando o rasgado da camisa dela e as veias pretas que cobriam a parte superior de seu corpo, era como se o homem-gafanhoto nunca tivesse lhe dado aquele soco.

Ela sentiu um pico de energia. Suas mãos e pernas pulsavam. Ela ia matar todos eles.

Com sede de sangue nos olhos, ela viu a Fome. O cavaleiro estava olhando diretamente para ela e, por um horrível instante, parecia feliz.

Ela não tinha tempo para se perguntar por que ele parecia tão presunçoso. Ela tinha de ajudar seus amigos primeiro. O cavaleiro seria o próximo na lista para matar.

Kara bateu as asas e saltou no ar. Massas de homens-gafanhotos haviam dominado os amigos dela como uma tempestade de areia. Jenny estava sob uma nuvem de gafanhotos. Ashley estava a alguns metros de distância, e Kara podia ver a essência angelical dela vazar de suas muitas feridas enquanto ela lutava contra as criaturas com as próprias mãos.

Kara mergulhou em direção a Jenny. Ela girou com uma poderosa batida de suas asas, tão violentas que a rajada de vento atirou os homens-gafanhotos no ar e os jogou no chão, numa bagunça preta e verde. Então, ela girou como um pião, espalhando suas asas as lâminas de um processador de alimentos. As bordas de suas asas cortavam, fatiavam, picavam os homens-gafanhotos como um moedor de carne. Tripas e sangue de inseto caíam como chuva pesada.

Ela se perdeu em uma fúria de ódio, em sua fome de matar, e ela continuou matando até que ter aniquilado até a última das criaturas.

— Kara, pare!

Kara parou, mas a escuridão ainda pulsava dentro dela. Ele queria matar de novo. Ela sabia que aquele poder nunca iria deixá-la, não mais.

David correu até ela. Ele observou os insetos decepados e, então, olhou para ela por muito tempo. Seu rosto endureceu e os olhos estreitaram. Por que ele estava olhando para ela assim? Ela não os havia salvado? Ele não deveria agradecê-la?

Peter estava levantando Jenny. Ela havia apanhado bastante, mas estava em muito melhor forma do que Kara havia pensado. Ashley estava ao lado deles com sua espada na mão e um olhar de assassina em seu belo rosto. Seus amigos estavam a salvo. Todos eles. Estranhamente, ela se sentia ótima.

A terra tremeu ligeiramente, e a súbita sensação heroica de Kara morreu com os insetos aos pés dela. Ela deu meia volta.

— Onde está o cavaleiro?

— Ele se foi — disse David. Ele ainda estava olhando para ela com uma expressão perplexa.

Kara se sentia furioso. Eles haviam perdido sua chance de matá-lo. Ela havia perdido a chance dela. Ela temia o que havia sido revelado entre ela e

o cavaleiro. Ela não entendia as verdades que tão desesperadamente queria saber. Para onde ele foi e por quê?

— Os insetos — ela esmagou alguns gafanhotos mortos sob os pés. — Eles eram uma distração para ele escapar. Ele nos manteve ocupados enquanto continuava a espalhar sua maldade.

Ela olhou rapidamente suas feridas. Elas estavam curadas, mas isso não a fazia se sentir melhor.

— Bem, não sei exatamente quando o cavaleiro arrumou as malas e partiu, mas foi na hora em que você partiu para cima dos insetos feito um RAID. — David estava bem na frente dela agora, mas não havia amor ou bondade em seus olhos, apenas medo.

— O quê? — disse Kara.

David não devia olhá-la dessa maneira. No começo, ela pensou que ele estava olhando o braço dela, mas seus olhos permaneceram fixo em seu rosto.

— São insetos? — Kara observava a reação dele. Mas não havia nenhuma. — Ainda tenho insetos por todo o meu rosto ou algo assim? — Ela limpou o rosto com a manga da blusa. — Eles já se foram agora? O que foi? Sério! Pare de olhar assim para mim e me diz.

Os outros estavam olhando para ela também.

— Seu rosto — começou a Jenny. Ela olhou para o rosto de Kara como se fosse a coisa mais feia que ela já havia visto. — Está todo... todo...

— Todo o quê? — Kara sentiu a escuridão aumentas. Ela queria ser lançada novamente, mas Kara a conteve.

O que se passava com todos eles? Eles deviam agradecer por ela ter arriscado sua vida angelical para resgatá-los, não ficarem julgando ela.

— Eu posso limpar mais tarde — Kara rosnou.

— Não é isso. — Kara não estava surpresa que Ashley tivesse um espelho compacto. Ela o deu para Kara.

— Está todo coberto de veias negras ou algo assim. Veja você mesma. Dê uma olhada.

Kara pegou o espelho e olhou para o seu rosto. Esse era o seu pior medo.

Como profundas tatuagens negras, as veias cobriam seu rosto como ramos de videira. Elas se estendiam de seu pescoço até suas bochechas e a testa.

Kara jogou o espelho no chão. Ela se afastou de seus amigos e escondeu seu rosto grotesco com as mãos. Ela tremia de medo e vergonha. Era culpa dela. Ela havia deixado a escuridão a dominar e agora não havia mais volta.

Como ela podia ter sido tão estúpida? Tão descuidada? O oráculo havia avisado que ela mudaria no futuro. Mas agora o futuro dela parecia estar gravado na pedra.

Ela parecia um monstro, porque estava prestes a se tornar um.

Parte dela queria chorar. Um bom grito mortal sempre havia feito ela se sentir melhor.

Mas ela não era mais mortal. Ela nem era um anjo. Não havia razão para chorar. Tudo o que ela sentia era raiva.

— Kara? — perguntou David baixinho. — O que está acontecendo? O que são essas marcas?

Ela abriu a boca para responder, mas a voz dela não saiu. Ela amaldiçoou-se silenciosamente.

— Você sabia que isso aconteceria? Por favor, me diga o que está acontecendo com você — ele implorou.

Quando ele viu o terror nos olhos dela, ele continuou com um toque de humor:

— Eu prometo que não vou rir, mesmo se parecer que você foi convidada para o circo.

Céus, como ela gostava dele. Ela queria bater nele por causa desse último comentário, mas também amava a forma como ele sempre tentava fazê-la rir em situações adversas. Ela não merecia um bom amigo. Mas tudo isso iria mudar quando ela se transformasse em um monstro. Ela se lembraria do rosto dele?

David moveu-se em torno dela, mas ela manteve o rosto escondido com as mãos.

— É por isso que vem usando luvas? Por causa disso? Existem mais destas veias, não é? Agora está no seu rosto, mas em todo o corpo há também. Seu segredo foi revelado, Kara. Você não pode mais esconder isso de nós. Diga-nos. Diga-nos o que está acontecendo.

David não a estava acusando de nenhuma forma. Ele estava surpreendentemente tranquilo e reconfortante.

Finalmente, Kara puxou as mãos do rosto. Ela ansiava por algumas lágrimas. Céus, como ela tinha vontade de chorar! Ela ainda era incapaz de

falar. Ela tirou as luvas para os outros observá-la. Ela havia sido infligida com uma doença incurável. Ela estava corrompida, e só iria piorar.

Ela jogou as luvas no chão e levantou as mãos para todos verem, mas ela não olhou para eles. Ela temia que eles ficassem com nojo dela, e ela estava envergonhada.

Mas pelo que aconteceu em seguida ela não esperava.

Em vez de olhares de repulsa e medo, eles olharam e lhe deram um abraço apertado de urso.

Aquilo era demais.

Os lábios de Kara vacilaram. Os joelhos dela se enfraqueceram e ela mal se deu conta do gemido que escapou de seus lábios quando seus amigos a abraçaram apertado. Ela podia sentir o amor e a lealdade deles. Eles sabiam exatamente do que ela precisava. Ela precisava deles, e os abraçou de volta.

Finalmente, quando todo mundo recuou, ela achou difícil vê-los. Eles nunca haviam compartilhado uma intimidade assim antes, não desse jeito. Mas agora ela sentia que tinha o apoio dos amigos dela.

David ainda tinha os braços em volta da cintura dela. Ela levantou os olhos, e ele disse com um sorriso travesso:

— Por mim, seu corpo poderia estar coberto de escamas verdes. Não importa. Não vai mudar o que sinto por você.

Kara mordeu o lábio inferior. Ela nunca esperava que ele fizesse uma declaração tão forte de seus sentimentos na frente de todos. Ela sabia que os amigos dela estavam cientes do que ela e David sentiam um pelo outro, mas sempre havia sido um entendimento tácito. Nunca havia anunciado de tal maneira antes.

— Você ainda é minha Kara.

Kara balançou a cabeça:

— Você é impossível.

Kara não podia evitar. Ela riu e o empurrou divertidamente. Seu sorriso era tão grande quanto os campos. Ela não conseguia encontrar as palavras certas para agradecer a todos. Talvez ela não precisasse.

— Bem, o cavaleiro desapareceu definitivamente — disse David. — Nossas chances de encontrá-lo agora não parecem tão boas. Ele sabe que estamos procurando por ele e será mais difícil encontrá-lo.

O sorriso de Kara desvaneceu-se:

— Talvez, mas ainda precisamos encontrá-lo. Nós só teremos que procurar melhor, porque ele vai precisar destruir muito mais culturas e animais para quebrar o selo. Nós iremos seguir o rastro de morte que o segue e a gente vai encontrar ele, tenho certeza que sim. É só uma questão de tempo. Ele não pode ter ido longe demais, mesmo sendo sobrenatural.

Olhando os hectares de culturas mortas e doentes, Kara se perguntava o que ela faria quando ela enfrentasse o cavaleiro novamente. Ela poderia matá-lo sem se ferir ainda mais? Ela pensou em perguntar ao Sr. Patterson o que ele achava dessa conexão entre eles. Se alguém soubesse detalhes sobre os cavaleiros, esse alguém seria ele. E ela não cometeria o mesmo erro de esconder nada de ninguém, não mais.

— Bem, independentemente do que decidamos fazer, temos de nos apressar — disse Jenny. Ela olhou para seu relógio de pulso. — O dia está quase acabando. Se não encontrarmos e destruímos em breve, teremos apenas três dias para achar e matar todos os quatro deles. Não temos muito tempo. E se os outros cavaleiros forem tão fortes como ele?

— Tenho certeza de que são — interrompeu a Ashley. Ela girou sua espada no ar como se estivesse cortando gafanhotos invisíveis. — Eles provavelmente são piores.

Jenny deu de ombros:

— Então, nós não fizemos nenhum progresso real.

— Nós acabamos derrotados — resmungou Peter. Ele tirou os óculos e começou a limpá-los na camisa. — Precisamos fazer algo melhor. Se os cavaleiros são tão fortes, vocês podem imaginar o que eles vão fazer à Legião? O Sr. Patterson estava certo - eles serão aniquilados. Cabe a nós impedir que os cavaleiros rompam os selos.

— Torcendo para que o plano do velho realmente funcione — disse David.

Ele viu o olhar irritado que todos lhe deram:

— O que foi? Ele disse que acreditava! Vocês estavam lá, ouviram ele falar. Mesmo que ele não esteja inteiramente certo de que seu grande plano funcione.

— Vamos fazê-lo funcionar. — Peter colocou os óculos no rosto.

— Kara o fará funcionar, certo, Kara? Todos nós vimos isso. A criatura nos deixou ir. Você fez algo para isso, não é? O que foi?

— Eu feri ele — ela respondeu.

Os olhos de Peter brilharam:

— Como você conseguiu isso?

— Bem, eu não posso dizer que fiz isso de verdade, porque eu duvido muito. Foi mais uma surpresa. Ele foi pego desprevenido, daí eu o cortei com a minha espada. Aconteceu muito rápido e para dizer a verdade eu não sei como ele me deixou chegar tão perto. Mas eu consegui. Talvez ele estivesse muito ocupado tentando matar todos vocês e não me viu chegando. O corte não foi muito profundo, mas deve ter sido doloroso o suficiente para soltar vocês.

Ela não podia contar a eles sobre a ferida que havia aparecido em seu próprio braço, pelo menos não até que isso fizesse mais sentido. Ela falaria com o Sr. Patterson primeiro.

— Ótimo — disse Jenny alegremente. — Pelo menos um de nós conseguiu algo hoje.

O rosto de Kara estava sem expressão:

— Não se empolgue. Não chamaria isso de uma conquista. Ele foi pego de surpresa, isso é tudo. Duvido que o cavaleiro vai me deixar chegar perto dele novamente.

David soltou um longo suspiro e olhou para o céu. Ele guardou suas lâminas dentro de sua jaqueta:

— Bem, não pode ficar pior do que isso.

— Oh, isso é o pior — disse Ashley. Todo mundo se virou para olhar para ela. Ela apontou sua espada para a mão de Peter.

Os olhos da Jenny se arregalaram:

— Ah, não. Peter, seu anel!

Peter ergueu a mão do anel. O anel dele tinha desaparecido.

O primeiro selo havia sido quebrado.

Capítulo 8

Segredos e mentiras

Foi com uma sensação de medo que os outros e Kara viajaram de volta para o Horizonte. Eles não conseguiram impedir a Fome de quebrar o selo. Os arquidemônios estavam se aproximando de sua vitória.

Kara se escondeu nas sombras enquanto esperava o resto do grupo ser liberado dos cuidados da Arcanja Rafael. Eles estavam bem, mas o protocolo exigia que eles fossem examinados de qualquer maneira. Ela se recusou a ser verificada, em parte porque ela se sentia bem, mas principalmente porque ela não queria chamar a atenção para si mesma. Ela teve que concordar com o David. Ela parecia um show de horrores. Em última análise, ela iria procurar o Sr. Patterson e depois de se aconselhar com ele, iria decidir se deveria ou não deixar o resto da Legião saber do avanço da sua transformação. Talvez eles nem se importassem. Eles estavam à beira da guerra. Talvez nem a notassem.

O tempo foi passando. Depois de passarem algumas horas no Horizonte para repararem os ferimentos, somente três dias lhes restavam.

Kara esperou por seus amigos em um longo corredor em frente ao corredor da câmara de Rafael. Um grupo de agentes da DCD veio se exibindo, e Kara recuou mais para as sombras, se achatando contra a parede de pedra.

— Quem os mandou nesta missão de qualquer forma? — disse uma voz de homem.

— Eu verifiquei o gráfico, e não havia nenhuma missão de campo atribuída a ninguém. O que diabos eles estavam fazendo? Eles não sabem que tudo é inútil? Precisamos de mão de obra extra. Gabriel disse que seria a maior batalha que a Legião já havia visto. Eles devem lutar ao nosso lado amanhã, quando atarmos os arquidemônios.

Kara franziu a testa, mas se arrastou um pouco mais para perto a fim de ouvir mais.

— Não havia nenhuma missão oficial — disse uma voz de mulher. — Eles foram com a aberração com asas de demônio. Sem dúvida ela orquestrou tudo isso para trazer mais atenção para ela. Ela mentiu para sua

equipe e quase matou a todos. Ela sempre foi um problema para a Legião. Ela deixa todo mundo inquieto. Cathy das Operações me disse que ela deveria ser finalizada no ano passado.

— Sem essa — disse um dos homens.

O humor de Kara ficou sombrio. Ela cerrou os punhos.

— Juro pelas almas — a voz da mulher levantou-se com entusiasmo.

— Há algo de podre nela. Só sei disso. Ela está corrompida, e ela corrompe a todos ao seu redor, como uma maçã podre. Honestamente, não sei por que ficar com ela por perto. Se dependesse de mim, eu iria me livrar dela.

— Bem, não cabe você.

— Sua equipe vai morrer por causa dela, apenas observe — disse a mulher.

— Se eles são estúpidos o suficiente seguir aquela aberração — disse a voz de outro homem. — Então, eles são estúpidos o suficiente para morrerem junto dela. — Todos riram.

— Eu não lamentaria se ela morresse — disse a mulher. — Não precisamos de mutantes assim por aqui. Ela não pertence ao Horizonte. Eles deviam tê-la deixado trancada no Tártaro. Ou melhor ainda, eles deveriam jogar a alma dele como alimento aos demônios.

Todos riam enquanto passavam por Kara.

Ela saiu das sombras. Ela queria gritar com eles, repreendê-los. Ela teve de reunir toda a sua força para não avançar neles. Ela ia mostrar a eles quem era aberração. Ela precisou dizer a si mesmo que eles eram tolos ignorantes.

Mas eles não pareciam saber nada sobre os selos; caso contrário teriam dito. Não. Ficou claro que a sua missão era secreta. Ela podia parecer uma aberração, mas ela era suficientemente importante para o Sr. Patterson e possivelmente para alguns dos outros arcanjos, pois eles lhes confiaram essa missão secreta e vital.

— Idiotas — ela disse para si mesma.

— Ora, ora... O que temos aqui, senhoras?

Kara ficou paralisada. E, então, ela praguejou. Mesmo antes de se virar, ela sabia quem era. Ela manteve a cabeça escondida nas sombras e se virou.

— Kara Nightingale — disse Metatron entre as tragadas de seu charuto. — Aquela que tem a marca - ou deveria dizer: aquela que tem asas.

Kara conteve um rosnado.

— Porque está se escondendo? — Ele riu ao bater as cinzas de seu charuto.

— Com um rosto tão bonito como o seu... estou surpreso que você não o esteja exibindo por aí.

Ele olhou em direção ao grupo de guardiões que acabara de passar por eles. Um sorriso se espalhou nos lábios dele.

— Eu não estava me escondendo

Metatron riu ainda mais:

— Mas você está se escondendo, sim. Mas a pergunta é por quê? E de quem está se escondendo?

O riso do Arcanjo só fez a fúria de Kara se levantar ainda mais. Ele era um tolo arrogante e rude que ainda pensava ser legal por fumar charutos. Ela odiava ele e sua comitiva estúpida. O perfume doce de flor de cerejeira e baunilha estava dando a ela uma dor de cabeça gigante.

— Me deixe em paz — rosnou Kara. Ela se lembrou de com quem estava falando e acrescentou — Por favor.

O rosto de Metatron se contorceu.

— Lembre-se de com quem está falando, guardiã — ele avisou com um tom perigoso em sua voz. — Eu não sou um arcanjo estúpido, covarde. Eu sou o seu comandante, e você faria bem em lembrar disso.

Kara estava prestes a pedir desculpas. Talvez se ela o ignorasse ele se cansaria e iria embora.

Metatron sorriu.

— Ora, ora, Kara. Não somos amigos? Claro que somos. Deixe-me contemplar essa sua bela face.

Mas Kara não se moveu.

— Venha aqui agora — ele ordenou. — Eu não vou repetir.

Kara havia sido pega pelo pior Arcanjo de todos no Horizonte. Por que não podia ter sido descoberta por Rafael? Ela amaldiçoou-se por não ter ido com os outros.

Ela deu um passo à frente e manteve a cabeça para baixo. Mas ela sabia que ele estava perto o suficiente para ver as marcas em seu rosto.

— Oh, céus! — disse Metatron.

A fumaça do charuto dele chegou até o rosto de Kara:

— É pior do que eu esperava. Você esteve ocupada.

Ela levantou a cabeça lentamente e, com raiva, o olhou em seus óculos escuros. A comitiva dele engasgou, mas ela os ignorou.

— Isso não é culpa minha. Eu nunca pedi nada disto.

Kara viu seu reflexo nos óculos de sol dele e se congelou por um momento. O choque daquelas veias negras e grossas tatuadas em seu rosto ainda estava muito fresco. Ela não gostava do monstro que havia se tornado. Ela desviou o olhar e escondeu o rosto sob o capuz.

Metatron deu um trago em seu charuto. Ela odiava não poder ver os olhos dele.

— Talvez não — disse ele, e depois ficou quieto por um tempo. — Mas aconteceu, não foi?

Mesmo que ela não pudesse ver os olhos dele, ela sabia que ele estava observando tudo.

E, então, Metatron disse finalmente:

— Sua transformação parece estar progredindo mais rápido do que eu esperava. — Isso complica as coisas — ele disse a si mesmo.

Que coisas? Kara queria perguntar.

— Como está se sentindo? — Ele perguntou.

Kara achou a pergunta estranha, vindo dele.

— Está doendo? Está sentindo qualquer tipo de dor? Tem febre?

— Febre? Não. Estou bem. — Kara olhou para a comitiva. Um deles olhava diretamente para ela e ria.

Metatron deu outra tragada em seu charuto. Para sua surpresa, ele soprou uma borboleta.

— Certamente você não parece bem. Uma pena. Você tinha um rosto tão bonito.

Ele ficou em silêncio novamente, e Kara teve a sensação de que ele sabia mais do que ele deixava transparecer.

— Estou bem — ela repetiu. Ela não podia deixar que ele a tirasse da sua missão. Ela precisava salvar a si mesma, além resto do mundo.

— Eu ainda posso fazer meu trabalho, se é isso o que preocupa você. Nada mudou.

— Exceto por essas marcas negras em você. — Os olhos dele percorreram o corpo dela por muito tempo.

Kara controlou sua raiva:

— Isso não afeta as minhas habilidades como guardião. Eu sou tão boa quanto eu era antes, melhor ainda por causa das asas. Eu sou de mais valia para a Legião e a minha equipe. A minha... minha condição não vai afetar o meu trabalho. Eu prometo.

As mulheres fizeram cara de deboche. Kara queria cortar fora as cabeças delas.

O Arcanjo lhe deu um sorriso manhoso:

— Isso já está afetando seu trabalho se você sente a necessidade de se esconder nas sombras. Você não pode mais esconder suas asas, e certamente não pode esconder seu rosto.

Ele apontou seu charuto em direção a ela:

— Você diz que suas asas são um trunfo. Então, por que você foge como se sentisse vergonha delas?

— Eu não faço isso. — Kara contraiu as mãos em punhos e concentrou-se duramente para evitar que a escuridão dentro de si se levantasse.

O sorriso de Metatron desvaneceu-se um pouco.

— Apenas os culpados se escondem dos outros, aqueles que não desejam compartilhar seus segredos, aqueles que não querem ser descobertos. Me conta. Você é culpado de alguma coisa, Kara? Que vergonhoso incidente a faz espreitar nas sombras?

— Eu não fiz nada — ela disse friamente.

— Sério? — Metatron dividiu sorrisos com sua comitiva. Kara teve vontade de vomitar.

Ele voltou sua atenção a ela e deu uma longa tragada em seu charuto.

— De onde estou, parece que você está escondendo algo. Eu disse isso antes, sempre sei quando alguém está mentindo... e você, minha querida, está mentindo. Está escrito na sua cara.

Kara vacilou.

— Eu não estou mentindo. Eu não fiz nada. Eu só estou aqui esperando minha equipe. Não me lembro de nenhuma lei contra à espreita nos corredores.

— Uma língua afiada como uma navalha. Eu gosto disso. Acho muito charmoso em alguém tão jovem.

Kara fez uma careta.

— Todos temos nossos segredos - embora eu tenha curiosidade de saber por que você está tão nervosa. Se eu fosse um tolo, eu diria que você pode

manter seus segredos. Mas não sou idiota. E guardar segredos da Legião, de mim, é uma ofensa capital. Eu poderia te mandar direto para o Tártaro sem perguntas ou uma audiência.

— Ótimo — ela bravejou, antes que soubesse o que ia dizer, antes que pudesse controlar sua raiva. — Mande-me para a sua prisão! Veja se eu me importo. Mas se tem tanta certeza de que fiz algo errado, então, por que ainda não me mandou para o Tártaro?

Ela estreitou os olhos, surpresa com sua coragem ou estupidez de falar com tal impertinência ao Arcanjo. A escuridão a deixava com raiva.

— Eu vou dizer. É porque você não tem nada. Porque eu não fiz nada.

Para seu espanto, Metatron riu:

— Você é tão mal-humorada e insolente. Quanta raiva em um corpo tão pequeno! É uma das razões por que gosto tanto de você, e por isso não a mandaram para o Tártaro... ainda. É porque eu gosto de você, e eu gosto de ter você por perto. Não existem muitos anjos que têm a coragem de falar comigo como você faz. Na verdade, não me lembro disso acontecer há mais de trezentos anos... e pensando nisso, aquele anjo ainda está no Tártaro.

A garganta de Kara ficou apertada quando ela se lembrou dos ecos das almas perdidas que ela ouvira durante a sua estadia na prisão angelical. Ela se perguntou se teria ouvido o choro desse pobre e esquecido anjo. Como Metatron esquecera um anjo durante trezentos anos naquele lugar desprezível? Isso só a fazia odiá-lo mais. Por que a Legião nomearia um comandante tão cruel e indiferente? Era uma loucura.

Metatron sorriu.

— Eu admiro um guardião que não tem medo de falar o que pensa. Você diferente. Mas como eu disse, nem sempre de forma positiva. Sorte para você que eu a acho divertida.

— Maravilhoso. — Kara entrou de volta nas sombras do corredor e engoliu o grito que segurava dentro dela.

— Engraçado, sim, mas igualmente significativa. — Metatron ficou mais próximo a ela e passou os dedos em suas asas. A pele dela se arrepiou com a proximidade, mas ela não se mexeu.

— Verdadeiramente, suas asas são notáveis — continuou o Arcanjo. — Mas estas... Estas veias contam uma história diferente, não é?

Kara estava inquieta, mas ao mesmo tempo notavelmente firme. Ele estava ciente das trevas que fervilhava dentro dela? Quanto será que o Sr.

Patterson e os oráculos haviam contado à Legião sobre o futuro dela?

Talvez ele não soubesse... ainda não.

— Qual é o propósito delas? — Ele perguntou docemente, muito próximo a ela. O hálito dele era como um cinzeiro. — Por que elas estão aí afinal? Elas estão tentando nos dizer algo? O que significa tudo isso?

Kara ergue sua sobrancelha:

— Você sabe tanto quanto eu.

Ela não lhe contaria nada. Ele teria que arrancar qualquer informação dela a força. Céus, por que ele simplesmente não ia embora?

Metatron a observou em silêncio por um momento.

— Bem, tenho certeza de que, sejam quais forem os propósitos, eles irão revelar seu mistério em breve. Suas asas não parecem representar nenhum tipo de ameaça que eu possa ver... no momento. De qualquer forma, eu permiti que ficasse na Legião até descobirmos mais sobre estas marcas terríveis.

— Obrigada. Tenho certeza que sim.

Algo mudou no reflexo dos óculos de Metatron, seu sorriso se desfez:

— Você é muito ingrata.

Isso era demais.

— Ingrata? Eu sou ingrata!

Agora ela estava gritando:

— Depois de tudo o que aconteceu comigo? Repetidas vezes sem ser capaz de parar, sem ser capaz de dizer não! Eu nunca pedi para ter um poder elemental! Nunca pedi para ter estas asas... essas marcas. Eu nunca pedi para ser um anjo. Apenas aconteceu, e eu não pude dar nenhum palpite. E eu fui ingrata por tudo isso? Por todas essas coisas que sempre acontecem comigo? Não. Sempre só mostrei meu apreço e minha devoção à causa porque eu acredito nisso. Mesmo se não acreditam em mim. Sempre fui grata. Faço meu trabalho com o melhor de minha habilidade e eu salvei a vida de incontáveis mortais e najos. Se isso é ser ingrata, então, atire em mim.

Kara se balançou com raiva. Ela havia levado esses sentimentos com ela por tanto tempo, e agora eles haviam explodido. Seu único arrependimento era jogar tudo na cara de Metatron, o único que realmente poderia mandá-la embora para sempre.

O sorriso das mulheres havia desaparecido completamente. Seus rostos bonitos pareciam atordoados. Elas olhavam Metatron e esperavam. Ninguém se moveu. Ninguém disse uma palavra. O fato de que elas não estavam rindo de sua súbita explosão era uma resposta em si - ela havia ido longe demais. Metatron nunca deixaria para lá, especialmente na frente de suas fãs. Ele iria puni-la severamente.

Kara se preparou.

Ele bateu as cinzas de seu charuto.

— Bem, alguém se esqueceu de tomar seus comprimidos esta manhã. — Ele olhou para ela. — Estou generoso hoje, então, eu vou fingir que não ouvi nada dessa birra infantil. Porque é isso o que foi, não é? Uma birra, causada por estresse, sem dúvida.

Quando Kara percebeu que ele estava esperando que ela respondesse, ela disse:

— Sim, sim acho que tem razão. Eu deveria ser grata a você.

Por que ele não estava mais zangado com ela?

Ele parecia quase triste. Ela não podia ver seus olhos, mas estava claro agora. Ele sentia pena dela, e ela se sentiu zangada outra vez. Ela não queria que ninguém sentisse pena, especialmente não ele.

Metatron a estudou por um longo tempo e, em seguida, adicionou:

— Onde está seu amado David? Vocês dois geralmente são inseparáveis, como duas ervilhas em uma vagem, certo?

Ele riu e levantou as sobrancelhas:

— Então, o que ele pensa sobre seu visual mais recente? Ele está mais ou menos inclinado a ficar com você? Não vou nem tentar adivinhar.

Kara sabia que ele estava apenas tentando irritá-la, e ela não cairia naquele joguinho. Em vez disso, ela perguntou:

— Ouvi dizer que a Legião está planejando um ataque aos arquidemônios amanhã. Tenho certeza de que você está muito ocupado com os planos e tudo mais. Não quero tomar seu tempo de uma coisa tão importante.

Kara não esperava que ele respondesse, mas ela achou que não havia nada a perder.

Metatron franziu a testa:

— Você ouviu? Ariel não a informou? Não é do feitio dela.

O queixo de Kara caiu. Obviamente, ele não sabia da sua missão, e ela estava prestes a estragar tudo com sua boca grande.

— Sim. Claro que sim — ela mentiu rapidamente.

— Estamos prontos, fisicamente e mentalmente. É só...

Ela vacilou e amaldiçoou-se por sertão estúpida. Não havia nenhuma missão oficial. O Sr. Patterson os havia mandado por conta própria, por desespero, sem conhecimento da Legião. A Legião não havia aceitado sua teoria sobre os selos e os cavaleiros. Mas agora Kara e os outros estavam em um terreno perigoso - já estavam em uma missão secreta e não autorizada.

Por um momento, ela se sentiu eufórica. Ela nunca seguia as regras quando quebrá-las era muito mais emocionante.

Mesmo assim, o Sr. Patterson devia tê-los avisado.

— O que foi? — exigiu o Arcanjo.

— Eu pensei que talvez... Eu estava esperando que talvez você pudesse impedir isso.

— Impedir isso? Você perdeu o juízo? — o rosto de Metatron ficou sério.

— Eu não impedir nada. E por que eu faria tal coisa? Temos que acertar esses arquidemônios com tudo o que temos. Eles são uma ameaça para nós e para o mundo mortal. Estas criaturas querem nos aniquilar. Você sabe o que isso significa?

— É claro que sim. — Kara se endireitou.

— Temos de destruí-los antes que eles tenham uma chance de atacar primeiro. Não há outra alternativa. Vamos atacar com força. Com as legiões de demônios lutando ao lado de nós, os arquidemônios não terão chance. Isso vai acabar em menos de algumas horas. Eu garanto. Estou confiante de que vamos ganhar.

— E você confiar de verdade nos demônios? — Kara fez o seu melhor para esconder o ceticismo na voz dela.

Metatron era inflexível, mas uma sombra anuviou o rosto dele.

— Não, não confio em nenhum demônio e nunca o farei. Mas eu confio no fato de que eles precisam vencer os arquidemônios tanto quanto nós. Eles têm muito a perder, tanto quanto nós, se as coisas ficarem saírem mal. Os arquidemônios não têm amor pelos demônios também. Se eles não destruírem o Submundo, então, eles o farão se curvar à sua vontade. O inimigo do meu inimigo é meu amigo.

— Não me parece certo. Eles não são confiáveis.

— Não há nenhuma outra forma.

— Mas há, sim, outra maneira.

Kara moveu-se para frente. Ela esqueceu as marcas no rosto e ignorou os olhares da comitiva de Metatron.

— Os demônios têm segundas intenções. Eu sei que sim. Eles vão nos trair, trair você. Talvez queiram morrer, eu não sei. Mas você não pode deixar a Legião atacar os arquidemônios agora. Ele nunca vai ganhar!

A voz dela se levantou:

— Eles vão ser mortos se não pararem com isso. Os arquidemônios vão massacrar os anjos! Todos eles.

As palavras saíram da boca dela:

— Você deve detê-los. Por favor. Não vai restar nada! Eles são mais poderosos do que qualquer coisa neste mundo. Eu acabo de ter um vislumbre de que eles são capazes de...

Ela calou a boca. Ela havia falado demais. O segredo estava no ar.

— Uma amostra? — a voz de Metatron tornou-se mais profunda e mais autoritária. Kara estremeceu ligeiramente sob o poder do seu olhar. Sua comitiva recuou.

— A que vislumbre está se referindo?

— Bem, é mais um sentimento do que um vislumbre literal — ela mentiu. Ela queria bater em si mesma. — Chame intuição angelical. Eu tenho de vez em quando, e eu estou sempre certa.

— Está mesmo? — a expressão de Metatron era ilegível. — Você falou com os oráculos de novo, não é? Qual é o nome daquele mesmo? Sr. Patterson, esse é o nome. O que os oráculos sabem de combate e guerra? Das batalhas? O que os oráculos sabem das estratégias militares? Nada. Eles nunca participaram de nenhuma guerra. Nunca lutaram lado a lado com os anjos. Eles passam os dias deslizando sobre suas bolas de cristal! Bolas de cristal! Eles não sabem nada sobre batalhas ou como ganhar a guerra contra os arquidemônios. E em vez de encher mentes jovens com ideais tolos de guerra, devem prever o futuro.

Kara, sabia que ela havia atingido um ponto fraco. Ela imaginou que o Sr. Patterson e os outros oráculos haviam interferido nos planos de guerra da Legião ao longo dos séculos. Será que Metatron se opusera à recomendação do oráculo de ir atrás dos Cavaleiros do Apocalipse? Ela esperava não ter tornado as coisas mais difíceis para o Sr. Patterson.

— Eu vou ter uma conversa com aquele velho idiota e colocá-lo na linha de uma vez por todas.

Kara estava em um beco sem saída. Não havia nada que ela pudesse dizer para ajudar o Sr. Patterson, sem revelar muito sobre sua missão.

O olhar de Metatron estava fixo nela novamente. Ele estalou a língua:

— Isso simplesmente não vai funcionar.

— O que disse?

O Arcanjo se afastou dela:

— Seu rosto, essas marcas, suas asas... tudo isso. Está claro para mim agora. Isso causará um problema para o nosso acordo.

Kara estremeceu. O infame acordo!

Ela não havia se esquecido disso, mas não achava que isso seria relevante. Metatron concordou em não torturar David porque ele queria obter informações dela. Ele ofereceu-lhe um acordo em troca da segurança de David, e ela havia aceitado. Ela nunca contara a ninguém, nem mesmo a David. Ela esperava que o Arcanjo se esquecesse disso. Claramente, isso não havia acontecido.

Mas ele disse que havia um problema?

Kara não aguentava mais isso. Se ele não fosse o comandante geral da Legião, e se ela não estivesse ligada a ele por causa do acordo que haviam feito, ela teria dado um soco na cara dele.

— Sim, o nosso acordo — ele ronronou. — Você se lembra do nosso trato, não é?

Kara cerrou a mandíbula dela. Ela queria gritar. Isso era insuportável.

— Eu posso ignorar suas asas — ele continuou e deu uma longa tragada em seu charuto — Mas não posso deixar você andando assim por aí.

Uma fumaça cinza saiu de seus lábios:

— Isso deixaria minhas meninas constrangidas.

Kara olhou para sua comitiva, que a ridicularizava. Os belos lábios vermelhos e volumosos das garotas se abriram em sorrisos que não eram amigáveis.

— Então... infelizmente... e quero dizer isso da forma mais sincera, porque você era bem bonita...

Kara se inclinou para a frente. Ela ia dar um soco nele.

Metatron deu um toque em seu charuto:

— O acordo está cancelado.

Kara sentiu alívio, raiva e, finalmente, empolgação. Isto não poderia ter acontecido em melhor hora.

Era estranho. Ela pensou ter ouvido um tom de resignação na voz dele. Ele lamentava sua decisão? Havia outra coisa? Apesar de tudo, ela sentiu um formigamento de esperança.

— Nós estaremos em contato. — Metatron virou-se sobre seu calcanhar e desapareceu pelo corredor com sua comitiva.

Kara olhou para a uma nuvem de fumaça de charuto atrás deles.

Ela se sentiu como se alguém tivesse lhe dado o melhor dos presentes.

Ela sorriu perversa mente.

Capítulo 9

Revelações

O Sr. Patterson olhou para o rosto de Kara, com seus olhos bem abertos em alarme.

— Pelas almas! É pior do que eu temia.

David, Peter, Jenny e Ashley estavam atrás de Kara, mas ela podia sentir o medo de todos pelo que estava acontecendo com ela. O pensamento de que eles sentiram pena dela só piorava. Ela não queria a pena de ninguém. Ela só queria confirmar suas suspeitas de que ela podia ter algum tipo de ligação com os cavaleiros e que a conexão lhe permitia quebrar a temida maldição.

Se ela estivesse certa.

— O que isso significa? — Kara puxou o capuz na cabeça.

O oráculo nervosamente se atrapalhou com sua bola de cristal:

— Não sei. Parece que a mutação progrediu mais rapidamente do que se esperava. É quase como se algo a tivesse ativado.

Kara sabia o que havia a havia ativado. Ela havia feito isso.

— Você acha que há mais por vir? — David entrou em cena ao lado de Kara.

Ele havia tomado as palavras da boca dela. Mas ela mal podia olhar para ele, por medo do que o oráculo estava prestes a dizer.

O Sr. Patterson, num piscar de olhos, tirou a tristeza dos seus olhos e olhou para Kara:

— É difícil dizer. Segure isto.

Ele entregou sua bola de cristal a David, que a tomou cuidadosamente, surpreso de que o oráculo confiasse nele para guardar um dos seus preciosos cristais.

Então, o Sr. Patterson, estendeu o braço e pegou na mão dela. Ele passou seus dedos sobre as veias negras cuidadosamente, inspecionando-as. Os dedos dele eram macios e quentes.

— Mais marcas desenvolveram desde o último surto? Desde que as últimas apareceram em seu rosto?

O oráculo inspecionava as mãos de perto:

— Já reparou se eles continuaram a progredir, é o que quero dizer.

— Eu... Eu acho que não.

Kara encarou as veias salientes nas mãos dela e tentou não fazer uma careta. Elas davam nojo a Kara. Ela sentia nojo de si mesma.

— Não estou contando uma por uma, mas elas parecem iguais. Quer dizer, acho que não existe mais. Acho que parou.

— Hmm. — o Sr. Patterson observava silenciosamente. — Ou talvez apenas tenham se abrandado.

— Elas estão mais devagar? — perguntou David, com sua sobrancelha arqueada. — Então, você não acha que parou?

O Sr. Patterson olhou tristemente para Kara:

— Nós nunca saberemos com certeza. Não nem sabemos precisamente o que significam estas marcas.

— Fantástico — rosnou David.

— Mas a Kara ficará bem? — A voz de Jenny ressoou no fundo da livraria.

Jenny deu um sorriso apertado para Kara. Peter e Ashley foram vê-la também. Eles pareciam preocupados, com medo de que ela de repente explodisse ou algo assim.

Kara olhou para o Sr. Patterson.

— Vou falar com as mães dos oráculos sobre isso — disse o oráculo com uma certa urgência.

Ele largou a mão de Kara:

— Elas são as mais sábias da nossa espécie. Talvez tenham respostas melhores para você. Queria que... Quem me dera que tivéssemos mais tempo. Eu poderia fazer alguns testes, talvez encontrar um remédio temporário para retardar a mutação... talvez até achar uma cura.

Uma cura.

— Há uma coisa que eu tenho que dizer. A todos vocês. — Kara esperou até que ela tivesse a atenção de todos. Ela esperava que o oráculo tivesse adivinhado conexão entre ela e os cavaleiros. Mas ele não percebera isso. Agora, ela não havia escolha, senão a de contar a eles o que havia acontecido.

Kara se preparou:

— Acho que eu tenho uma teoria sobre a cura.

— Você nunca me contou isso — disse David com surpresa.

— Isso é porque eu não sabia, não com certeza, bem, até que eu lutei com o cavaleiro.

O Sr. Patterson pegou seu cristal de David:

— Continue.

Todos eles se reuniram mais perto dela:

— É uma teoria. Posso estar errada.

— Mas você acha que tem razão. — o rosto de David estava ilegível.

A garganta de Kara estava apertada:

— Quando eu feri o cavaleiro com a minha espada, eu abri uma ferida profunda em seu bíceps esquerdo. Bem, isso deixou uma marca em mim também.

— Que tipo de marca? — perguntou David tranquilamente.

Kara sempre com os olhos sobre o oráculo respondeu:

— Uma ferida. Igualzinha a que eu deixei no cavaleiro.

Ela viu como os olhos do oráculo se arregalaram. Ela podia ver que sua mente estava fazendo hora extra. Ela quase podia ouvi-lo pensar.

David mexeu no cabelo com os dedos:

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que quando eu feri o cavaleiro, eu senti a dor também. O corte. Tão logo minha lâmina perfurou sua pele - um corte se abriu no meu braço.

O rosto do Sr. Patterson se empalideceu:

— Do jeito que você está nos dizendo, tenho medo de que você compartilhe uma conexão com essas criaturas. Uma conexão física.

Kara já suspeitava de que ela compartilhou uma conexão com o cavaleiro, mas ouvir isso confirmado pelo oráculo tornava aquilo mais provável de ser verdade. Ela estava certa. Havia uma ligação.

Kara assentiu com a cabeça:

— Eu sei. Bem, pelo menos foi o que pensei. Eu estou ligada a eles de alguma forma. O cavaleiro viu a ferida no meu braço, e ele estava tão surpreso quanto eu estava. Ele também não esperava. Então, por qualquer motivo, eu pareço estar ligada aos cavaleiros. Mas o fato de que o cavaleiro parecia não saber que eu estava ligado a ele de alguma forma é ainda mais confuso.

— Então, estando ligada a eles — Ashley começou — você não conseguiria nos avisar antes que ele aparecesse? Você não sente isso?

— Não. Não funciona assim.

Kara não sabia como funcionava. Apenas aconteceu. Ela não estava contente com isso também. No entanto, ela esperava que sua ligação com os cavaleiros pudesse fornecer uma pista de como ela podia se livrar de sua mutação.

Uma sombra passou nos olhos do oráculo.

— Kara, me escute. Não sei o que você está planejando, mas esta... esta energia negra e sobrenatural é a pior que há. Não há nada mais imundo em todos os mundos. Os cavaleiros foram forjados a partir dos arquidemônios, com sua escuridão e maldade. Tudo neles é maligno. Se você verdadeiramente compartilhar esta conexão, pode ser muito ruim para você e para a Legião.

Kara estava silenciosa. Ela não havia pensado nisso.

— Eu gostaria de dizer que eu não estou ligada a eles, mas isso seria uma mentira, porque eu senti. Então, como isso seria ruim para a Legião? Eu sou quem está passando por isso, não eles.

Quanto mais ela pensava cuidadosamente a conexão, pior ela se sentia. Ela havia cometido um erro em dizer a todos?

O Sr. Patterson a olhou nos olhos:

— Porque, minha querida, se estiver ligada a eles, então, eles também estão ligados a você.

Kara sentiu as palavras do oráculo como uma bofetada. Ela mordeu o lábio inferior:

— Eu... Não havia pensado nisso.

— Tente não se preocupar, minha cara. Nós vamos compreender isso, prometo.

Mas Kara só se sentia pior. Ela não tinha certeza do que esperava ouvir, mas definitivamente não era aquilo.

— Quer dizer que ele poderia ler a mente dela ou algo assim? — perguntou Jenny. — Ele poderia descobrir segredos e planos da Legião? Tudo?

Jenny podia estar certa?

Kara estremeceu com o pensamento dos cavaleiros vasculharem sua mente, descobrindo seus segredos mais profundos. Não só da Legião, mas dela própria. Eles poderiam sentir o que ela estava planejando?

Não.

Ela não podia ler a mente deles, nem os sentir, então, ela estava certa de que eles não podiam ler a mente dela também. Qualquer ligação que eles compartilhavam, não era telepática.

Esta conversa não estava procedendo como Kara havia planejado. Jenny não queria aborrecê-la. Ela só estava falando o que vinha à sua mente como ela sempre fazia.

— Acho que ele não pode ler a minha mente — ela disse calmamente para Jenny.

— Tem certeza? — Pressionou Ashley, antes que Jenny pudesse responder. — Quer dizer, como você pode saber disso com certeza?

O olhar de Kara se deslocou para Ashley:

— Porque não consigo ler a mente dele.

— Então, eles não podem ler a mente dela. — David olhou para Kara. — Faz sentido.

— Mas e se não for bem assim que funciona? — disse Ashley. — Como podemos saber com certeza? Nós não podemos, podemos? Estamos dispostos a correr esse risco? Kara... você está?

Mesmo que ela não quisesse admitir isso, Kara sabia que Ashley estava certa.

— Naturalmente não. Mas o que devo fazer? Ainda não acho que eles possam ler a minha mente. E se você estiver certa, você ainda não tem muito com que se preocupar, já que a Legião nunca compartilhou segredos comigo.

Ela não conseguiu evitar o som amargo:

— Não sei nada sobre os planos. Não há muito na minha cabeça que possa prejudicar ninguém, sério. Só besteiras.

— Mesmo assim — começou o Sr. Patterson. — Seria sábio se você não tivesse voltado para o Horizonte. Pelo menos não até eu falar com as mães dos oráculos. Eu acredito que seria melhor para todos.

Kara foi surpreendida.

Isso era uma ordem? Ela não podia voltar ao Horizonte? Ele tinha medo de que ela pudesse infectar a Legião com a doença dela? O Horizonte era a casa dela. Ela não havia percebido o quanto ela se importava com isso até que ele sugeriu que ela ficasse longe. Mesmo que fosse apenas temporário...

O oráculo só estava tentando ajudá-la dizendo-lhe a verdade. E ela precisava da verdade. Além disso, ela precisava estar na Terra para o plano

funcionar e agora ela precisava continuar com seu plano.

— Ok, entendi. Não vou trazer mais riscos para a Legião. Eu vou ficar aqui enquanto eu ainda posso.

— Eu sei que é difícil de ouvir, mas é o melhor a se fazer. — Sr. Patterson alisou sua bola de cristal com a manga e, então, olhou para Kara — E não será para sempre.

— Acho que nos desviamos um pouco do assunto principal, não é? Então, qual era a sua teoria para a cura? O que você acha que sabe?

Com a menção da sua teoria, os pensamentos de Kara sobre o Horizonte desapareceram.

— Como eu disse, é apenas uma teoria... mas acho que isso vai funcionar.

— Então, conte para a gente.

Kara estava animada para continuar.

— Sabemos que os arquidemônios são responsáveis por minhas mudanças. Ainda não sabemos o porquê, mas todos sabem que é obra deles. Também sabemos que os arquidemônios criaram os cavaleiros. Acho que tenho um pouco de tudo o que eles usaram para criar os cavaleiros em mim. Isso explicaria a ligação que tenho com eles. Quando eu vi a ferida no meu braço, depois que apunhalei o cavaleiro, eu soube. Tornou-se claro para mim.

— O quê? — David disse.

— Que eu poderia matá-lo.

— Mas Kara...

— A única maneira de me livrar da minha maldição — Kara bateu suas asas — É me livrando dos arquidemônios.

Ela se sentia animada.

— Todo mundo sai ganhando. Nós podemos destruir os cavaleiros, evitar que eles rompam os selos - os arquidemônios irão voltar para sua jaula e levar seu vírus com eles. Os mundos serão salvos e eu vou voltar ao normal novamente. Eu sei que isso vai funcionar.

David e os outros parecia inquietos.

— O que foi? — disse Kara um pouco irritada por eles não saltarem de alegria com o seu plano e mestre. — Não querem que eu melhore? Não querem que eu volte a ser normal?

— Não é isso, Kara. — os olhos de David estavam cheios de preocupação.

— Então, o que é?

— Você disse que quando você cortou o cavaleiro, isso afetou você também — disse David.

— Sim. E daí?

Kara ocultou a vibração de irritação que subiu por dela. Ela não sabia se era a escuridão dentro dela, mas a sua raiva parecia aumentar muito rapidamente desde sua transformação. Ela tinha de lutar para controlá-la.

David inclinou a cabeça para o lado.

— Isso não significa que você pode estar em risco de se matar, se você matar qualquer um dos cavaleiros?

— Sim — disse Kara.

Ela viu que todos pareciam ansiosos:

— E é um risco que estou disposta a correr.

— Não é um risco que eu estou disposto a correr. — A expressão de David era preocupada. — Eu não vou arriscar a sua vida.

— Você não tem escolha. — Kara falou com a voz mais dura do que pretendia.

— Olhe — ela disse suavemente, se recuperando um pouco — Tudo já está em movimento. O destino do mundo depende de nós. Nós precisamos conversar. Eu sei o que você está pensando, e eu já pensei isso muito tempo. Sim, eu posso morrer... mas talvez isso não aconteça.

David cerrou a mandíbula.

— Não gosto disso, Kara. Parece que toda vez que algo der errado... você sempre acaba sendo atingida com o pior de tudo. Não parece justo. Eu só queria poder tomar um pouco desse fardo, só para que você não tivesse que carregar esse peso sozinha.

O lugar ficou em silêncio.

Kara sentiu uma dor no peito com a preocupação de David por ela. Ela não estava envergonhada por sua súbita revelação. Ela o admirava e o adorava ainda mais por isso. Se eles estivessem sozinhos, ela o teria beijado e jamais o soltaria. Mas eles não estavam a sós.

— Eu sei, e realmente entendo, acredite em mim — ela disse. — Eu queria que as coisas pudessem ser diferentes, mas elas não são. E eu só tenho que aceitá-las. Não quero morrer minha verdadeira morte também, mas

dentro da minha alma, sei que esta é a atitude certa. Vou terminar o que começamos e seguir em frente. Nada mudou, bem, nem tanto. Pelo menos agora sabemos que os cavaleiros podem ser mortos.

— O que te faz ter tanta certeza? — perguntou Peter. — Você só apunhalou um deles e pelo que nos disse, não foi um corte mortal. Você mesmo disse. Você só o feriu.

— Chame de palpite — disse Kara. — Se nós podemos feri-los, então também podemos matá-los.

— Eu tenho que concordar com a Kara, embora me custe — disse Jenny. — É um alívio, mas também aterrorizante ao mesmo tempo — ela continuou suavemente.

Kara sentia um nó na garganta dela.

— Eu vou ficar bem. Confiem em mim. Nós vamos acabar com esses cavaleiros, de um jeito ou de outro. Não se reprimam. Vocês têm que me prometer isso.

Ela caminhou em torno deles, vendo seus olhos.

— Prometam-me que vocês não vão se conter por minha causa. Aconteça o que acontecer. Prometam-me.

Silêncio.

— Pessoal — pressionou Kara. — Eu preciso de vocês nisto. Preciso de sua ajuda, suas habilidades como guardiões. Nós somos a melhor equipa na Legião - juntos. Vocês sabem como isso é importante. É mais importante que eu. É mais importante do que todos nós. É o trabalho mais importante que nós já fizemos. Vocês precisam aceitar, assim como eu aceitei.

— Bem, farei o que for preciso. — David disse um pouco relutante.

Os outros todos concordaram lentamente, e a empolgação de Kara retornou. Eles destruiriam os cavaleiros, e ela estaria livre.

O Sr. Patterson tomou a palavra:

— Você contou a mais alguém sobre isso?

Ele se virou para encarar Kara.

— Não — ela balançou a cabeça. — Esta é a primeira vez que falei sobre isso.

Ela queria acrescentar o fato de que alguém havia visto suas marcas, mas ela não sabia como falar isso sem colocar o oráculo em um estado de nervos ao revelar muito sobre sua discussão com Metatron.

— Mais alguém viu as marcas no seu rosto e nas suas mãos quando você estava no Horizonte? — perguntou ao oráculo. Ele podia muito bem ter lido sua mente.

— Metatron me viu.

O Sr. Patterson franziu a testa:

— Por que isso não me surpreende?

Ele afastou-se dela por um momento, como se tentando se controlar.

Ele voltou sua atenção para Kara, o rosto contorcido de raiva. Ela nunca havia visto ele tão bravo.

— Você falou com ele?

— Sim.

— O que ele disse a você?

Depois de suspirar alto, Kara se lembrou dos eventos que ocorreram entre ela e o Arcanjo. Ele havia visto as marcas e suas asas. Ela lhe disse sobre o ataque aos arquidemônios e quase o avisara dos seus planos. Ela disse ao Sr. Patterson tudo aquilo, exceto a parte do acordo que eles tinham. Ninguém precisava saber disso.

— Peço desculpas por não mencionar que esta missão não era oficial — começou o oráculo.

Ele virou a esfera de cristal na mão ansiosamente.

— Não se preocupe, Sr. P. — disse Jenny sorrindo. — Nós amamos as missões não oficiais.

David sorriu:

— Sim, nós teríamos concordado com isso de qualquer maneira. Todos nós.

— Sim — concordou Ashley e Peter em uníssono.

O oráculo sorriu com a confiança demonstrada por eles.

— Está tudo bem. — disse Kara — mas eu quase nos entreguei. Na verdade, eu tenho certeza de que Metatron vai descobrir mais cedo ou mais tarde. Ele estava realmente irritado.

— Sim — disse o Sr. Patterson com um travesso sorriso nos seus lábios. — Aposto que ele estava mesmo.

Kara compartilhou um olhar de soslaio com David.

— Aconteceu alguma coisa entre você e o Metatron? — perguntou Kara.

A ideia de o oráculo irritando o Arcanjo era doce demais para ela deixar passar em branco. Ela queria saber um pouco mais sobre o recém-nomeado

comandante. Talvez ela pudesse aprender algo para usar contra ele numa possível barganha se ele alguma vez tentasse fazer um acordo com ela novamente.

O Sr. Patterson se despediu com um aceno de sua mão.

— Essa é uma história para outro dia. E não se preocupe com Metatron. Eu vou lidar com ele quando chegar a hora. Agora, é melhor se apressarem. Não temos muito tempo para parar os cavaleiros. É nossa única chance.

— Onde começamos nossa busca? — perguntou Peter, embora sua voz não tivesse muito entusiasmo.

— Boston — respondeu David. Kara levantou suas sobrancelhas na surpresa.

— Eu estava falando com a Arcanja Rafael, e ela deixou a entender que uma praga inteira de doenças se originou em Boston.

— Bem, é um começo — disse Kara.

Ela se perguntava se a Arcanja tinha a intenção de revelar tanto para David. A Arcanja sabia de sua missão secreta? Sua intuição angelical lhe dizia que isso tudo não era uma mera coincidência. Rafael sabia onde um dos cavaleiros estava, e ela simplesmente disse a David onde procurar.

— Parece que isso pode ser obra do cavaleiro chamado Pestilência, certo?

O Sr. Patterson lhe deu um pequeno aceno de cabeça:

— Se Rafael mencionou para David, então, definitiva mente vale a pena dar uma olhada.

Ao saírem, Kara não pode deixar de notar os olhares nervosos que todos lhe davam enquanto eles caminhavam na rua. Eles achavam que ela não podia vê-los?

A notícia da ligação de Kara com os cavaleiros havia abrandado a emoção que eles normalmente sentiam a cada nova missão secreta. A busca era diferente desta vez. Era complicada.

O Sr. Patterson estava na porta da livraria, vendo-os sair. A expressão de seus amigos causava uma dor no peito de Kara, mas não havia lugar para tristeza ou arrependimento agora.

Kara se sentia animada e determinada. Sua mente estava ativa, e ela sussurrou para si a mesma palavra várias vezes.

Normal.

Capítulo 10

Boston, Massachusetts

Kara e os outros ficaram em silêncio enquanto caminhavam ao longo da rua e se dirigiam ao Hospital Geral de Massachusetts, em Boston.

Kara trazia o conforto de pensar que a Arcanja Rafael podia estar do lado deles, mas não isso era o suficiente. O conhecimento de que a Legião havia encomendado um ataque para amanhã deixava sua equipe tensa e no limite. Todos eles tinham amigos na Legião que não sobreviveria ao ataque, não importava quantas legiões ou arcanjos lutassem, não importava o quão resistentes eles pensassem ser. Não importava quantas legiões de demônios lutassem com eles. Os arquidemônios eram mais fortes.

Kara deu uma olhada em um jornal local enquanto passavam pela rua. Culturas e gado em todo o mundo de repente haviam secado, apodrecido e murchado. Os mortais culpavam o aquecimento global e um inverno curto. Mas não havia nenhuma explicação científica para os milhões de carcaças.

Os anjos sabiam bem o que estava acontecendo. Este era apenas o começo.

O frio glacial que Kara sentia ao pensar que iria morrer se matasse um dos cavaleiros nunca a deixou em paz. Ela disse a todos que havia aceitado o seu destino, não importava o que acontecesse. Ela tinha uma reputação pela qual zelar. Mas lá no fundo, Kara estava apavorada.

Ela não queria sua morte verdadeira. Ela queria viver. Não importava se ela sobrevivesse como uma guardiã ou uma mortal, desde que tivesse uma vida com David.

Ela continuava a lutar contra a escuridão dentro dela. Agora que ela a havia libertado, Kara a sentia lentamente se espalhando dentro de si e temia não conseguir mais controlar essa força. Podia ser tolice, mas ela ainda tinha esperança. A parte dela que era um anjo ainda acreditava que ela poderia mudar o rumo do futuro - ela não se tornaria o monstro que mataria seus amigos.

Mas a escuridão dentro dela era intoxicante. Ela tinha um poder que era além de qualquer coisa que já havia sentido, mesmo além de seus poderes

elementais. Era viciante. E como um viciado, ela tremia com suores frios enquanto lutava contra o desejo de sucumbir completamente, de se perder.

E, então, ela entrou em silêncio e apertou os punhos na tentativa de manter a escuridão à distância. Ela tinha de conter aquilo até que ela se encontrasse com o outro cavaleiro.

Assim que chegaram ao hospital, Kara soube que algo estava muito errado.

Massas de pessoas estavam em frente ao edifício de tijolos vermelhos. Seus rostos estavam cobertos de sangue, furúnculos e feridas. Suas roupas eram respingadas e encharcadas de manchas marrom. Kara viu um jovem vomitando sangue, e ela estremeceu quando ele caiu sobre uma pilha de corpos infectados. As mães choravam lágrimas de sangue enquanto embalavam seus bebês mortos. Rostos e corpos das pessoas estavam incrustados com feridas que se pareciam com queimaduras de terceiro grau. Gemidos e gemidos enchiam o ar em torno deles como uma sinfonia do inferno. Isso lembrava Kara de uma cena de um filme de zumbi. Todo mundo havia sido infectado.

Kara movia-se cuidadosamente sobre os mortos e infectados, com cuidado para não pisar em alguém, nem decepar os membros de ninguém. Ela cobriu o nariz dela, mas era impossível não sentir o cheiro. Estava em todos os lugares, no ar e nas roupas.

E quando ela olhou para os doentes e os mortos, Kara ficou fascinada com todo o sangue. Aquilo a atraía e nutria essa parte de sua alma que havia sido corrompida. Parte dela gostava da cena, gostada de ver o sofrimento. O fedor tornou-se uma fragrância atrativa. A escuridão anuviou a mente dela, e ela esqueceu por que estava ali. Uma maldade intoxicante se espalhou por todo o peito, os braços e pernas e suas asas.

Ela ouviu as vozes dos amigos dela e agarrou-se ao conhecimento de sua amizade para recuperar o controle. O corpo dela tremia ao tentar superar o mal que havia sido desencadeado pela visão de todos os corpos mortos. Ela cerrou a mandíbula e afastou a escuridão.

Ela desviou a cabeça para ajudar a limpar a mente dela. Mas para onde quer que ela olhasse, os mortos atormentavam a sua visão, seus braços estendendo-se em uma última tentativa desesperada de chegar ao hospital. Não tratava de nenhuma doença natural. Esse mal era sobrenatural, e só o sobrenatural poderia derrotá-lo.

Ela foi dominado por um frio de raiva, uma raiva de matar.

— Está se sentindo bem? — David apareceu ao lado dela. — Você está tremendo.

Kara podia sentir seu medo. Ela sabia que quando encontrassem o cavaleiro, David teria medo de machucá-la no ataque. Ela o conhecia muito bem. Mas eles não tinham escolha. Ela não tinha escolha. Eles teriam que tentar.

—Estou bem — ela mentiu. Ela estava com nojo de si mesma pelo breve momento de satisfação que havia sentido com a visão dos mortos.

— Todas essas pessoas. Todas essas pessoas doentes. É muita coisa para se aceitar.

Ela se odiava.

— É, sim — disse David. — Você acha que o cavaleiro ainda está aqui?

—Eu acho — disse ela, sacudindo a cabeça. — Eu não sinto a sua presença, ou qualquer coisa assim, mas eu sei que está aqui. Vangloriando-se provavelmente por toda a doença e morte que se espalhou.

— Como alguns assassinos em série que voltam à cena do crime — disse Jenny.

— Gostam de reviver o crime.

— Isso é doentio — disse Peter friamente.

—Esse também não é um típico serial killer. — Ashley se movia lentamente entre os mortos, inspecionando-os mais de perto, como se achasse que seria capaz de ajudá-los.

—Eu gostaria que pudéssemos ajudá-los. — Jenny parecia estar prestes a desmoronar. — Nós temos que fazer alguma coisa. Talvez possamos encontrar uma cura ou algo assim? Ou talvez encontrar alguma coisa para ajudar a aliviar a dor?

—Não há nada que possamos fazer por eles — disse Peter suavemente.

— Não existe cura, Jenny. Estas não são doenças normais.

Ele ficou em silêncio por um momento:

— Se você quiser ajudá-los, então, temos que encontrar uma maneira de evitar o rompimento dos selos. É a única maneira.

Jenny sacudiu a cabeça, seu lábio inferior tremia:

— Mas como é que - quantas pessoas vão morrer antes de pararmos os cavaleiros? Milhares? Milhões?

— Mais do que podemos imaginar — sussurrou Ashley.

Jenny atirou uma flecha com raiva:

— Eu vou matá-los. Eu juro que vou.

— Essa é a ideia. — Ashley balançou sua espada e ficou em posição de combate. Seu sorriso ficou mais amplo.

Embora Kara apreciasse a coragem de Jenny e Ashley, e ficasse grata por tê-las ao lado dela, ela sabia que espadas e flechas não seriam suficiente para derrotar os cavaleiros.

De repente, Kara sentiu uma presença fria.

Ela olhou ao seu redor e viu imediatamente a origem do que sentira. Sobre o telhado liso do hospital, ela podia ver a silhueta de um espectro sentado em um cavalo gigante. Mesmo à distância, ela sabia que ele a havia visto. Ele estava sentado calmamente, esperando, esperando por Kara.

— Lá em cima. — Kara apontou para o telhado com sua lâmina. E antes que alguém pudesse detê-la, ela abriu as asas e subiu para o céu.

— Kara! Espere! É muito perigoso! — Ela ouviu David gritar.

— Não sabemos o que vai acontecer com você!

Mas ela o ignorou e bateu suas grandes asas negras. Ela iria se matar.

Ela odiava o cavaleiro, e ela se odiava. Ela deixava seu ódio a controlar e alimentar. Ela não queria pensar sobre o que aconteceria com ela. Nada mais importava.

Ela pousou no telhado do hospital e dobrou suas asas.

Como seus irmãos, o cavaleiro era enorme. Mas ao contrário da Fome, a Pestilência era ossuda, mas musculosa. Debaixo de uma armadura de metal, sua pele estava molhada. Estava coberto de espinhas inflamadas, erupções cutâneas e verrugas, como se levasse todas as doenças possíveis em si mesmo. Era a própria praga. Ela podia ver seus olhos vermelhos a observá-la por trás de seu elmo de metal; ele trazia duas grandes espadas em suas mãos gigantes. O cavaleiro montava um cavalo marrom, que, como seu mestre, tinha o couro coberto de infecções. Kara se estremeceu com o cheiro rançoso que saía das feridas. Era o cheiro de um milhão de corpos mortos apodrecendo no sol.

Ela manteve distância e tentou esconder o medo que sentia por dentro. Ela viu o cavaleiro e esperou por uma oportunidade para puxar a lâmina rapidamente. O único alvo que ela podia ver era a cabeça. Se ela pudesse perfurar o olho dele com sua lâmina, ela conseguia chegar ao cérebro dele. Será que isso o mataria? Ela podia matá-lo? Ela iria se matar também?

Os amigos dela estavam subindo as escadas e chegariam no telhado a qualquer momento. Ela tinha que matá-lo antes que eles chegassem. Ela tinha que fazer algo. Ela apertou seu punha tão fortemente que os dedos doíam. Havia apenas uma maneira de descobrir.

Não havia tempo para pensar ou investigar. Havia tempo apenas para atacar.

A escuridão pulsava dentro dela, e nesse instante ela sabia que tinha de usá-la.

Como um assassino, ela só conseguia pensar em morte.

Com um único e grande bater de suas asas, Kara voou como um míssil em direção ao cavaleiro, com sua lâmina apontada para a cabeça da criatura.

O cavaleiro zombou. Seus dentes pontiagudos pretos pareciam agulhas.

Assim que a ponta de sua lâmina ficou a centímetros dos olhos da criatura, uma sombra passou na frente de seus olhos, e algo a atingiu no peito. Kara foi lançada pelo ar e caiu no telhado. Mas ela ficou de pé novamente em um instante e atacou o cavaleiro novamente.

Algum tipo de vapor emanava do elmo dele. Seus olhos escarlates brilhavam e seu rosto mostrava um sorriso doentio. Mas Kara não tinha tempo para pensar em como esta besta era feio, ela só queria matá-lo.

Ela saltou do telhado, e com um rugido de raiva, voou para ele novamente.

O cavaleiro brandiu uma de suas grandes espadas e pegou Kara pelo peito. Uma dor explodiu dentro dela, e ela caiu no telhado. Ignorando a dor, ela se virou e ficou de pé. Suas asas bateram descontroladamente enquanto sua fúria só aumentava. Ela se virou e enfrentou novamente o seu adversário.

O cavaleiro uivou de prazer, e sua voz ressoou como o estrondo de um trovão.

— Desista, filha das trevas. Por que se opõe a nós? Por que você combate o que você é?

Kara cuspiu a sujeira de sua boca.

— Não sei o que dizer... e francamente não me importo. Eu luto pelo que é certo. Eu luto pelo destino dos mortais. Eu luto pelos anjos.

— Os anjos? — Os ombros do cavaleiro se sacudiram em um riso silencioso. Feridas em seus ombros estouraram e jatos apodrecidos de pus

laranja vazaram de suas bolhas como cera quente sobre sua armadura de metal.

Kara virou o rosto em desgosto. A maneira como suas feridas se abriam sempre que ele se mexia e seu cheiro insuportável de enfermidade e morte a repeliam ainda mais do que o primeiro cavaleiro.

O cavaleiro circundou Kara. O corcel era gracioso e de pés leves para uma criatura que estava doente. Kara ficou imóvel.

A voz do cavaleiro ecoou no ar novamente.

— A luta entre anjos e homem acabou. Agora é a vez dos deuses das trevas. É tarde demais, tarde demais para este mundo... tarde demais para os outros mundos. Nossos deuses das trevas farão um domínio das trevas. Escuridão, decadência e morte terão domínio sobre tudo. A morte é inevitável. A legião está condenada ao fracasso desde o início. Não há esperança para os mortais. Está tudo acabado.

— Há sempre esperança.

O cavaleiro riu:

— Sinto a escuridão em você. O mundo das sombras é forte dentro de você. Você vai se tornar grande. Em breve você não vai se importar com esses humanos ou neste mundo, e se juntará a nós.

— Nunca.

— Você sabe que eu falo a verdade. Você pode sentir dentro, não é? O frio poder a chama e você já o deixou livre. Aceite o que você vai se tornar. Aceite o que você é. Aceite a escuridão.

— Eu vou cortar sua língua se você não calar a boca... isso é, se você tiver uma.

— Os anjos e todas as criaturas etéreas que não se renderem e se curvarem aos deuses das trevas perecerão.

Kara não queria mais ouvir.

Mas em algum lugar profundo dentro de sua alma, ela sabia que era certo. Sua mutação estava quase terminada, e ela podia sentir o frio poder florescendo dentro dela como se pertencesse a ela. Ela devia estar do lado errado, o lado que matou inocentes. Que matou anjos.

— Agora é tarde demais. Você sabe que eu falo a verdade. Em breve você irá se juntar à escuridão.

Suas memórias do oráculo ainda a assombravam. Kara gritou de raiva. Ela bateu na cabeça repetidamente.

— Eu não vou. Eu não sou má! — Ela gritou. — Eu sou um anjo.

— Já não é mais um anjo.

— CALE-SE!

O ódio de Kara palpitava com uma dor fria, sombria, e ela sentiu o poder indomável percorrer sua espinha e se espalhar para as suas asas, ofuscando sua mente com pensamentos de morte. Os mortos, sussurrou nos ouvidos, coagindo dela, obrigando ela a acreditar que todos aqueles que haviam morrido iriam morrer de qualquer jeito. Ela não precisava mostrar piedade a eles. Mate todos eles.

— Não, não quero isso.

Ela balançou a cabeça e choramingou, em desespero, tentando manter o controle.

A escuridão mentia para ela. Estava tentando enganá-la. Ela tinha que fazê-la parar. Ela tinha que parar os cavaleiros. A cabeça dela se esvaziou momentaneamente, e ela se concentrou no cavaleiro repulsivo. Ela queria calar a boca dele, impedi-lo de falar a verdade temida, que ela já sabia.

— Eu sou um anjo — ela gemia, em parte para o monstro e em parte si mesma.

Em uma fúria selvagem, Kara atirou sua lâmina. Enquanto ela via a lâmina atravessar todo o telhado, ela sabia que aquilo não mataria o cavaleiro, mas certamente o deixaria com enraivecido. Talvez a raiva fosse suficiente para que ele desmontasse e, então, talvez ela tivesse uma chance de lutar. A lâmina voou direto no cavaleiro, se afundando profundamente no pescoço do cavaleiro, na parte desprotegida perto das clavículas.

O cavaleiro vacilou de surpresa e com dores, mas Kara cambaleou também, com uma dor excruciante queimando seu próprio pescoço, no mesmo lugar onde ela havia atingido o cavaleiro. Ela apertou no ferimento com a mão e olhou para cima.

Uma mistura de pus preto e laranja jorrava ao redor da lâmina onde ela havia atingido o cavaleiro. Ela podia ter atingido uma artéria. O corcel relinchou e ficou sobre suas patas traseiras, mas o cavaleiro permanecia firme. Ele puxou a lâmina e a jogou a seus pés, desafiando ela a tentar novamente. Aquilo não havia sido nada para ele.

Kara absorveu toda sua dor, raiva e fúria e que enchia cada centímetro dela. Então, ela pegou a lâmina, gritou e atirou-se ao cavaleiro como uma bala.

O cavaleiro olhou e levantou a mão dele. As sombras levantaram-se novamente e jogaram Kara no chão. Ela caiu, rolou e tentou ficar em pé, mas outra sombra se enrolou em sua cintura e a puxou para o lado. O cavaleiro agitou o pulso novamente, e Kara foi levantada e jogada sobre o telhado. O impacto esmagou suas asas, e ela acabou deitada em uma pilha no chão.

Outra sombra apertou o tornozelo dela, e ela gemeu quando foi levantada do chão. Ela estava pendurada de cabeça para baixo, balançando, tentando respirar. Uma luz branca explodiu sob seus olhos e, então, as sombras desapareceram.

— Fique no chão, se você sabe o que é bom para você. Não quero destruí-la, mas farei isso se você não cooperar.

Kara gritou de raiva. Ela rosnou. E, então, ficou de novo em pé e correu o mais rápido possível para o cavaleiro, com suas asas balançando atrás dela sem nenhuma utilidade. Ela atirou-se contra o corcel.

A força bruta do impacto jogou a criatura para o lado, e ela tropeçou. O cavaleiro escorregou da sua montaria e caiu no chão.

Kara estava em cima do cavaleiro em segundos. Apenas seu cheiro era suficiente para nocauteá-la, mas ela se jogou sobre ele descontroladamente e o socou repetidamente em seu rosto desprotegido.

Mais sombras jogaram Kara no chão, mas ela ficou de pé e atirou-se ao cavaleiro novamente.

A criatura levantou seus braços, pronto para disparar mais sombra, mas Kara foi mais rápida.

Com uma velocidade incrível, ela se esquivou, girou e atirou-se na cabeça do cavaleiro novamente. Ela fincava sua lâmina qualquer espaço desprotegido, que se encontrava em torno de seu pescoço e seu rosto, cortando, esfaqueando e apunhalando várias vezes. Ela gritou em fúria, sofrendo desesperada mente ao tentar matá-lo. Ela não se importava de se matar no processo.

Uma dor explodiu na cabeça dela, e Kara foi lançada no ar novamente.

Ela caiu com um grito agonizante, mas ignorou as feridas profundas e a dor excruciante no próprio rosto e pescoço, ficando de pé e investindo contra o cavaleiro.

Mais pus preto e laranja de sangue escorria dos cortes profundos no rosto e no pescoço do cavaleiro, e à medida que avançava, ele cambaleava. Ela havia ferido ele, o que significava que ela poderia matá-lo.

— Você acha que pode me destruir? — riu a criatura. — Você acha que, me destruindo, pode parar sua transformação? Eu sei que você é... e o que você vai se tornar. Você não pode parar o que é inevitável. Os estágios finais de sua transformação se iniciaram. Você já não é mais um anjo. Aceite isso. Aceite o seu destino.

Com a lâmina ainda apertada firmemente em sua mão, Kara gritou em fúria e correu.

Mas ela não mal deu uns três passos quando algo a atingiu de lado, e ela foi caindo. Sua cabeça bateu no chão com força, e ela ouviu um estalo. Seu queixo raspou o telhado de metal, e ela derrapou até parar. Por um segundo, ela ficou deitada, atordoada. A cabeça dela apresentava palpitações. Ela mal conseguia pensar. O que havia acontecido? O cavalo do cavaleiro a havia dado um coice?

Quando ela se virou e ficou em pé novamente, ela teve certeza de que estava tendo alucinações por causa do ferimento em sua cabeça, porque ela estava vendo os rostos idênticos de três demônios superiores.

Capítulo 11

Condenada

Kara praguejou para si mesma e, então, virou-se para os demônios:

— Vocês são estúpidos? O que é que estão fazendo? — ela resmungou.

Um demônio superior levantou suas sobrancelhas com um olhar de desprezo na cara pálida:

— Salvando você, é claro.

— Me salvando? — Kara cambaleou para a frente. A cabeça dela palpitava mais do que nunca, com a dor dos ferimentos dela finalmente tomando seu corpo como cem lâminas da morte apunhalando-a de uma só vez. Ela mal podia suportar. Ela tinha acabado de ouvi-los rir? Ela piscou seus olhos.

— Não preciso ser salva, seus tolos!

Os demônios superiores pareciam se divertir. Seus rostos pálidos e olhos negros e cruéis olhavam friamente.

Ela empurrou os demônios superiores:

— Saiam do meu caminho. Eu disse saiam! Eu já peguei ele. Eu posso matá-lo. Eu peguei o cavaleiro.

Mas ela tropeçou quando viu que o cavaleiro e seu cavalo haviam desaparecido.

Alguns salpicos de líquido laranja e preto eram os únicos sinais de que o cavaleiro havia existido mesmo. Ele se foi. Ela falhou.

Nesse momento, uma porta do telhado se abriu de repente e David, Peter, Jenny e Ashley correram até eles.

— Onde está o cavaleiro? — David viu os demônios superiores que ficavam zombando deles.

— Onde ele está? Kara?

Kara olhou para o último lugar onde ela havia visto a criatura. Ela sentiu um líquido quente escorrer em seu rosto e pescoço, descendo pelo braço dela até escorrer pela ponta de sua lâmina. Ela estava pálida. Não era a essência branca brilhante de um anjo, mas o sangue negro de um demônio.

— Kara, o que aconteceu aqui? — David ficou do lado dela.

— Parece que você levou uma surra. Espero que o cavaleiro tenha ficado no mesmo estado que você.

Ele fez uma pausa e depois acrescentou animadamente:

— É isso. Você o pegou, não é? Você matou o cavaleiro! — Ele parecia tão satisfeito e orgulhoso dela que ela se sentia ainda pior.

— O quê? Você real mente o destruiu, Kara? Como você fez isso? — Jenny parecia exultante.

Mas Kara não conseguia olhar para eles. Ela mal podia ouvir todos eles. Tudo o que ela ouvia eram as palavras do cavaleiro. Elas ecoaram na mente dela enquanto ela encarava seu sangue negro.

Você já não é mais um anjo.

— O que há de errado com ela? — Ashley caminhou lentamente em torno de Kara e, então, a encarou.

— Ela parece um pouco ausente. — Seus olhos se arregalaram. — E ela está sangrando. Ela está sangrando sangue negro.

Então, agora todos sabiam. Kara abriu a boca, mas as palavras não vinham.

— Kara? — David apertou delicadamente a mão livre de Kara. — Você está ferida. O que aconteceu aqui? — ele perguntou com ternura.

Quando ela não respondeu, ele virou-se e olhou para os demônios.

— E por que vocês três idiotas estão aqui? E por que tenho o pressentimento de que vocês são culpados pelos ferimentos, hein? O que vocês fizeram com ela?

— Não fizemos nada com ela — disse um dos demônios. Ele parecia inocente, mas Kara sentia o tom mentiroso da voz dele.

— Recebemos ordens para vir aqui. Isso é tudo. Recebemos ordens para ajudar.

— Isso mesmo — disse outro demônio superior — Nós ficamos incumbidos de ajudar vocês.

— Ajudar? Por quê? — David olhou furiosamente. — Nunca pedimos sua ajuda. Como sequer sabiam que estávamos aqui? Nos seguiram?

Os três demônios superiores observaram David, mas não responderam.

— Kara — disse Peter, caminhando até ela. — Você matou ele? Você venceu um dos cavaleiros?

Kara levantou os olhos para Peter, mas ainda não encontrou sua voz.

— Todos, verifique seus anéis — disse Jenny de repente. Ela mexeu os dedos. — Eu ainda tenho o meu

— Meu anel sumiu — disse David. Todo mundo olhou para as mãos dele. — Chegamos tarde demais. Outro selo foi quebrado.

Jenny olhou pensativa mente para Kara:

— Então, você não o derrotou. Ele derrotou você. Ele nos derrotou. Isso é ruim.

— Parece que a sorte não está do nosso lado — disse Ashley circundando os demônios superiores com a espada na mão. — Nós só temos dois selos restantes. Estas probabilidades são péssimas.

— A este ritmo, não parece que nós vamos conseguir. — Jenny balançou a cabeça. — E como o Sr. P. disse, eu tenho a sensação de que os dois últimos cavaleiros são os piores. Como vamos vencê-los?

— Não vamos fazer isso — disse Ashley contrariada. — Está tudo acabado.

— Não diga isso — disse Peter. — Não acabou, ainda há uma chance. — Mas o tremor na voz dele o traía.

Mas quando ele falou em seguida, a voz dele estava cheia de coragem, como se estivesse lá há muito tempo e de repente tivesse despertado.

— Ainda temos tempo, há pouco mais de dois dias. Ainda podemos derrotar os dois restantes. Eu tenho que acreditar nisso. Não. Nós devemos crer que podemos fazer isso. Se não tivermos fé, então, esta missão já falhou. O destino dos mundos depende de nosso sucesso. Não há espaço para o fracasso.

— Eu entendo, Peter — disse David. — Mas eu odeio cortar seu barato. Eu tenho que concordar com a Ashley. Estas coisas continuam escapando da gente e o tempo está se esgotando. Eles têm super poderes de deuses das trevas, e tudo o que temos são estas...

Ele balançou a lâmina da alma dele.

— Se Kara tivesse derrotado este aqui, então, talvez conseguíssemos vencer. A partir de agora, estamos no time dos fracassados.

Kara havia ouvido o suficiente.

— Eles fizeram isso — ela rosnou e encarou os demônios superiores, segurando sua lâmina da alma na mão ensanguentada.

Jenny viu Kara cuidadosamente:

— Quem fez o quê, exatamente?

Kara soltou a mão de David:

— Eu havia pego ele. Eu ia matá-lo. Mas eles... — Os olhos dela se encontraram com os olhares dos três demônios superiores. — Eles me impediram.

Kara olhou para aqueles olhos negros, sem alma, e soube que eles haviam impedido de propósito. Os demônios haviam salvado o cavaleiro de sua ira. Os demônios haviam visto que ela tinha uma abertura e estava prestes a matar o cavaleiro. Eles haviam percebido que ela ainda podia sobreviver.

Kara sabia que os demônios tinham sua própria agenda. Ela não sabia o que era -ainda - mas ela ia descobrir.

Por enquanto, tudo o que ela sabia com certeza era que eles a haviam impedido de matar o cavaleiro, e no processo eles haviam arruinado suas chances de parar o Apocalipse.

As chances de ela tornar-se normal outra vez estavam desaparecendo.

— Eles me impediram de matá-lo de propósito — ela sussurrou.

Ela se moveu lentamente em direção os demônios, como se fosse um predador prestes a matar suas presas. A dor de cabeça latejante havia ido, e havia sido substituída por um ódio pulsante pelos demônios.

— Você está brincando comigo? — David balançou sua lâmina ameaçadoramente em direção aos demônios, mas Kara já estava lá.

Ela levantou sua lâmina e rugiu como um animal. Não havia nada angelical no comportamento dela. Ela estava projetando aos demônios todo seu ódio por tirarem a chance de ela se tornar um anjo normal novamente. Ela ouviu os gritos dos amigos dela, mas ela os ignorou e se atirou contra os demônios superiores.

Os demônios superiores rosnaram e saltaram sobre Kara com suas lâminas da morte.

Kara mergulhou nos demônios com uma fonte selvagem, com um poder frio implacável. Ela podia sentir o cheiro, ouvir e ver tudo com os sentidos apurados, dando a ela uma vantagem sobre os demônios, por cima de tudo.

— Kara, você não pode fazer isso! — Ela ouviu o grito de David. — Não faça isso. Existe um tratado! Eles não a perdoarão desta vez!

Mas Kara não prestou nenhuma atenção. Kara nunca teria lutado contra ou teria vontade de combater três demônios superiores ao mesmo tempo

quando ela tinha apenas seu poder elemental. Mas as coisas estavam diferentes agora, ela era diferente.

Os demônios superiores responderam a seu desafio. Eles correram para ela como um borrão cinza. Suas lâminas da morte brilhavam na luz quando eles atacaram. Ela correu para eles, arremessando a lâmina e cortando-os com seu poder de frio.

Eles se esquivaram e bloquearam cada golpe, grunhindo para ela triunfalmente como se já tivessem ganho. Kara sabia que eles estavam zombando dela porque ela havia enxergado o que estava por trás de suas mentiras. Ela sabia que eles haviam ajudado o cavaleiro escapar de seu alcance.

Ela parou. A lâmina da alma era muito fraca. Os demônios sorriam com confiança.

Ela jogou a lâmina no chão e invocou todo o seu poder de frio. Os demônios ficaram tensos, como se sentissem o que ela estava prestes a fazer. Mas já era tarde demais para eles.

Kara abraçou sua escuridão. Enfurecida, ela girou no ar e decapitou a todos com um golpe poderoso de suas asas que mais pareciam lâminas gigantes. Ela pousou no chão, ao lado de seus corpos sem cabeça.

Seus corpos e cabeças desintegraram-se em um pó preto e desapareceram em uma rajada de vento.

— Kara, o que você fez?

Kara ficou paralisada.

Ela reconheceu a voz. Não pertencia a nenhum dos seus amigos. Apoiando-se, ela virou-se lentamente e encontrou o olhar feroz da Arcanja Ariel.

Capítulo 12

Fugitiva

— O que significa tudo isso?

A autoridade da voz da Arcanja Ariel cortou o momento de insanidade sombria de Kara.

O que a Arcanja estava fazendo ali?

Kara queria fugir quando ela viu o olhar de horror que brilhou momentaneamente nos olhos da Arcanja. Ele se foi tão rápido quanto havia aparecido, mas durou tempo suficiente para Kara perceber.

— Meu. Meu. Meu. — Metatron pisou por trás de Ariel, e Kara vacilou. Toda a sua comitiva trazia lâminas nas mãos, e todos observavam Kara com repugnância.

— Ela matou três demônios superiores com suas asas. Notável. — disse Metatron, embora não houvesse nada de louvável em seu tom.

Ariel franziu a testa e examinou cuidadosamente Kara.

— Por quê? Por que faria isso quando você sabia que tínhamos um acordo com os demônios? Temos um tratado. Nós precisamos deles. Se quisermos vencer os arquidemônios, precisamos colaborar com as legiões de demônios. Como pode fazer isso, Kara?

Kara suspeitava de que a Arcanja queria um pedido de desculpas ao invés de uma explicação.

Mas ela não tinha desculpa. Ela sabia a verdade. O tratado era uma piada aos demônios. Eles não acreditaram nele, então, por que ela teria de leva-lo a sério? David parecia chocada, mas ela podia ver que ele temia o que ia acontecer com ela.

— Se os demônios ficarem sabendo disso... sobre o que você fez — disse Ariel, suas feições bonitas retorcidas em uma profunda carranca — Vai haver repercussões.

— Eles tomarão como uma ameaça e como motivo para a retaliação. — Metatron chegou até Kara.

— O que você fez é uma violação grave do nosso tratado com eles. Não podemos perder os demônios agora, não quando enfrentamos a maior

batalha do nosso tempo. Sim, eles são feios e cheiram a morte, mas, pelos deuses, eles sabem lutar. Nós precisamos deles.

—E essas marcas em seu rosto? — perguntou Ariel. — Foi a mutação que te fez fazer isso? Ela compeliu você de alguma forma? — Havia um traço de esperança na voz de Ariel. Ela esperava que Kara não fosse uma assassina.

Mas não era o caso.

Kara sabia que todos, até mesmo David, pensavam a mesma coisa.

— Não — ela disse, com sua raiva ainda em seus lábios.

Mesmo que os demônios superiores tivessem desaparecidos, seu cheiro fétido pairava no ar e lembrava a ela de sua traição.

Ela olhou para Metatron:

—Eles não respeitam o seu tratado. Não são leais a nós, à Legião. Eu sei que eles têm outros interesses. O cavaleiro estava na minha mira. Eu tinha uma abertura para matar um dos quatro cavaleiros do Apocalipse. E bem quando eu estava prestes a acabar com ele, eles me impediram. Eles vieram do nada e me derrubaram. E quando eu voltei a ficar de pé o cavaleiro havia desaparecido.

Ariel deu-lhe um olhar confuso e, então, cruzou os braços:

— Foi isso o que realmente aconteceu?

— Sim. Eu juro.

Metatron a observou com uma surpresa mal escondida. Claramente, ele não acreditava em uma única palavra que saíra da boca dela.

— Mais alguém confirma sua história? — Ele perguntou. — Alguém mais viu isso? Porque tudo o que vimos foi você assassinar três demônios superiores.

O pessoal da equipe de Kara ficou encarando uns aos outros. Jenny empalideceu. Ela olhou para Peter, que ajustou os óculos nervosamente. Ashley estava impassível, mas suas sobrancelhas mostravam que ela estava lutando contra algo internamente.

David mantinha seus olhos em Metatron.

Depois de alguns segundos de silêncio, ele disse:

—Eu confirmo. Eles pararam ela quando ela estava prestes a matar o cavaleiro. Eu estava lá. Eu vi tudo. Que Kara está dizendo é a verdade.

Kara usou toda a sua força de vontade para manter uma expressão séria. David mentira tão sem esforço. Ela ficou chocada.

Metatron olhou para ele por um momento muito longo:

— E você estaria disposto a jurar pelas almas que isso é verdade? — Ele sorriu com uma expressão estranha e retorcida.

David piscou os olhos:

— Eu estaria!

Metatron analisou David. Ele sorriu um pouco e torceu seu charuto nas mãos:

— Você está mentindo, rapaz.

— Eu não estou.

— Não se humilhe mais, Sr. McGowan. Sempre sei quando alguém está mentindo. Isso é apenas um dos meus muitos talentos. Você não quer conhecer o meu lado ruim, David. Essa é minha verdade.

O ar de Metatron se anuviou como se uma tempestade estivesse se formando.

Uma raiva começou a encher a Kara novamente. Ela virou-se para Metatron e encarou ele:

— Deixe David fora disso — ela disse.

Todo mundo olhou para ela.

— Eu matei os demônios. Você viu. Todo mundo viu essa parte. Mas o que você não viu, e o que eu digo, é a minha verdade. Os demônios se certificaram de que eu não tocasse no cavaleiro. Eles são um risco para a nossa missão. David não fez nada de errado. Se você é tão bom em detectar uma mentira, então, certamente você pode identificar a verdade.

Metatron sorriu maldosamente e apontou seu charuto para ela.

— Mas é aí que você se engana. Você está mentindo, porque não há nenhuma missão aqui. Vocês estão em uma missão não autorizada. Vocês nem deviam estar aqui. Não devíamos estar aqui. Está tudo em violação ao Código dos Anjos. E se não precisássemos de você amanhã, você seria presa no Tártaro por insubordinação.

— O quê? — Jenny ficou indignada. — Você não pode fazer isso!

David pisou perigosamente perto de Metatron, que, embora não fosse tão alto quanto Ariel, era ainda muito mais alto e mais amplo do que David.

— Do que você está falando? — David fez o seu melhor olhar surpreso.

Metatron deu uma tragada em seu charuto e soprou tudo na cara de David.

— Como eu disse, não há nenhuma missão oficial aqui. E todos vocês — ele apontou para cada guardião com seu charuto — Estão violando o

Código. Já matei guardiões por crimes menores do que esse. Você pode procurar saber se quiser, mas o caso é que isso consiste em um crime.

— Ei, só um segundo — Ashley levantou as mãos dela. — Não vamos nos precipitar. Claramente que houve um mal entendido.

David soltou uma risada:

— Isso é loucura.

— Não, não é loucura — disse Metatron. — De acordo com a Legião e seu líder — ele se virou e olhou para Ariel. — Cinco de vocês abandonaram seus postos.

Kara olhou para Metatron.

Seu sorriso se alargou. De alguma forma doentia, ele gostava de vê-la ficar com raiva. Não havia razão para mentir mais. Ele sabia.

— O oráculo mentiu. — Metatron soprou uma esfera de fumaça da boca e, então, fez um buraco no meio com o dedo.

— Sim, seu amado Sr. Patterson encarregou-se de enviar vocês em uma missão não autorizada e perigosa. Não há nenhuma missão oficial. Nunca houve.

Ele levantou suas sobrancelhas:

— Eu sabia que vocês estavam escondendo alguma coisa, quando eu vi você à espreita nas sombras. Eu sei quando alguém está escondendo algo de mim. Foi quando eu soube que o oráculo que vocês chamam de Sr. Patterson estava envolvido. Eu sabia que ele havia enviado o seu time favorito nesta busca ridícula.

Kara sentiu uma sacudida de tensão.

Ela se importava profundamente com o Sr. Patterson. Ela o amava. Ver alguém destruir seu bom nome era como um chute no estômago. Ela nunca gostara de Metatron, mas agora sua animosidade para com ele era a mais profunda aversão. Ela queria dar um soco naquela cara presunçosa mais do que nunca. O mundo ao seu redor desaparecera e só ela e Metatron permaneceram. Onde estaria a lâmina dela?

— Os oráculos enchem as cabeças dos anjos com contos, mitos, lendas... suas fábulas são lendárias — disse Metatron. — Infelizmente, eles têm sua utilidade. Mas eu acho que este Sr. Patterson está na Terra há muito tempo. Claramente isso afetou sua mente. Não era sua função dar missões, especialmente aquelas que estão destinadas ao fracasso.

Kara compartilhou um olhar com David, mas ele mantinha seu rosto inexpressivo.

— O Sr. Patterson desafia a mim e a meus métodos há séculos, muito mais do que o tempo em que vocês o conhecem — continuou Metatron. — Eu sempre tive problemas com esse oráculo... sempre mexendo com o absurdo, espalhando o medo. Ele já nos procurou com este esquema ridículo sobre os quatro cavaleiros e os selos.

Ele acenou com os braços no ar:

— Tudo isso é uma invenção, um produto da imaginação do oráculo. Não há nenhuma prova ou garantia de que alguma coisa funcione. Ele foi rejeitado e lhe ordenaram manter a boca fechada e esquecer seu plano mestre.

Metatron franziu a testa:

— Mas agora, vejo que não foi o que ele fez.

— Os guardiões não são culpados — disse Ariel. — Eles pensaram que estavam agindo sob nossas ordens, e isso não é verdade. Eles nunca sairiam nesta missão se soubessem que ela não havia sido autorizada.

Kara e os outros mantiveram seus rostos inexpressivos. Ela tinha que agradecê-los por essa ótima atuação. Essa era a única coisa que podia salvá-los Tártaro. Se Ariel soubesse a verdade, não havia como dizer o que aconteceria com eles.

— Eles são meu melhor time, e não vejo razão para continuar com isso. Preciso voltar, Metatron.

Metatron ociosamente sorriu para Ariel.

— Claro. Estes quatro, você pode ter de volta. Eu não me importo. — Ele se virou contra Kara. — Mas esta. Esta quase arruinou tudo. Esta é minha.

A raiva de Kara a levou para um lugar onde ela só sabia três coisas: que ela era uma arma forjada para acabar com vidas, que se ela fosse para o Tártaro os arquidemônios iriam vencer, e que suas esperanças de se tornar um anjo normal estavam sendo esmagadas.

Ela não se importava com o tipo de informação que eles esperavam arrancar dela. Ela não era uma traidora. Eles poderiam torturá-la por toda a eternidade. Ela não se importava, porque ela não tinha a intenção de se deixar ser presa.

Metatron virou a cabeça e dirigiu-se para suas garotas:

— Levem a prisioneira. E quando eu tiver terminado com ela, de uma vez por todas, vamos ver o que sairá dela.

— Não pode fazer isso!

David parou diante de Kara, protegendo-a com seu corpo. Kara sentia ternura por sua lealdade. Mas essa não era a hora de ser corajoso.

Metatron sorriu suavemente:

— Ah, mas eu posso e vou.

Ele limpou a garganta:

— Kara Nightingale, você está presa por violação do tratado dos anjos com o Submundo e pelo assassinato de três demônios superiores. Você vai ser condenada ao Tártaro por um tempo indefinido.

— Ariel, faça alguma coisa! — gritou David. — Você não pode deixá-lo fazer isso. Isso é loucura. Você conhece a Kara. Você sabe que ela não é mentirosa. Os demônios superiores nos traíram. Eles não estão do nosso lado.

O rosto de Ariel estava cheio de tristeza:

— Me desculpe, David. Não há nada para apoiar a sua história. Não há nada que eu possa fazer. Ela quebrou as leis. Desculpa.

A Arcanja evitou os olhos de Kara. Peter e Ashley pareciam que estavam prestes a desmoronar, e Jenny estava quase desmaiando.

David virou-se para Metatron:

— Não vou deixar você fazer isso. Eu não vou.

Metatron balançou a cabeça:

— David, David, David. Se você tentar me impedir, então, não vou ter nenhuma escolha senão jogá-lo no Tártaro com ela. Mas em celas separadas, é claro.

— Então, faça isso — bravejou David.

Mesmo que Kara estivesse tomada pela afeição de David e pelo sacrifício que ele estava disposto a fazer, ela não podia deixá-lo fazer isso. Ela nunca iria deixá-lo sofrer por causa dela.

Kara empurrou David de lado e se virou para ele:

— Não posso deixar você fazer isso.

Os olhos dele percorreram o rosto dela:

— Eu não os deixarei tirar você de mim.

Kara pressionou seus lábios firmemente para não tremer. E, então, ela disse baixinho:

— Eles não vão.

Kara sabia o que ela precisava fazer. Só havia uma maneira de manter todos a salvo.

E antes que alguém pudesse reagir, ela bateu suas asas e subiu no ar.

Eles a chamaram, mas ela não olhou para baixo. Quando ela havia decidido que havia subido alto o suficiente, ela olhou para baixo, para Metatron e suas fãs.

As mulheres empunhavam suas lâminas e apontavam em direção a Kara, como se estivessem prestes a matá-la com dardos.

Metatron parecia um pequeno rato de onde estava Kara, e ela não pode deixar de sorrir.

— Não! — Ele rosnou.

Mesmo de longe, ela podia ver a raiva dele.

— Se você for, não terá volta. Você está garantindo sua própria sentença de morte.

— Eu já estou morta — gritou Kara.

Ela estremeceu com a dor que viu nos olhos de David. Ela virou-se. Se ela o olhasse novamente, decidiria ficar. Mas ela não podia. Ela não queria.

— Que sentido teria agora? — ela murmurou algo e bateu suas asas. — Olhe para mim! Olha o que me tornei. Olha o que os arquidemônios fizeram comigo. Eu não sou mais um anjo. Eu sou apenas uma coisa, uma coisa das trevas e corrompida.

— Não — advertiu Metatron. — Eu não vou repetir.

As tietes levantaram suas armas e sorriram com a chance de feri-la. Elas queriam vê-la se contorcer de dor. Eles queriam lhe infligir dor e iriam gostar disso.

Kara olhou para os rostos de seus amigos. David deu um ligeiro aceno de cabeça.

Era tudo de que ela precisava.

— Derrubem ela! — ordenou Metatron.

As lâminas de suas tietes voaram como lanças no céu em direção a Kara.

Ela fez a única coisa que podia.

Com um grande impulso de suas asas, Kara subiu mais alto no ar e desapareceu no céu cinzento.

Capítulo 13

Amigos e Inimigos

Apenas uma lâmina cortou sua coxa, e ela nem percebeu isso até mais tarde, quando ela sentiu algo molhado escorrer em sua perna dela.

Ela voou acima das nuvens. A viagem de duas horas de Boston à livraria do Sr. Patterson estava chegando ao fim, e ela esperava chegar lá antes dos comparsas de Metatron. Ela não queria imaginar o que fariam com o velho. Ela diminuiu a velocidade e dobrou um pouco suas asas quando começou sua descida.

O que ela fazia se chegasse e desse de cara com Metatron? O pensamento de que o rosto dele se retorceria de fúria fez Kara sorrir. Ela iria gostar de vê-lo assim.

As luzes da cidade brilhavam como as estrelas, e o peito se apertava com pensamentos sobre David. Ela se lembrou da última noite que haviam tido um encontro juntos. As luzes de noite iluminavam os olhos dele, e ela se lembrou de quão desesperadamente ele era bonito e de como ela queria beijá-lo.

Será que ela um dia conseguiu ter uma vida normal novamente com o David? O fim do mundo viria cedo demais?

Ela esperava que Metatron não lançasse sua vingança sobre David. Mas Metatron era tão imprevisível que ela não sabia o que aconteceria com o David. Ela esperava que Ariel desse algum sentido para o comandante da Legião. Com sorte era isso o aconteceria. Mas mesmo se Metatron perdoasse David e os outros, eles seriam sentenciados a lutar contra arquidemônios em poucas horas. O pensamento da Legião lutando ao lado dos demônios de olhos negros causou uma onda de fúria em Kara. Os demônios não estavam em aliança com ninguém além de si mesmos. O gelo em seu estômago se espalhou por suas veias negras. De alguma forma ela iria provar a todos quão traiçoeiros os demônios eram.

Ela tivera apenas uma amostra do poder dos arquidemônios quando ela lutou com os cavaleiros. Quais outras criaturas os arquidemônios haviam criado? O quão mais poderosos eles eram agora que dois selos haviam sido quebrados?

Kara sabia que a missão não autorizada do Sr. Patterson ainda era a coisa certa a fazer. Ela tinha fé nele, e ela suspeitava de que a Arcanja Rafael também.

Ela sabia o que ela havia que fazer. Ela ia em busca do terceiro cavaleiro por conta própria.

Enquanto voava, ela passou a mão dela sobre os lugares no pescoço e ombro onde ela havia sido ferida. Ela soltou um suspiro um pouco assustado. As feridas dela haviam desaparecido. A pele dela estava curada.

Kara estava muito surpresa. Ela se sentia diferente. A pele dela parecia diferente. Era quase como se ela tivesse trocado de pele, igual as cobras e sua nova pele não precisasse se reabastecer. Ela não precisava ir ao Horizonte para repor sua força, pois suas feridas se curaram. E ela se sentia mais forte do que nunca.

Ela suspeitava que ela nunca poderia voltar ao Horizonte novamente, não porque ela havia escapado, mas por causa do que ela sentia que estava se tornando. O monstro que fermentava dentro dela não era anjo, mas algo mais, algo mais escuro, algo muito mais sinistro. Ela provou isso. Ela sentiu isso. Estava dentro dela, e era frio e escuro. Não havia tempo para sentir pena de si mesma. Não importava mais. O que importava agora era como ela poderia usar sua nova força para fazer o bem.

O que quer que ela se tornasse, ela trazia algum conforto em saber que ela ainda tinha sua mente e sua alma. Elas não haviam se corrompidos, o que significava que ela ainda tinha tempo para parar os dois últimos cavaleiros antes de sua transformação estar completa e ela se perder para sempre.

Kara viu a livraria. Ela pousou no chão. Uma luz amarela suave saía das janelas. Ela olhou para a rua. Nada. A maioria das lojas de rua ainda estavam em ruínas pelo ataque dos diabinhos. Um zumbido vinha de uma única lâmpada da rua. A antiga livraria estava cercada por uma bolha de silêncio que lhe dizia que o lugar estava vazio. Era tarde demais? Metatron havia chegado aqui primeiro?

Mas só quando Kara estava prestes a gritar de frustração, a porta da frente se abriu.

— Por que demorou tanto? — o cabelo branco e fino do Sr. Patterson estava desarrumado. Seus olhos estavam arregalados, e ele parecia ofegante como se tivesse corrido uma maratona.

— Esperei por horas desde que eu ouvi sobre seu encontro com Metatron. Rápido, para dentro. — Nunca se sabe o que se esconde nas sombras.

Sem dizer uma palavra, Kara dobrou suas asas nas costas, atravessou a porta e viu o Sr. Patterson trancar a porta por trás dela.

— Eu pensei que havia desaparecido — ela disse.

Ela estava um pouco chocada ao encontrá-lo aqui e ainda inteiro.

— Eu pensei que era tarde demais. — Sem pensar, ela puxou o velho em um abraço.

O Sr. Patterson riu como se Kara tivesse feito cócegas nele por acidente. Ele se afastou dela com um sorriso enorme.

— Bem, eles vieram — disse o Sr. Patterson. — Esses anjos miseráveis com salto alto e maquiagem. Por que têm de se vestir assim mesmo? Bem, eu sabia que seria em um monte de problemas, se eles me achassem. Percebi que eles sabem que eu sou responsável por enviar você atrás dos cavaleiros.

— Eles sabem — disse Kara. — Sinto muito, Sr. Patterson. Segurei o quanto pude... mas ele literalmente nos encurralou. Ele sabia disso. Ele sabia onde estávamos. Acho que ele descobriu quando me encontrou no Horizonte. É minha culpa. Eu não sou uma mentirosa tão boa como eu pensava. Agora, nós perdemos o David e os outros.

O Sr. Patterson sorriu ternamente:

— Não, nunca se culpe por isso minha querida. Nada disso é culpa sua. Lembre-se disso. Só tenho pena que nada aconteceu.

Ele suspirou:

— Eu gostaria que tivéssemos tido mais tempo, mais guardiões para nos ajudar. Mas não podia correr riscos com guardiões não familiarizados. Não sei o quanto de bem isso faria de qualquer maneira. Ele descobriu nosso plano.

Kara pressionou seus lábios:

— O que está rolando com você e o Metatron? Ele parece ter uma vingança contra você.

O Sr. Patterson piscou os olhos:

— Bem, meu relacionamento com Metatron remonta há muito tempo. Nunca nos bicamos. Basicamente somos como cães e gatos. Ele me dá nos nervos. Simplesmente não conseguimos chegar a nenhum acordo sobre nada.

— Porque você não aceita os esquemas dele.

— Exatamente — disse o Sr. Patterson. — Mas entendam, Metatron não é ruim - não no sentido de um demônio ou um arquidemônio. Ele não é um arcanjo decaído ou desleal. Ao contrário, ele é um pouco leal demais, muito obcecado, e isso o torna muito perigoso como um aliado e um inimigo.

— Ótimo. — Kara odiava o cara. Da próxima vez que ela o visse, ela decidiu que o faria engolir seu charuto.

— Então, como você escapou de suas garras? — Ela perguntou. — Demorei quase duas horas para chegar aqui

— Eu sei — disse o Sr. Patterson dramaticamente. — Foi um tempo muito longo para ficar preso no meu armário pequeno.

Ele viu que Kara parecia confusa:

— Eu me escondi.

— Você se escondeu. Onde?

O velho cruzou a sala e caminhou em torno de seu balcão improvisado. Ela viu quando ele cerrou o punho e socou a parede atrás do balcão. Um pequeno painel se abriu e revelou um quarto pequeno do tamanho de um armário de vassouras. Era grande o suficiente para caber dois homens adultos, portanto não havia muito espaço para caber um oráculo. Um brilho chamou a atenção dela, e quando ela se inclinou mais perto, ela viu uma fileira de bolas de cristal reluzentes escondidas ordenadamente em um cobertor azul celeste em uma caixa no chão. Elas pareciam bebês recém-nascidos juntos.

Kara escondeu uma risada. Quem era ela para julgar afinal?

— Meu armário secreto. — o Sr. Patterson disse com orgulho.

Kara voltou a sorriu:

— Um quarto do pânico. Brillhante.

Um sorriso presunçoso se materializado no rosto dele.

— Bem, não iria funcionar se os cães do demônio estivessem atrás de mim. Eles me farejariam a quilômetros de distância. Mas funciona contra anjos medianos ou péssimos.

Kara inspecionou o pequeno armário mais de perto:

— Isso é ótimo, mas alguém deve ter lhe dito que ele vinha.

O Sr. Patterson fechou a porta do armário:

— Ariel me disse.

Kara ficou de queixo caído.

— Ariel? — Ela repetiu. Ela percebeu que havia muito mais sobre a Arcanja do que ela havia se dado conta. Ela estava grata de que Ariel desafiasse Metatron.

— Mas... Achei que Rafael fosse um dos seus aliados secretos?

— Ela é — disse o oráculo. — Mas Ariel sempre teve conflitos quando se tratava de Metatron. Ela teme Metatron e com razão. Mas ainda assim, ela acreditava na sua história sobre os demônios. Ela me disse isso. Mas ela não poderia desafiar Metatron abertamente, então, esta é sua maneira de nos ajudar.

Kara ficou animada:

— Estou feliz que ela tenha feito isso.

O velho observava com cautela.

— Me diga — ele alisou a camisa com as mãos. — Os quatro selos estão intactos? Ariel não foi capaz de me dar nenhuma informação sobre isso.

Kara balançou a cabeça:

— Não. Restam apenas dois.

Não havia nenhum motivo para mentir para o homem. Ela colocou a mão em seu bolso pegou o pequeno anel de ouro. Ela o segurou entre dois dedos e procurou ver se ele tinha algum poder. E quando ela não encontrou nada, o colocou no dedo anelar direito. Não adiantava manter as mãos dela escondidas agora.

— Jenny e eu ainda temos nossos anéis.

O Sr. Patterson observava silenciosamente.

— Tentamos. Nós realmente tentamos. Mas os cavaleiros eram perversamente fortes. Eles têm poderes diferente de tudo que eu já havia enfrentado antes.

— E sobre sua ligação com eles? — os olhos do Sr. Patterson se arregalaram. — Alguma notícia sobre isso? Você descobriu algo novo que poderia nos ajudar?

Kara bateu suas asas em irritação:

— Não, realmente. Mas sei que podemos matá-los.

Ela deu ao velho um sorriso perverso:

— Eu sei disso porque alguns demônios superiores confirmaram.

Ela franziu a testa ao se lembrar deles zombando e rindo dela. Ela odiava os demônios com toda a força.

O Sr. Patterson ficou sério e perguntou:

— O que quer dizer com eles confirmaram isso?

— Porque eles estavam lá.

— O quê? Eu sabia! Eu sabia!

A expressão dele endureceu e ele parecia um buldogue pronto para lutar.

— Essas criaturas miseráveis, vis, traiçoeiras.

Ele passeou pela sala, socando e dando pontapés em inimigos invisíveis, ao mesmo tempo resmungando para si mesmo:

— Espere só até eu pegar minha bola de cristal. Eles vão desejar nunca terem sido criados! Vamos ver quem está no comando! Eu nunca...

Finalmente, o Sr. Patterson suspirou alto e passou a mão no seu cabelo fino, reunindo seu juízo novamente. Kara ficou surpresa ao ver quanta raiva ainda continuava em seus olhos.

— Diga-me exatamente o que eles fizeram — ele pediu.

— Bem quando eu estava prestes a destruir o cavaleiro, três demônios superiores apareceram do nada e me atacaram. E quando eu fiquei de pé, o cavaleiro havia desaparecido. É óbvio. Eles não me queriam perto dele. Não queriam que eu o matasse, porque eles sabiam que eu conseguiria. Eles o protegeram de mim e garantiram a fuga dele.

Kara estremeceu com o pensamento do corpo fétido do cavaleiro. Ela havia estado tão perto, tão perto de sua própria liberdade.

— Os demônios não vão honrar este tratado, você sabe — ela disse depois de um momento. — Eles estão planejando alguma coisa... Posso sentir isso.

O Sr. Patterson estreitou os olhos:

— Nunca acreditei por um minuto que eles honrariam o acordo. Eles são demônios, afinal. Está na sua natureza ser desonesto. Eles não são confiáveis, e a Legião foi tola em pensar que eles seriam. Eu não posso culpá-los por tentar, mas eu queria que eles tivessem me ouvido.

Kara deu de ombros:

— Não entendi. Por que que a Legião confiou neles em primeiro lugar? É como se a legião inteira ficasse louca, ou estivesse hipnotizada ou algo assim.

— Porque tempos de desespero pedem medidas desesperadas.

— Você pode dizer isso de novo — disse Kara indignada.

O peso de sua missão falhada pesava fortemente sobre os ombros dela. Sem os outros, ela estava sozinha, e isso a aterrorizava. Ela temia ceder à

escuridão mais facilmente, uma vez que ninguém estaria lá para ajudar a puxar ela de volta para a luz. E a luz dela estava acabando.

— Então, o que vamos fazer sobre a Legião? — perguntou Kara. — Ariel irá nos ajudar? Talvez com ela e Rafael do nosso lado, a Legião nos ouça. Eles precisam nos ouvir.

O Sr. Patterson parecia exausto e frágil:

— E se por acaso você tivesse uma audiência com eles, você acha que eles acreditariam em você?

Kara balançou a cabeça:

— Não, não eu, acho que não. Eu estava pensando que você talvez pudesse contar a eles. Você sabe, afinal é um oráculo

— Ha! — o Sr. Patterson se engasgou com uma risada. — Você me dá muito crédito, minha querida. Pelas almas, eu não posso nem mostrar meu rosto no Horizonte - não por um bom tempo, temo eu.

Seus olhos cintilavam com uma pitada de malícia:

— Já tive uma longa discussão com Metatron e o Alto Conselho sobre o Tratado com os demônios. Optaram por ignorar a mim e a todos os oráculos, incluindo as mães dos oráculos.

— O que as mães dos oráculos disseram?

O Sr. Patterson acariciou uma protuberância redonda dentro do bolso da jaqueta. Kara suspeitava que fosse uma pequena bola de cristal.

— Elas viram muitas versões do futuro. Muitas delas projetaram linhas de tempo que poderiam ocorrer e muitas terminam em nossa perdição.

— Mas não pode ser. — Kara retrucou. — Você disse que tínhamos uma chance. Você disse que se nós destruíssemos os cavaleiros antes que eles quebrassem os selos, então, nós teríamos uma chance. Você disse!

— Sim, sim, sim — disse o homem, e ele suspirou alto.

Quando ele olhou para Kara novamente, deu-lhe um pequeno sorriso.

— O oráculo viu outra versão do futuro. Era só um fio insignificante do futuro que diferia dos outros - o mais pequeno vislumbre. Mas foi o único que mostrou um melhor futuro. O único que mostrou a vida.

Kara sentia como se ela fosse explodir:

— Que foi no que baseia sua teoria com os selos, certo? Bem, diga-me já, estou morrendo de curiosidade.

Ele ergueu seu queixo e mudou sua voz para um som agudo, que Kara imaginou ser sua tentativa de voz feminina, mas isso só fazia parecer que ele

tinha uma infecção séria na garganta. Ele tossiu e disse:

— A única maneira de parar os arquidemônios é com o desaparecimento do cavaleiro.

Kara franziu a testa.

— Espere um minuto. Algo não está certo. Você disse...

Ela vacilou. Um raio de esperança brilhou através dela. Ela temia que se ela falasse seus pensamentos em voz alta, então, a centelha de esperança iria diminuir, porque era bom demais ser verdade...

— Hmmm?

Kara falou com muito cuidado, como se ela estivesse se dirigindo a uma criança.

— Você disse cavaleiro. Singular. Não cavaleiros.

— Não, foi ela quem disse isso.

Kara revirou os olhos e acenou a mão do velho freneticamente.

—Eu sei. Eu sei. Quero dizer que o oráculo disse cavaleiro. Não cavaleiros - no plural, certo? — Seus olhos se arregalaram com impaciência encorajando-o a responder.

O Sr. Patterson pressionou seus lábios, com sua sobrancelha arqueada.

—Certo. Ela disse o cavaleiro. O cavaleiro. Então? Por que está sorrindo como se tivesse ganho na loteria? O que eu não entendi?

—Porque, se eu estiver certa — ela disse, tentando controlar o tremor na voz dela — E eu tenho a sensação de que eu estou, isso significa que temos de matar apenas um cavaleiro para o futuro mudar. Você não entendeu! Apenas um! Um maldito cavaleiro! Sinto que alguém me deu um presente de Natal antecipado!

O Sr. Patterson parecia distraído por um momento:

—Eu adoro o Natal. Este ano, eu estava pensando em me vestir como Papai Noel. Talvez você possa ser minha ajudante!

—Está bem, Papai Noel. Primeiro nós vamos destruir um cavaleiro, e, então, talvez, se tudo correr bem, você tenha seu Natal.

Kara desejou silenciosa mente que todos eles pudessem compartilhar um Natal. Ela saltou se sentindo uma tonelada mais leve e se esqueceu das suas asas, das marcas e da escuridão que fluía dentro dela como sangue. Ela não se lembrava de se sentir tão animada, tão feliz, e ela queria que o sentimento durasse para sempre.

—É isso. Esta é nossa chance. Encontraremos um dos outros dois, a Morte ou a Guerra - e o destruiremos. — Ela deu um soco na palma de sua mão.

—Vamos achar a Guerra — disse o Sr. Patterson.

Ele desapareceu por trás de seu balcão.

—A Morte é o mais forte dos quatro cavaleiros.

Sua voz soava abafada enquanto ele vasculhava as caixas.

—A Guerra é o mal menor dos dois. Não quero enfrentar a Morte, se não for preciso. Nós iremos atrás daquele a quem temos chance real de destruir. Juntos, nós daremos um fim na Guerra.

—Juntos? — disse Kara. — Como eu e você?

O Sr. Patterson olhou por trás de seu balcão:

—Sim. Juntos.

Ele franziu o rosto.

—Por que me olha assim? Posso lutar. Eu sou um membro da Legião, não é? Posso não ser um guardião por assim dizer, mas eu ainda sou um membro com habilidades. E eu tenho muitos talentos que você nunca viu. Você precisa de mim, então, eu vou com você.

— Tenho certeza de que você tem muitos talentos. — a voz de Kara estava calma. — Mas a resposta é não.

Ela não podia arriscar machucar o antigo oráculo. Se algo acontecesse com ele, ela nunca se perdoaria.

O Sr. Patterson levantou uma sobrancelha branca:

— Não é decisão sua.

Ele voltou do balcão, e Kara podia ver que os bolsos do casaco e da calça estavam cheios de itens escondidos que Kara suspeitava ser bolas de cristal. Ele também trazia vários outros equipamentos de "combate".

Kara franziu a testa:

— Não faz diferença quantas armas você tem, você não vem.

— Eu vou, sim. — o Sr. Patterson se colocou ao lado dela. — Quer admita ou não, você precisa da minha ajuda, Kara.

Ele viu as veias no rosto e nas mãos dela.

— Eu sou o único que pode ajudá-la se as coisas piorarem. Você está mudando, mais rápido do que eu gostaria. Sinto uma frieza em você, como um fogo frio.

Kara baixou os olhos dela.

— E eu também posso sentir que você está lutando. Sinto agora. E isso só me dá razão para ter esperança. Há escuridão dentro de você, Kara, mas também há luz.

Seus olhos brilharam.

— Mas não por muito tempo — murmurou Kara.

Ela olhou para o chão. Ela podia sentir uma pequena chama dentro dela, queimando. Ela teria de lutar uma batalha interna constante para manter a luz acesa. Mas ela não sabia por quanto tempo ela poderia mantê-la. Em primeiro lugar, a escuridão havia tentado se esgueirar e tomar o controle a cada hora. Agora era quase a cada quinze minutos.

— Não sei quanto tempo você tem antes de sua transformação estar completa. E eu prefiro não pensar nisso agora. Mas eu sou o único que pode te trazer de volta. Eu posso ajudá-la a controlar os impulsos e puxá-la de volta para nós. Você sabe disso. Eu vou com você, quer você goste ou não!

Mesmo sabendo que o oráculo era capaz de ter razão, ela ainda sentiu uma pontada no peito com o pensamento do mal. Mas que outras opções que ela tinha? Nenhuma. Ela estava separada do resto do grupo, era uma fugitiva da Legião, e embora odiasse admitir - ela precisava do velho. Ela não queria ficar sozinha.

— Bem — ela disse finalmente, tentando esconder a gratidão que ela sentia. — Mas fica atrás de mim em todos os momentos e não faça nenhuma besteira.

— Besteira? Quando eu fiz alguma bobagem? — disse ele com um brilho em seus olhos.

Mas depois ele ficou sério novamente.

— Enquanto eu estava esperando por você no meu armário, eu usei o meu talento, e eu consegui a localização do cavaleiro.

— Onde ele está?

— Bem, se eu estiver certo, ele está no México agora. Mas não sei quanto tempo ele vai ficar lá.

México. Kara não sabia quanto tempo levaria para voar até lá. Ela não podia voltar ao Horizonte e usar os tanques vega. Levaria pelo menos cinco horas, se não mais e isso se tudo corresse bem. Ela não tinha certeza de se poderia fazer a viagem sem sucumbir ao mal que a ameaçava a cada segundo.

O Sr. Patterson balançou a cabeça, e Kara podia ver que ele trazia dor e tristeza.

— Ele começou na Rússia e em seguida, espalhou sua maldade para as partes inferiores da Europa e da África. As guerras que ele criou vão matar milhões de pobres almas. Suas mentes foram corrompidas por um mal que não conseguem controlar. Eles não sabem o que estão fazendo. Eles são como marionetes, fazendo o trabalho do diabo. Em um dia ou dois, pode não haver nada. Não há almas para salvar.

Ele caiu em silêncio por um momento.

— Agora, temos assuntos mais importantes. A Legião vai para a guerra em poucas horas.

Ele levantou uma mão como se Kara fosse protestar.

— E, se nós quisermos salvá-los, temos de ir agora.

O oráculo assentiu com a cabeça e disse:

— Nós devemos tomar posse do futuro, antes que o futuro se apodere de nós.

Kara caminhou em direção à porta da frente e se virou:

— Espere. Eu posso voar até lá, mas como você vai chegar ao México?

O oráculo sorriu:

— Eu pensei que você poderia me carregar.

Kara ficou de queixo caído:

— O quê?

— Bem, estou em apuros, não é? — disse o homem. — Não posso voltar ao Horizonte, e todo o transporte aéreo está em risco. A única maneira de conseguir é se você me levar com você. Eu já não sou muito grande, por isso não acho que eu vou ser um fardo para você afinal das contas.

Primeiro, Kara pensou que o velho havia enlouquecido. Mas depois ela percebeu que não era um pedido tolo. Ele provavelmente não pesava mais do que 40 quilos. Ele não a deixaria mais lenta.

O Sr. Patterson viu que ela estava pensando na ideia.

— Eu poderia subir nas suas costas. Dessa forma não atrapalharia o seu voo de forma alguma. Não sou muito pesado, eu juro.

Kara decidiu que ela faria o que fosse necessário.

— Está bem. — Kara sorriu. — Apenas peça às almas que ninguém nos veja.

Kara abriu a porta da frente.

Salthazar e uma multidão de demônios superiores estavam no meio da rua.

Capítulo 14

O Fim

— Achei que eu iria encontrar você aqui — disse o senhor dos demônios.

Os dentes brancos também brilharam na penumbra enquanto ele olhava para ela com uma mistura de temor e incredulidade:

— Você está fantástica!

Kara se enrijeceu.

— Você vai vir para cima de mim?

Ela disse com nojo:

— Desculpe, mas você não faz meu tipo.

Salthazar riu suavemente, seu rosto bonito era perfeito demais para ser humano:

— Mas eu serei seu tipo mais cedo do que você pensa, e, então, você vai mudar de ideia.

— Você está delirando. — Kara não sabia se ria ou dava um soco na cara dele. Quem esse cara achava que era, afinal? Mesmo que fosse perturbadora mente bonito para um senhor dos demônios, ela pertencia a David até o fim.

Devia haver cerca de cem demônios atrás dele, e ela podia sentir sua ira e agressão. Estranhamente, ela sentiu um pouco de orgulho por Salthazar achar que precisavam de tantos reforços. Isso significava que eles estavam com medo dela. Ela sorriu perversamente.

— O que quer? — Kara viu o Sr. Patterson pegar seu punhal.

Salthazar sorriu.

— Não é óbvio?

Ele riu suavemente novamente:

— Eu vim buscar você.

— Se isto é uma proposta de casamento, ela é uma droga.

O senhor dos demônios não perdeu o sorriso dele.

— Veja, Kara, por mais que goste de você e admire o que se tornou, tenho que seguir ordens, assim como você. E eu não posso deixar você voando por todo este mundo mortal e arruinar nossos planos.

Finalmente Kara ia descobrir qual era o jogo dos demônios:

— E quais são eles exatamente?

— Você está no nosso caminho. Não posso deixar você chegar perto de nenhum dos cavaleiros, não outra vez. Você chegou muito perto da última vez e eu não posso permitir que você os fira, muito menos os destrua.

Kara rosnou:

— Então, eu estava certa. Você quer nos impedir de matar essas monstruosidades. Você sabe que se matarmos um deles, o plano dos seus mestres falhará e eles vão voltar para a prisão deles.

O rosto do Salthazar estava relaxado, mas ele não respondeu.

Kara olhou de relance para o oráculo. Ele estava certo desde o início. O oráculo branco havia visto aquilo.

— Não responda — disse Kara virando sua atenção de volta para o senhor dos demônios.

— Mas eu sei que estou certa. Só o fato de você aparecer aqui com seu exército de soldados para me impedir, como você disse, é a prova de que eu preciso.

Ela sorriu maldosamente:

— Você sabe, eu poderia destruir os cavaleiros, e é por isso que está aqui. Você tem medo de que eu possa vencer.

— Nunca comece uma guerra na qual você não possa vencer — disse o senhor dos demônios com uma selvageria que distorcia seu rosto bonito.

A raiva de Kara começou a subir novamente, mas ela tentava conter:

— Você mentiu para a Legião. Nunca houve um tratado, não é? Você nos enganou.

Os olhos negros de Salthazar brilhavam:

— Sim. E foi o jogo de xadrez mais fácil que já joguei. Como poderia dizer não? Eu não podia. Eu vou governar o Submundo com um suprimento ilimitado de almas humanas? Foi um negócio bom demais para recusar.

— Sua escória!

— A Legião optou por ignorar seus princípios básicos e unir forças com a gente. Eles temem as arquidemônios, e eles sucumbiram a esse medo. Agora é sua perdição. E quando eles perceberem sua insensatez, quando eles perceberem que eu os enganava -vai ser tarde demais.

— Não se eu puder evitar. — Kara queria arranhar seu rosto bonito. Agora não. Ainda não.

— Bem, não importa no final — continuou Salthazar com calma. — De qualquer forma isso não vai mudar o fato de que eu simplesmente não posso

deixar você sair da minha vista. Você nunca chegará outra vez perto dos cavaleiros.

— Tentem me impedir.

O senhor dos demônios zombou:

— Eu vou.

Salthazar estalou os dedos.

Os demônios atacaram.

— Fique atrás de mim — ela rosnou para o Sr. Patterson tentando proteger o corpo dele com o dela.

Ela estava pronta para mais derramamento de sangue. Ela estava ansiosa para isso. Deixe-os vir. Ela não precisava invocar seu poder. Ele já estava percorrendo seu corpo.

Eles vieram contra ela, com suas lâminas balançando. Ela desviava de todas as lâminas, evitando e bloqueando mais rápido e com mais habilidade do que ela pensava ser possível; outro presente da escuridão, sem dúvida. Mas ela não tinha tempo para admirar suas habilidades. Ela precisava sair dali antes que as coisas ficassem feias e perigosas para ela e o oráculo.

Logo o ar estava cheio com os sons de toque de metal e os gritos dos demônios que morriam cortados por suas asas. Ela os atacava facilmente, saboreando a selvageria de sua escuridão.

Com um movimento rápido, ela atirou sua arma em um demônio que havia jogado sua lâmina contra ela. Sangue negro escoou da boca e do corte profundo no pescoço dele antes que ele caísse como uma árvore morta. Ela puxou sua lâmina de volta.

Ela se perguntava se Salthazar ainda estava sorrindo.

Mais dez demônios vieram contra ela de uma só vez. Foi muito rápido. Antes que ela pudesse reagir, ela bateu em uma parede e uma dor explodiu em seu ombro quando suas asas foram esmagadas.

— Não a matem!

Ela ouviu a voz de Salthazar em meio ao som da batalha.

— Eu preciso dela viva e ilesa.

Kara não podia entender por que o senhor dos demônios simplesmente não a matava. O pensamento de que ele era apaixonado por ela era repulsivo. O que quer que fosse sua razão, isso dava uma vantagem a ela. Se eles não a queriam morta, a coisa seria mais fácil do que ela imaginava.

Três lâminas de morte perfuraram seu abdômen, com feridas que teriam levado anjo normal a uma morte miserável e agonizante. Ela ficou surpresa por sentir a dor, mas não o veneno queimando que ela se sentira tantas vezes antes. Ela devia estar a morrendo agora. Então, por que isso não estava acontecendo? Suas lâminas estavam com defeito? Mesmo a dor não era o que deveria ser. Devia ter doído muito mais. Era quase como se o veneno das lâminas da morte não a afetassem. Não mais.

O que quer que fosse que a escuridão havia feito para protegê-la, ela teria de agradecer mais tarde.

Outro demônio veio e a perfurou. Duas lâminas da morte vieram voando para ela. Ela se escondeu, mas as lâminas cortaram um pedaço de sua asa.

Kara rolou no chão, uivando de dor.

Ela deu um grito que veio de dentro da sua alma. Ela amaldiçoou o sangue negro e o monstro que ela estava se tornando. Com sangue negro escorrendo de suas feridas, ela rosnava e atacava qualquer coisa que se aproximasse dela. Ela fatiava, se debatia, mordida. Ela estava rosnando como um animal selvagem. Em sua ira, ela não viu nada além de escuridão e sangue. Ela só queria matar.

Ela se tornou uma máquina de matar.

Ela teve um vislumbre de Salthazar.

Ele estava sorrindo. Era como se ele gostasse de vê-la matar seus próprios demônios.

Na raiva, ela havia esquecido o oráculo.

Por dentro ela congelou. Ela viu que o Sr. Patterson havia sido empurrado contra a porta da frente de sua livraria. Ele estava preso por sete demônios. O medo nos olhos dele enviou um frio por suas costas. Ela tinha que pegá-lo. Ela tinha que salvá-lo.

Com o rosto e as mãos cobertas com o sangue de seus inimigos, ela voou como uma criatura selvagem, abrindo um caminho através da horda de demônios até chegar no Sr. Patterson.

Ela ouviu o grito de oráculo.

Frenética, ela gritou mais alto e atirando sua lâmina contra os demônios que se colocavam em seu caminho. Ela estava quase lá.

E, então, o que ela viu foi como em câmera lenta. Ela viu quatro dos demônios enfiarem suas lâminas da morte no peito do oráculo. Seus olhos

azuis viram o apelo silencioso dele, quase como se ele estivesse arrependido. E, em seguida, os joelhos dele ficaram sem forças e ele caiu.

— NÃO!

Kara o pegou e girou como um tornado selvagem. Os corpos cortados dos demônios caíram ao redor dela, e ela caiu de joelhos gritando.

— Não, não, não — ela gritou.

Ela apertou as mãos sobre suas feridas, e um líquido dourado escorreu por entre os dedos dela. Ela ajoelhou-se na poça da essência dele.

Ele abriu a boca e a essência dourada escorreu pelos cantos:

— Eu sinto muito.

Os olhos dele ficaram imóveis e perderam a vida.

Os demônios superiores a circularam, mas ela permanecia de ajoelhada. As mãos dela tremiam, e ela gritava incontrolavelmente:

— Sr. Patterson? Sr. Patterson?

O corpo dele se moveu, e ela teve um pouco de esperança, mas, então, ela percebeu que era ela que havia causado o movimento porque estava tremendo. A alma vibrante, feroz, amorosa, a única pessoa que estava ali por ela e parecia um verdadeiro pai, que havia tomado conta dela, cuja loja havia sido como um farol de esperança, havia partido.

O oráculo estava morto.

Kara olhou para o corpo dele. Ela estava entorpecida. Ela estava perdida.

Por que a alma dele não havia aparecido?

E, então, algo bate na nuca dela com força e tudo ficou escuro.

Capítulo 15

Enjaulada

Quando Kara retomou a consciência, ela estava vendada. A cabeça dela ainda palpitava do golpe que recebeu, e ela não sabia quanto tempo ela estava inconsciente, ou onde ela estava. Mas não se importava. Havia apenas escuridão. Escuridão dentro dela. Escuridão ao seu redor. E ela a recebeu. Ela merecia isso.

Ela era a culpada pela morte do Sr. Patterson. Se ela tivesse se rendido a Metatron, o oráculo ainda estaria vivo. Se ao menos ela tivesse seguido as regras pelo menos uma vez. Mas agora ele estava morto, e a culpa era dela. Ela devia ter aceitado o castigo e ido para o Tártaro, mas ela fugiu como um covarde. Ela era uma covarde. Pessoas morreram pelo caminho. Ela era uma covarde e um monstro.

O Sr. Patterson não previu isso em suas bolas de cristal? Por que ele não dissera a ela? Ela desejava que ele tivesse ficado escondido no seu armário.

Kara sufocou um grito. Não era culpa dele. Era dela. Não foi seu rosto sorridente e familiar que ela viu, mas o rosto de um amigo aflito e assustado como sua vida sendo tirada.

O que acontece com oráculos quando eles sofrem a morte verdadeira? Era como os anjos? Suas almas reencarnavam em outro oráculo?

Quanto mais ela pensava nisso, mais ela percebia que ela não sabia muito de todo os outros seres no Horizonte. Ela nunca havia se importado. Ela era egoísta. Ele morreu em vão, e que era tudo culpa dela.

Ela estava deitada em um chão de pedra dura. Água escorria à distância. O ar estava úmido, e havia um cheiro de gás de enxofre, podridão e tóxico. No início, ela se lembrou do Tártaro, mas parecia diferente. Era quente, muito quente para ser Tártaro. E que ar limitado era esse, sufocantemente quente. Onde ela estava, um mortal não poderia sobreviver.

E também não era o Submundo. Ela ainda sentia as trações do mundo mortal. Ela estava ainda na Terra, mas ela só não sabia onde.

O chão pulsava contra a bochecha dela como se tivesse um coração batendo, como se fosse vivo. Mesmo deitada lá, ela sentia um golpe de vento quente que vinha e saía se estivesse respirando. Era assustador, mas tudo

desapareceu como resquícios de um sonho quando ela caiu e perdeu a consciência.

Depois de ficar deitada pelo que pareceram horas, ela tentou mover os braços. Eles estavam presos, assim como os pés dela. Havia uma corda. Se ela quisesse, poderia encontrar uma maneira de cortá-la. Mas ela não quis. Ela merecia isso. Tudo aquilo.

Ela começou a se arrastar e bateu com a cabeça em algo sólido. Uma parede. Ela conseguiu se virar e sentou-se de costas para a parede. A cabeça dela ainda palpitava, e ela podia sentir a pancada onde ela havia sido atingida.

Ela não tinha mais nada a oferecer. Com a morte do oráculo, ela inadvertidamente se tornou o monstro que ela temia. Havia sido inevitável, tal como havia dito Salthazar. Ela estava destinada a se tornar este monstro.

Ela morreria na desolação deste lugar, em seu próprio inferno, sozinha e esquecida.

— Eu matei o Sr. Patterson — sussurrou ela no escuro, precisando de alguém ou alguma coisa para ouvir sua confissão. — Eu o matei.

O oráculo já havia visto essa parte do futuro?

Ela não entendia por que Salthazar não a havia matado na porta da livraria. Teria sido muito fácil para ele. Mas não. E agora ela estava ali, em algum lugar, como sua prisioneira. Mas... porquê?

Os dois selos restantes provavelmente estariam quebrados agora. E por que pensar nisso mesmo? Acabou tudo. Os anjos seriam aniquilados e bilhões de mortais estariam mortos. O Horizonte seria destruído, e não haveria nada. Ela tentou não pensar nisso.

Uma porta se abriu em algum lugar nas proximidades. Ela ouvia vozes no silêncio, e depois passos pesados de pés que se aproximavam dela. Ela manteve a cabeça abaixada.

— Finalmente. Você está consciente. — disse a voz de Salthazar. Parecia que ele havia esperado muito tempo para ela acordar.

— Você esteve inconsciente por quase um dia inteiro.

Kara franziu a testa. Porque isso era importante para ela? Ela sentiu que deveria ser, mas ela não se lembra por quê. Ela deixou para lá.

— Eles não deveriam ter batido tão forte.

O senhor dos demônios parecia irritado dessa vez. Era uma amostra de preocupação que ela detectou?

— Eu estava ficando um pouco preocupado. Mas o que está feito está feito, e agora que você acordou. Estou muito feliz por te ver bem de novo, Kara.

Kara rosnou para a forma como ele disse o nome dela, como se ele a quisesse para si.

Isso a enojava. Será que ele pensava que eles poderiam ficar juntos? Se pensasse, então ele estava delirando. Ela não queria nada, exceto um fim à sua vida miserável.

— Por que você não me mata e segue em frente? — ela rosnou.

Sua voz era crua, como se tivesse engolido um copo cheio de lâminas de barbear:

— Não tenho utilidade para você... ou a qualquer um.

Kara podia ouvir botas no chão de pedra nas proximidades.

— Matar você? — Salthazar estava ao lado dela. — De onde tirou essa ideia? Não queremos matar você... Não quero matá-la.

Ele fez uma pausa, e Kara pensou ter ouvido ele lambe os lábios.

— Posso ver agora que todos os rumores sobre você são verdadeiros. Você pode ser apenas gloriosa agora... mas você vai ser magnífica. Você sempre esteve destinada a ser grande. Seu pai sabia disso, e eu sei disso. Até os deuses das trevas sabem disso. E você sempre esteve destinada a estar do nosso lado - não no dos anjos. Você sabe que falo a verdade.

Kara resmungou. Ela queria que ele se calasse.

— O que quero dizer é que os anjos e demônios são praticamente os mesmos. Nós somos todos prole dos mesmos criadores sobrenaturais. Todos temos o mesmo corpo, e todos temos as mesmas habilidades e desejos. Os mortais adoram os anjos, e os anjos os querem bem. Nós também temos o nosso querer. Isso é assim tão ruim? Naturalmente, não. Por que nós não devemos ser adorados junto com os anjos? Nós somos apenas um tipo diferente de anjo, se preferir, um tipo melhor. Um tipo mais forte. E você é um de nós.

— Junte-se a nós — disse o senhor dos demônios.

Ele estava tão perto, que devia estar ajoelhado ao lado dela.

— Junte-se a mim, Kara. Eu vou cuidar de você. Você vai ser adorada ao meu lado por toda a eternidade. Você e eu somos iguais. Podemos excluir todos eles, minha querida.

Kara sentiu um dedo frio passar sobre sua bochecha.

— Você está ainda mais bonita agora do que qualquer criatura em todos os mundos — ele sussurrou.

A mão dele estava no cabelo dela agora e lentamente passou para suas asas.

— Aceite a escuridão. Não lute, minha querida.

Kara nem pestanejou. Ela estava dormente. Sua alma estava entorpecida, e ela não se importava. Ela só via o rosto apavorado do oráculo.

Teria sido melhor se o pai dela, Asmodeus, a tivesse matado naquela noite do cemitério. Melhor ter sofrido a morte verdadeira dela lá. Seu corpo não parecia mais dela. A luz quase se extinguia, e ela sentia que a escuridão da sua transformação estava quase completa. Ela não lutaria mais. Ela a deixaria vir.

Ela deduziu que não estava reagindo da forma que o senhor dos demônios previra, porque depois de um momento, ele tirou sua mão e ela o ouviu andar sobre as pedras úmidas.

Eles estavam em uma caverna?

O passo parou.

— Se eu a soltar, promete que você vai se comportar? — perguntou o senhor dos demônios.

Kara lentamente levantou seu queixo, esforçando-se para ouvir alguma coisa familiar que pudesse ajudá-la a identificar a sua localização.

— Eu odeio deixar você trancada aqui. Seu lugar é ao meu lado. Juntos dominaremos o mundo dos mortos.

Salthazar caminhou novamente.

— Eu quero que você veja. Quero que veja e ouça aqueles anjos mentirosos se contorcendo e implorando por suas vidas. Juntos vamos despedaçar suas almas.

A cabeça de Kara parecia pesada. Ela se sentia cansada e esgotada.

O que esse idiota estava resmungando? Por que ele não podia simplesmente calar a boca e a matar?

— Levantem-na — ordenou Salthazar. — E removam sua venda. Eu quero que ela veja tudo.

Kara ia dizer para ele deixar tudo assim como está, mas os laços que amarravam os pés dela foram cortados e a venda foi arrancada de seu rosto, mas as asas ainda estavam amarradas com corda.

Assim que seus olhos se acostumara, ela viu que estava uma cela de prisão em uma caverna ou masmorra. Ela era um pássaro com asas cortadas, e que nunca voaria novamente. Ela aceitou o seu destino.

Salthazar estava acompanhado por dois demônios superiores. Eles não lhe pareciam mais uma grande ameaça.

Ela olhou para baixo. As mãos dela estavam cobertas de sangue negro, mas também havia sangue dourado misturados nela, manchando suas mãos e dedos. Ela ainda tinha sangue do oráculo. Ela resistiu à vontade de chorar.

Os dois demônios superiores seguravam-na firmemente pelos braços.

Por que estava tão quente?

— Me perdoe, minha querida, mas não posso tirar os laços das suas mãos — disse Salthazar. — Ainda não. Mas em breve, prometo. Eu suspeito que você ainda tem remanescentes de anjo dentro de você. Mas depois que estiver totalmente transformada, você se juntará a mim na batalha. Você será magnífica. Você será a perfeição.

Kara torceu o nariz para o cheiro forte de seu perfume almiscarado e intenso. Era quase como se ele estivesse tentando mascarar o cheiro da podridão e morte que os demônios exalam naturalmente. Não estava funcionando. Apenas acentuava ainda mais o cheiro.

Qual era o problema dele? Ele estava tentando seduzi-la com o seu perfume?

Ele ficou tão perto dela que ela se perguntava se ela cheirava como um demônio também. Por mais bonito que ele fosse, seus olhos eram inquietantes e anormais. Ela desviou o olhar.

— Os deuses das trevas querem ver você — disse Salthazar.

Ele endireitou os ombros com orgulho:

— Então, naturalmente, eu tenho que mantê-la presa agora. Não posso correr o risco de deixar você fazer tolices e me envergonhar. Mas eu a soltarei depois que você se provar digna de ser filha das trevas.

Ela desejava que ele parasse de falar.

— Eu sei que você não pode ver agora. Você não pode imaginar como seria ter poder ilimitado.

A voz de Salthazar se ergueu de empolgação revelando seu desejo de poder. Para Kara, ele lembrava seu pai.

— Mas você aceitar seu destino, e você vai abraçar as trevas.

— Por que eles querem me ver? — Sua voz era um sussurro.

Ela olhou para o sangue em suas mãos e caiu de joelhos, com vergonha. Mas os demônios superiores a puxaram de volta e a chacoalharam como se ela tivesse caído no sono.

Salthazar caminhou até a porta de sua cela.

— Os pais não desejam ver seus filhos? Os deuses das trevas esperaram tempo o bastante. Já perdemos muito tempo com o seu sono de beleza. Quando você estiver totalmente recuperada e sua mente estiver focada, você vai tomar seu lugar de direito e lutar ao lado de sua verdadeira família.

Kara se contorceu com a palavra. Ela já havia perdido um membro da sua família. Ela iria carregar o peso de sua morte para sempre.

Os olhos do senhor dos demônios brilhavam em deleite.

— Aproveite seus últimos momentos como um anjo, minha querida, porque eles não vão durar. Em breve você tomará parte do mundo novo onde nós reinaremos como rei e rainha. Isso já começou a acontecer.

Kara não sabia o que ele estava resmungando, mas sentia-se obrigada a perguntar.

— O que é que começou?

Salthazar se virou com um sorriso esperto no rosto e disse com entusiasmo:

— A guerra dos mundos.

Capítulo 16

Os Archfiends

Os demônios superiores arrastaram Kara pelos corredores de rocha negra. As tochas acesas nas paredes destas grandes cavernas sombrias eram a única fonte de luz, e Kara olhou através da fumaça para tentar descobrir onde ela estava. Eles subiam cada vez mais e mais alto através de uma desconcertante rede de túneis, e o cheiro da morte impregnava-se na sua pele como uma névoa. Ela quase conseguia sentir o gosto em sua boca.

Kara manteve seu rosto em inexpressivo ao perguntar:

— Que lugar é este?

— México — disse Salthazar brilhantemente.

Ele caminhou alguns passos na frente dela:

— No pé do vulcão Popocatépetl. Mas não se preocupe, ele não está ativo... bem, não agora.

Então, ela havia conseguido ir para o México afinal. Agora ela entendia porque estava tão quente. Demônios ou não, Kara tinha certeza de que eles não estavam imunes à lava escaldante. Se essa era uma espécie de esconderijo dos demônios, não era exatamente seguro. Mas ela tinha que dar a Salthazar alguns pontos pela originalidade. Ele havia mencionado anteriormente que a levaria para ver os arquidemônios, então, talvez esse não fosse exatamente um esconderijo. Talvez fosse o próprio covil dos arquidemônios.

— Como cheguei aqui? — Ela resmungou, depois de um momento. Se este era o covil dos arquidemônios, ela não queria vê-lo ou estar nele. Eles deviam tê-la deixado na sua cela.

Salthazar a observou por um momento. Ela odiava o desejo em seus olhos negros. Ela se sentia suja. Ele parecia convencido de que eles ficariam juntos no futuro. Ela ainda queria arrancar seus olhos.

Kara viu um sorriso nos lábios.

— Você tem mais de nós em você do que pensa. As coisas estão mudando para você, Kara. Sua essência de demônio, ou o que quiser chamar, permitiu-lhe mover-se pelas fissuras com a gente. Seu corpo já não precisa reabastecer-se fora dos véus. É mais forte.

Você está mais forte.

Ele fez uma pausa:

— Você verá. Ficará ainda melhor.

Os demônios superiores riam. Ela olhou para todos eles, um após o outro, e foi perturbada por sombras que dançavam em seus rostos idênticos que sorriam para ela. Eles estavam gostando um pouco demais daquilo.

Kara não queria saber o que ficaria melhor. Só de pensar em tornar-se mais demônio, ou o que quer que ela fosse, do que anjo a fazia se sentir como se sua alma fosse sendo arrancada de seu corpo - ela estava perdendo seu verdadeiro eu. A escuridão sufocante devorava a alma dela. Ela lutava contra esse medo desde o início de sua formação na Legião. Ela havia sido marcada desde o início.

Mas ela merecia o que estava acontecendo. Merecia tudo aquilo.

Milhares de olhos vermelhos e amarelos observavam das sombras enquanto ela era arrastada atrás Salthazar. Normalmente, ela estaria apreensiva, mas agora ela não se importava. Macabras criaturas com corpos corrompidos e coberto com feridas acompanhavam ela pelo túnel, sibilando e praguejando ela em uma língua antiga.

O cheiro forte de enxofre queimava o nariz dela. E quando mais alto eles subiam, mais o enxofre tornava-se suportável.

Após o que pareceram horas de escalada, Kara conseguiu ver uma parede de luz amarela suave no fim do túnel. Kara seguiu Salthazar até a luz.

A princípio, a luz brilhante era tão intensa que ela teve que cobrir seus olhos com as mãos. Mas seus olhos gradualmente se ajustaram.

Ela havia chegada em uma plataforma. Nesta, sobre um estrado de pedra, sete arquidemônios sentavam-se em sete tronos de mármore negro.

Havia quatro homens e três mulheres, e todos eles usavam coroas de diamante negro. Eles irradiaram um poder sombrio.

Mesmo na luz suave, eles estavam camuflados na sombra. Veias pretas pulsavam sob a sua pele de cor cinza, e seus cabelos pretos compridos caíam sobre seus peitos. As fêmeas usavam armadura de metal ao redor do peito, mas o torso musculoso dos machos estava descoberto. Eles usavam argolas de ouro em seus ouvidos, longos colares em seus pescoços, e também muitos anéis nos seus dedos. Eles eram reais e aterrorizantes.

Mas a coisa que mais perturbava Kara é que todos tinham asas iguais as dela. Ela não podia deixar de reparar nisso. Suas asas pretas de couro eram

como as asas dos dragões.

Os arquidemônios estavam com os olhares fixos em algo que acontecia lá embaixo, fora da plataforma. Mas antes que ela pudesse ver o que eles estavam olhando, os demônios superiores a arrastaram em direção ao centro da plataforma.

O arquidemônio masculino no meio se destacava de todo o resto. Ele era mais alto que os outros machos, e segurava um globo em suas mãos. Kara pode ver que o globo representava o mundo mortal.

Lentamente, os arquidemônios viraram a cabeça e a observaram com grande interesse, enquanto ela andava pela plataforma até ficar de frente para os arquidemônios.

— Meus senhores e senhoras — Salthazar reverenciou os arquidemônios.
— Meus deuses e deusas.

Kara cerrou a mandíbula dela e revirou os olhos. Ele era patético. Os demônios não tinham nenhum pingo de orgulho?

Os arquidemônios observavam Salthazar com rostos tão inexpressivo quanto máscaras de pedra.

Kara aproveitou a oportunidade para olhar ao redor. Meia dúzia de homens e mulheres ficavam à esquerda e à direita do trono. Eles pareciam guarda-costas, embora Kara tivesse a sensação de que o arquidemônios não precisam disso. Os guarda-costas tinham grandes olhos amarelos inquietantes, com íris como as dos gatos. Suas veias negras brilharam sob a sua pele branca, como tatuagens, e eles usavam capas pretas. Kara podia ver seus corpos fortes escondidos por baixo. Seus traços eram perfeitos.

Um em particular causou um arrepio nela. Ela o reconheceu imediatamente.

Ele era alto e magro, e ele sorriu para ela com a boca cheia de dentes pretos de agulha.

Era o mesmo homem que havia injetado a seringa nela, quando ela estava no bosque em busca de David. Era a seringa dele que havia começado a sua mutação.

Ela encolheu-se quando percebeu que todos os arquidemônios estavam olhando para ela.

— Ajoelhe-se perante seus deuses — rosnou o arquidemônio no meio.
— Lorde Belzebu disse para se ajoelhar — ordenou Salthazar.

Mas Kara não se ajoelhou. Ela ficou firme, como se o desafiasse a vir e fazer ela se prostrar.

Belzebu olhou furioso, mas Kara não alterou a expressão de pedra fria.

Salthazar praguejou e, então, ele chutou o pé dela. Kara caiu toda embolada no chão.

— Curve-se para seus novos mestres, querida — murmurou Salthazar. Em seguida, ele acrescentou, muito baixo, de modo que só ela pudesse ouvir — Porque se não, nós dois estamos mortos.

Kara não se importava com o senhor dos demônios ou estes arquidemônios assustadores e gigantes. Ela levantou-se teimosamente, com o queixo elevado por rebeldia e disse:

— Eu não me ajoelho aos demônios.

Os arquidemônios gritaram e bateram com os punhos em seus tronos.

Belzebu levantou a mão.

— Você nos insulta gravemente — disse o arquidemônio. — Nós somos seus deuses. Nós criamos você! E você se atreve a insultar-nos? É assim que recompensa aqueles que lhe deram mais poder do que qualquer outra criatura mundana?

Tudo fazia sentido agora. Estas foram as criaturas por trás de sua mutação. Foram eles que destruíram o espírito dela. Ela nunca iria agradecê-los pelo que haviam feito com ela. Ela estava destruída.

Kara ficou com seu queixo erguido no ar.

O arquidemônio examinou seu rosto e suas asas. Uma carranca materializou-se na sua frente pálida.

— Você já deveria estar completamente transformada agora.

— É um prazer te desapontar.

Um dos demônios superiores deu-lhe um soco no estômago.

Ela gemeu e endireitou-se muito lentamente. Ela fez uma anotação mental para matar o demônio depois que ela estivesse livre.

— Algo está retardando o processo — disse o deus das trevas. — Talvez tenhamos deixado alguma coisa passar despercebida. Talvez só demore um pouco mais até que ela se transforme.

Em um demônio como eles?

Kara mostrou suas mãos atadas para as criaturas ao lado dos tronos.

— Eu preferiria que vocês me matassem agora mesmo. Você tem seus acompanhantes e seus guarda-costas. Não precisam de mim.

Ela podia ver que Salthazar parecia assustado, mas ela não podia dizer se era medo por ela, ou se ele temia por si mesmo.

— Se o senhor me permite — disse a criatura que ela havia conhecido na floresta.

Belzebu deu um ligeiro aceno, e a criatura virou-se para Kara.

— Nós — ele levantou seus braços para indicar que ele quis dizer os outros seres ao lado dele — não somos demônios não, menina. Nós somos muito mais complexos e mais forte do que meros demônios. Estamos acima deles. Somos superiores a todos as criaturas menores. Nós somos arquidemônios.

A expressão de Salthazar ficou sombria.

Kara deu de ombros:

— Demônios, arquidemônios... Eu não me importo. Para mim, vocês são tudo a mesma coisa. São malignos.

Ela olhou para o bandido que havia injetado a substância nela.

— Mas você... você é o pior. — Ela tentou libertar suas asas, mas elas estavam bem amarradas. — Você fez isso comigo.

— Chamo-me Betaazu.

— Existem alguns nomes como os quais eu gostaria de te chamar.

Betaazu não hesitou. Seu rosto estava tão branco como o chão de pedra. Ele fez um movimento em direção a ela, mas parou diante do olhar dos arquidemônios.

— Espere — disse Belzebu — ela ainda pode ser útil em seu corpo angelical. Não vamos estragá-la ainda. Estou curioso.

Lorde Belzebu ficou em silêncio por um momento. Ele parecia estar pensando. Ele brincava com o globo na mão, e, então, ele virou os olhos para Kara.

Algo se moveu em sua visão periférica. Três cavaleiros gigantes apareceram rapidamente e silenciosamente atrás dela, e montados em seus corcéis grandes, inexpressivos sob seus elmos de metal assim como seus criadores. Como ela não os viu chegar? Eles eram enormes.

Havia um que nunca havia visto antes, um cavaleiro vermelho. Até mesmo seu corcel era vermelho. Assim como os outros cavaleiros, ele estava revestido com armadura vermelha que escondia a maior parte do seu corpo monstruoso e musculoso. Ele olhou para Kara com repugnância. Os cavaleiros senteram-se silenciosamente, olhando e esperando. Mas para quê?

Onde estava o quarto cavaleiro? Kara não podia ver o cavaleiro chamado Morte.

Ela não se importava.

Ela ouviu passos nas pedras atrás dela. Ela se virou e seu sorriso desvaneceu-se.

Uma multidão de homens, mulheres e crianças vinha tropeçando através de um dos túneis. Suas mãos e pés estavam algemados. Suas roupas estavam rasgadas e manchadas com o próprio sangue, e eles estavam cobertos de cortes e machucados.

Muitos deles choraram, e eles se refugiavam enquanto arrastaram suas correntes pela câmara. Eles olharam horrorizados quando eles viram os arquidemônios. As crianças choraram. Seus rostos estavam cheios de sujeira e lágrimas secas.

Eles eram escravos humanos. Foi um vislumbre de como o mundo seria se os arquidemônios não fossem parados.

A cabeça de Kara parecia explodir com a raiva que fervilhava dentro dela.

— O que significa tudo isso? — Kara disse com raiva.

Betaazu parecia apreciar a sua raiva. Ele sorriu e disse:

— Iniciação humana, uma introdução aos seus novos deuses.

Kara olhou para uma garota que tinha não mais do que oito anos de idade.

— Escravos — ela sussurrou. — Escravos humanos. Não é suficiente já lhes ter atormentado com doença, fome e guerra? Agora vocês tomaram aqueles que conseguiram sobreviver e os fizeram de escravos? Isso é doentio.

— É um novo regime. Uma limpeza. Os humanos que sobrevivem têm que obedecer e adorar seus deuses novos. Não há outra escolha para eles.

Um demônio com a cabeça raspada moveu-se para a frente:

— Renunciem a seus velhos hábitos e abracem o futuro. Ajoelhem-se e adorem seus deuses das trevas.

Os escravos não se mexeram. Talvez tivessem medo de se mover ou talvez estivessem em choque. Kara tinha a sensação de que alguns deles iam desmaiar. Ela não sabia pelo que eles haviam passado. Deve ter sido terrível. Mas ainda assim nenhum dos escravos se moveu.

— Ajoelhem-se diante dos deuses — ordenou o demônio. — Escolham os deuses das trevas e vivam... ou escolham a morte.

Uma das mães foi a primeira a se ajoelhar. Ela agarrou-se a seus filhos e puxou-os para o chão com ela. E, então, todos os outros escravos se curvaram também. Todos, exceto um.

Um homem idoso coberto de raiva e hematomas roxos continuava de pé. Seus cabelos brancos estavam cheios de sangue. Ele a fez se lembrar do Sr. Patterson.

— Ajoelhe-se, Frank — sussurrou um dos homens. — Apenas faça isso. Não vale a pena perder sua vida — disse em voz baixa.

Mas Frank não se moveu:

— Para mim, vale.

O outro homem balançou a cabeça tristemente, mas não falou novamente. Os outros escravos mantiveram a cabeça baixa e os olhos no chão.

O demônio foi mais rápido do que Kara podia imaginar, indo até Frank.

— Seus humanos inúteis! Como se atrevem a ser impertinentes diante de seus deuses, humanos? Insolente, infeliz mortal. Ajoelhe-se! Ajoelhe-se perante os deuses das trevas!

O velho mantinha a cabeça erguida.

— Eu não vou fazer isso. Eu nunca acreditei nessa ladainha antes. Não posso negar que tenho visto coisas que não posso explicar, e que eu não entendo. Mas isto...

O homem levantou os pulsos encadeados e fez um gesto em direção aos arquidemônios.

— Eu agora posso ver que há forças do bem e do mal no universo. Vocês pretendem ser deuses? Não sei se isso é verdade, mas meu coração me diz que vocês não são deuses, mas demônios. Não sei o que você é, ou porque você está aqui. Mas se eu acreditasse em um Deus, seria um Deus justo, um Deus bondoso. Não seria um Deus que mata e obriga os fracos a adorá-lo.

— Se não ficar de joelhos agora, velho tolo — sussurrou o arquidemônio — Você morrerá. Eu juro.

Os olhos de Frank cintilavam com lágrimas:

— Eu não temo a morte, porque eu acredito que nossos espíritos viverão.

— Infiel! — gritou o demônio. — Inútil saco de sangue.

Ele socou o velho no estômago com tanta força que jorrou sangue de sua boca.

— Pare! Como se atreve! — Kara tentou andar, mas foi puxada para trás por Betaazu.

O demônio levantou o velho pelo pescoço e arrastou-o até a borda do penhasco.

O homem gritou e lutou tanto quanto seus membros permitiriam. Mas ele não era páreo para a força sobrenatural do demônio.

Com uma luta final, o demônio jogou o velho por cima do parapeito. Seu grito soou nos ouvidos de Kara, seus joelhos tremeram, e, então, ela não o viu mais.

— Me larga — ela rosou.

Ela deu uma arrancada, mas o demônio a segurava firme.

— Monstros! Que monstros! Eu vou matar vocês. Eu vou matar todos vocês!

Em um movimento único e rápido, ela girou, tentando se soltar. As mãos do arquidemônio se afrouxou, mas Betaazu a pegou novamente com facilidade.

— Pare de se mexer ou eu vou quebrá-la — ele rosou. — Ou eu vou jogar você também.

— Pode fazer — ela bravejou. — Me joga daqui, demônio.

Ele cerrou a mandíbula:

— Não me provoque.

Mas foi exatamente isso o que ela fez. Ela passou a perna atrás dos joelhos dele, fazendo ele cair. Como ele não a soltou, ela caiu no chão em cima dele.

Betaazu parecia satisfeito:

— Devo dizer que estou gostando muito disso.

Se suas mãos não estivessem atadas, ela teria de dado um soco na cara dele. Mas ela só deu uma cotovelada mesmo.

O senhor dos demônios parecia estar perdendo a paciência:

— Basta! — ele rosou. — Não há nenhuma razão para isso. Eu sempre vou ganhar. Você está em desvantagem, Kara. Apenas desista.

Kara olhou para os escravos. Eles a estavam observando, implorando por sua ajuda. Mas ela estava presa e algemada, era um escravo como eles.

E não havia nada que ela poderia fazer.

Kara estava longe deles e tentou esconder seus medos.

Eles podiam ver que ela era um anjo? É por isso que eles pediam socorro silenciosamente a ela? Eles sabiam o que ela era? Mas como?

Talvez o véu sobrenatural que impedisse os humanos de verem anjos tivesse sido tirado de seus olhos pelos arquidemônios. Mas não importava de qualquer maneira. O monstro dentro dela havia devorado até o último vestígio de sua essência angelical, deixando apenas uma besta.

Mas e se ela estivesse errada?

Talvez os mortais tivessem visto algo de bom dentro dela. Afinal de contas, eles pediam a ajuda dela. Eles sabiam de algo. Eles podiam ver algo nela. Ela havia jurado protegê-los. Eles podiam ler isso nos olhos dela?

Kara viu diabinhos levarem os escravos humanos embora por outro túnel. Uma criança soltou um gemido, e a essência de Kara começou a ferver novamente.

Ela olhou para a mão dela e deu um pequeno suspiro. Uma pequena centelha dourada brilhava no dedo dela.

Kara havia se esquecido do anel dela. Talvez ele pudesse lhe dar as respostas das quais ela precisava. Fazendo o seu melhor para não dar muito na vista, ela olhou para o anel novamente.

Um dos selos ainda estava intacto.

Um sorriso travesso se espalhou por seus lábios. Ainda havia uma chance de salvar a todos.

E, então, algo dentro de Kara despertou.

Capítulo 17

Uma confusão de demônios

Foi repentino. A pequena luz dentro dela pulsava e crescia. Sua cabeça começou a limpar. Ela não queria mais morrer. Ela queria lutar. Ainda havia centelha de vontade de lutar nela, fosse ela anjo ou não, isso não importava. O que importava era o que ela faria com isso. Ela se agarrou a esse sentimento. Um véu tinha sido levantado, não só de sua mente, mas de seus olhos. Ela podia ver agora. Ela podia ver tudo. Talvez tivesse sido resultado de se tornar um monstro, mas ela parecia ter desenvolvido algum tipo de sexto sentido e uma visão de raio-x. Tudo havia ficado mais lento em volta dela, e suas percepções estavam mais aguçadas.

Ela notou algo estranho nos arquidemônios. Algo estava errado - eles estavam errados. Seus corpos pareciam ir e voltar, como fantasmas ou espectros que constantemente lutavam para se manter sólidos. Era como se parte deles pertencesse a algum outro lugar...

O Sr. Patterson disse que os poderes dos arquidemônios diminuían na Terra devido à longa duração de sua prisão. De alguma forma eles ainda estavam ligados à sua prisão pelos selos que os mantinham presos. Para ganhar o controle total sobre seus poderes, eles teriam literalmente que sair da sua jaula.

Quanto mais ela observava, mais claramente ela podia ver. Sua pele era semi-transparente. Era uma mudança sutil, mas que a fazia se lembrar de quando ela começou a desaparecer antes.

Eles não haviam recuperado todos os seus poderes perdidos. Seria assim até todos os selos fossem quebrados.

Belzebu despertou Kara de seus pensamentos:

— Conte-nos como você e alguns dos seus anjos da guarda souberam da existência de meus cavaleiros.

Ele olhou para o globo.

— Você é apenas um grão de pó na linha do tempo da criação. Não tem como saber sobre eles. Eu sei que não descobriu por conta própria,, então, você deve ter se informado por uma fonte confiável que tinha um conhecimento profundo dos deuses.

Apenas alguns possuem esse conhecimento. Então, me diga quem a informou da sua existência?

Kara pressionou seus lábios. Essa informação nunca sairia dela. Ela já tinha causado a morte de um oráculo. Não havia como pôr em perigo as mães dos oráculos, ou quaisquer outras criaturas por causa disso. Se os arquidemônios eram tão espertos como os deuses que eles alegavam ser, eles provavelmente saberiam logo, logo. Se ela pudesse poupar algum tempo para a Legião, ela o faria.

— Quem nesse lamentável regime você chama de Legião a aconselhou?
— perguntou o arquidemônio novamente.

A voz dele se elevou em aborrecimento, e ela queria saber quanto tempo ela poderia continuar com isso antes de virar pedacinhos. As veias pretas no rosto dele palpitavam quando ele levantou uma sobrancelha:

— Foi um Arcanjo? — perguntou o deus das trevas. — Ou esse que vocês chamam de Chefe?

Uma centelha de surpresa se mostrou no rosto de Kara, e os olhos do arquidemônio se estreitaram. Ele tinha visto também. Ela não sabia como eles sabiam disso, mas o Horizonte já teve seus traidores. Seu pai tinha sido um.

Kara só deu de ombros, mas ela manteve os olhos no arquidemônio durante o interrogatório todo. Ela tinha que mantê-lo ocupado.

O rosto do Belzebu estava ilegível.

— Por que ir atrás dos cavaleiros, quando o resto da sua espécie está sendo massacrado? Estou surpreso que você não estava com sua preciosa Legião. Eles poderiam ter usado uma criatura como você na linha de frente, mesmo que estivessem fadados ao fracasso. Você deve ter sido um anjo de alguma importância.

Seus olhos amarelos brilhavam:

— O que você estava procurando?

Esta inquisição poderia durar para sempre se ela não contasse nada importante a ele, então, Kara manteve seu rosto tão inexpressivo quanto podia.

— Nós não estávamos à procura de nada — ela disse. — Só estávamos fazendo nosso dever como guardiões. Você sabe, salvando vidas mortais, a vida que você quer destruir.

O arquidemônio deu um riso maligno e terrível. Mas quando ele falou novamente não havia vestígios de riso:

— Há mais planos para tentar parar meus cavaleiros? Me conta! É muito importante.

Kara levantou suas sobrancelhas.

—Tenho certeza de que é importante, mas não sei do que você está falando. Eu sou apenas uma guardiã - ou era - eles não me dizem nada.

A confusão da batalha abaixo estava cada vez maior, aumentando o medo no fundo do peito de Kara.

Belzebu inclinou-se em seu trono:

— O que sabe dos selos?

Tudo dependia da resposta dela.

Ela suspeitava de que os arquidemônios podia ler a mente dela. Ela não tinha um plano - não ainda. Primeiro, ela precisava se libertar. Os olhos dela foram de encontro à lâmina da morte que andava no cinto de Salthazar.

—Selos? Aqueles das correspondências? — disse Kara, olhando para trás, com a voz estável. Ela esperava ser boa mentirosa o bastante.

—Eu consigo sentir o cheiro das suas mentiras — disse Belzebu. — De algum modo a Legião descobriu a conexão entre os selos e os cavaleiros. É por isso que você pensou que poderia detê-los. Mas você não pode pará-los. — Ele fez uma pausa e depois acrescentou — Mors vincit omnia.

Kara fez uma careta:

— Desculpa, meu latim está um pouco enferrujado.

— Significa que a morte conquista tudo.

— E a vida continua — rebateu Kara, ligeiramente com prazer de si mesma.

—A vida? — riu o arquidemônio. — Sua ideia de vida não existirá após o Apocalipse. Não haverá mais almas mortais para a Legião salvar, porque não haverá nenhuma Legião mais, não haverá mais Horizonte. Só deuses das trevas e aqueles que nos servem sobreviverão. Por mais que aprecie sua determinação, sua vontade de lutar pelo que acredita ser certo, tudo será em vão. As ações do Horizonte são infrutíferas. Os anjos não podem nos parar. Você não pode parar um deus.

Kara não soube o que deu nela, mas ela não podia evitar:

— Você não é um deus.

TUM.

Salthazar deu um tapa na cabeça dela, e ela cambaleou para a frente. Depois que ela olhou para ele. Seu rosto estava frio, mas seus olhos diziam: entre no jogo, sua estúpida, pelo bem de nós dois.

Se fosse para entrar em algum jogo, seria o dela própria.

Gritos subiram dos penhascos e eles ouviram uma espécie de grito de guerra, mas vinha de bem longe dali. De repente, todos os arquidemônios, exceto Belzebu, se levantaram. Os olhos do Belzebu demoraram-se nela, como se estivesse esperando por algo.

Os arquidemônios passaram por ela sem sequer um olhar, indo para a borda da plataforma. Eles abriram suas grandes asas e mergulhou lá embaixo, desaparecendo no ar.

Kara, curiosa, deu alguns passos para o local onde os arquidemônios haviam desaparecido, mas Salthazar agarrou-a pelo braço e puxou ela de volta com força.

Ela se debateu, e ele sorriu de volta.

— E eu pensei que você gostasse de mim — ela disse.

— Ah, mas eu gosto de você — ele ronronou. — Muito, muito mesmo.

Ela levantou os pulsos atados:

— Então, prove e corte isso aqui.

— Ela é como uma mula teimosa que precisamos domar — disse Betaazu, antes que Salthazar pudesse responder.

Kara olhou para o estrado. Era a primeira vez que ela tinha visto um sorriso de verdade na cara do arquidemônio, e foi assustador.

Belzebu levantou um dedo:

— Domem-na.

Um Betaazu muito feliz e dois outros demônios vieram até ela com chicotes e correntes.

Por que ela não havia reparado nas armas deles antes de abrir a boca estúpida?

Kara levantou suas mãos novamente.

— Não é justo, não é.

Ela virou-se para Salthazar:

— Você pode pelo menos me desamarrar?

Mas o rosto do senhor dos demônios era uma máscara inexpressiva. Ele se afastou dela e deu aos demônios o espaço de que precisavam para baterem nela.

— Obrigada — ela resmungou. — Você feriu meus sentimentos.

Kara se preparou para o primeiro assalto.

Uma arquidemônio de cabelos vermelhos veio na sua direção balançando um chicote.

— Pode vir. — Kara rosnou. Ela desejava poder usar suas asas para cortar a cabeça dela.

O demônio sorriu com dentes pontudos:

— Você é minha agora, garota. Mal posso esperar para te saborear.

O demônio ruivo veio buscá-la e lançou o chicote no pescoço de Kara.

Kara se escondeu e ouviu o som do chicote passar por ela.

Onde estariam os outros dois demônios?

Uma segunda chicotada prendeu seu pescoço, mas ela logo se soltou.

O demônio investiu contra ela, com os caninos expostos.

Kara deu uma cabeçada nela com todas as suas forças e o demônio cambaleou e caiu para trás. Sem tempo a perder, Kara pegou o chicote dela da melhor forma que podia com as mãos atadas, e apertou o pescoço da criatura. Ela puxou até sentir seus braços queimando. O demônio finalmente parou de lutar e ficou imóvel.

Algo atingiu Kara em suas asas e em suas costas. Ela caiu de joelhos. Betaazu pisou em cima do primeiro arquidemônio inconsciente e caminhou até Kara. Ela se virou e viu que outro arquidemônio vinha atrás dela também.

Ele a chutou Kara, que saiu rolando no chão. Quando finalmente parou, ela sentiu sua escuridão se alimentando de sua raiva. Ela ia matá-los.

A energia nova e fria palpitava pelo corpo dela. Ela se levantou para enfrentar o idiota que a havia chutado.

O arquidemônio trazia um chicote na mão e um sorriso frio no rosto. Na escuridão, seu cabelo loiro parecia verde. Se ele queria briga, então eles iriam brigar.

Ele deu uma chicoteada na direção de Kara, mas ela se desviou para o lado. Uma nova chicotada acertou seu joelho, fazendo-a se desequilibrar e cair no chão. O chicote queimava como ácido em sua perna.

— Ajoelhe-se perante seus deuses! — disse o arquidemônio loiro. — Jure sua lealdade a seus novos mestres, criatura imunda.

Kara cuspiu o cabelo de sua boca:

— Nunca. Você vai ter que me matar, demônio.

O arquidemônio rosnou e puxou seu chicote com força tremenda. Kara disparou no ar e desabou ao lado Salthazar. Ela podia ver que Salthazar não se importava com o fato de a estarem machucando. Ele apenas olhava irritado, com medo de que ela arruinasse suas chances de causar uma impressão favorável aos arquidemônios.

Ela chutou as pernas de Salthazar e, quando ele caiu, ela pegou a lâmina dele.

Ela não tinha tempo para se perguntar por que a lâmina não queimava os dedos dela como deveria acontecer. Ela começou freneticamente a cortar suas amarras. Mas antes que ela pudesse fazer muitos progressos, ela foi arrancada pelas costas e perdeu o controle da lâmina da morte.

Será que ela havia conseguido cortar suficiente mente fundo?

Kara rolou no chão e caiu de joelhos. O arquidemônio loiro parou diante dela. As presas dele brilhavam na luz suave.

— Ajoelhe-se, garota, ou eu vou arrancar as asas do seu corpo.

— Eu gostaria de vê-lo tentar — rosnou Kara.

Ele atirou-se contra ela, mas Kara conseguiu soltar suas mãos e ficou esperando por ele. Ela pegou o chicote dele com ambas as mãos e puxou o demônio em direção a ela. Quando ele tropeçou para a frente, ela o chutou na cara com toda a força que tinha. Ela largou o chicote quando ele caiu no chão.

O arquidemônio cuspiu um sangue negro da boca quando se levantou:

— Você vai pagar por isso.

— Imaginei que você fosse dizer isso. — Kara jogou suas mãos para trás, tentando soltar suas asas.

Se ela pudesse voar, ela poderia dar o fora dali e procurar o quarto cavaleiro. Era sua única chance.

Desesperada mente, ela puxou e puxou, mas os laços em suas asas eram fortes demais para suas mãos nuas. Mesmo com sua força das trevas, os laços não se soltavam. Ela ia ter que usar algo diferente. Ela teria que ser mais esperta que isso.

O arquidemônio usou seu chicote contra ela. Sem pensar duas vezes, ela o prendeu e, usando o seu próprio impulso, passou o chicote em volta do pescoço dele, estrangulando-o com sua própria arma. Ele caiu no chão. Sangue negro jorrou no rosto dela quando a cabeça dele foi decapitada e caiu no chão, ao lado de seu corpo.

— Olha o que você fez. — Betaazu veio caminhando com seu rosto lívido. — Sua garota estúpida e tola.

Kara se afastou do corpo no chão, escondendo sua surpresa com o que ela tinha feito.

— Eu estava pensando em quando você iria aparecer.

A fúria selvagem dele era assustadora. Ele jogou seu chicote de lado e veio para cima dela. Seus dentes pretos estavam à mostra, e seu rosto estava contorcido de raiva.

Kara levantou suas sobrancelhas:

— Então, vai ser uma luta justa? Ótimo.

Mas não era. Não realmente.

Betaazu se atirou nela mais rápido que um piscar de olhos. Ele esmagou seu rosto com os punhos, e ela viu estrelas.

Ela não soube o que ele estava fazendo até sentir uma dor imensa. Ela gritou como nunca antes. O demônio avançou nas costas dela até arrancar uma de suas asas com suas mãos nuas e ela desabar no chão.

Ela estava deitada em uma poça de seu próprio sangue negro. O mundo ao seu redor girava, e a dor excruciante a imobilizava. Ela não conseguia pensar. Ela não podia se mover. Ela só sabia sentir dor.

Ela ouviu a voz do Betaazu.

— Você não devia ter matado meu irmão! O que estavas pensando? Sua estúpida, estúpida! Você sabe o que você fez? E agora olhe para você. Sua patética. Você devia ter se ajoelhado quando nós ordenamos.

Ele chutou a asa cortada, e ela deslizou pelo chão, sem vida.

— Agora você está quebrada.

Ela queria amaldiçoá-lo, mas não encontrou forças para proferir uma única palavra. Ele a chutou forte no estômago, e ela se virou para a borda da plataforma de pedra.

— Você tem sorte, pois precisamos de você — murmurou Betaazu. — Caso contrário, eu a faria sofrer uma morte lenta e dolorosa. Mas não antes de arrancar sua outra asa.

Com o seu corpo tremendo de angústia, ela tinha apenas a força para levantar a cabeça. Ela estava perto o suficiente da borda da plataforma para ver a comoção lá embaixo.

Ela piscou e a cena lá de baixo virou seu foco. Kara não sentia mais dor e havia se esquecido de sua asa cortada e dos deuses das trevas.

Para ela, só havia a cena aterrorizante abaixo dela.

No vasto deserto, abaixo da grande montanha vulcânica em que ela estava deitada, estava sendo travada uma batalha colossal. Uma monstruosa batalha entre os demônios, arquidemônios, os terrores do Submundo e os anjos.

E os anjos estavam perdendo.

Capítulo 18

Os Estágios Finais

Kara nunca tinha visto tantos anjos juntos ao mesmo tempo. Devia haver centenas de milhares deles lutando e perdendo na planície abaixo.

Tão pequeno como ratos, eles enchiam a Terra como um mar de figuras em movimento. Centenas de diferentes legiões lutavam contra os pelotões de demônios. Mesmo à distância, ela podia ver claramente os arcanjos grandes e imponentes lutando ao lado de anjos menores. Eles eram fortes e impressionante, mas não eram suficientes.

O atrito dos metais e os gritos dos anjos morrendo se erguiam da planície de batalha. O cheiro forte de sangue dos demônios e essência dos anjos era perturbador. Hordas de monstros gigantes, minhocas e insetos bestiais dilaceravam os corpos dos anjos feridos como se fossem de papel.

Ela podia ver que as legiões de anjos lutavam com agilidade e competência, desferindo seus golpes fatais. Mas os demônios que deveriam estar abatidos, continuavam lutando.

Demônios com ferimentos fatais lutavam como se nem notassem a falta de seus membros ou sua perda de sangue. Os demônios e as outras criaturas do Submundo lutavam como se tivessem algum poder sobrenatural.

E, então, ela viu.

Seis arquidemônios de pé, em círculos, na periferia do campo de batalha. Milhares de sombras se derramavam de seus braços e asas, se dirigindo ao campo de batalha, para os demônios e os arquidemônios. O poder sombrio dos arquidemônios estava dando aos demônios a força natural dos deuses.

Os anjos estavam em desvantagem. Eles nunca poderiam derrotar criaturas com uma fonte infinita de energia.

O peito de Kara doía. Se ao menos ela pudesse ter impedido o último cavaleiro...

— Apreciando a vista? — riu Betaazu. — Gostar de ver o seu povo morrer?

— Cale a boca.

Kara observou a vasta área em busca de rostos familiares, mas eles estavam muito longe e não dava para reconhecer.

Será que seus amigos estavam lá embaixo em algum lugar? Onde estaria o David?

Ela tinha que fazer algo. No ritmo que estavam indo, os anjos durariam apenas algumas horas. Ela não podia ficar ali, segura, enquanto os amigos dela e o resto da Legião estavam lutando.

Por que ela estava ali? Por que eles não a haviam matado ainda? Eles a queriam ali, queriam atormentá-la, fazê-la ver a batalha até os arquidemônios ganharem?

Betaazu chutou uma pedra lá embaixo:

— Bem, já não são seu povo, e em breve também não importa.

Kara cerrou os dentes:

— Eles sempre vão ser meu povo.

Ela podia voar com apenas uma asa?

Ela estava tão perto.

Se ela se deixasse cair dali, será que a sua asa restante seria suficiente para deslizar até a batalha? Será que ela ao menos se abriria?

Discreta mente, ela testou sua asa direita e esta se moveu. Funcionou.

Ela deslizou um pouco para a frente

— Levantem-na. Está na hora — ressoou a voz do arquidemônio atrás dela.

Se ela ia fazer alguma coisa, tinha de ser agora.

Era agora ou nunca.

Kara reuniu toda a sua força, agarrou-se numa pedra e arrastou-se em direção à borda.

Mas algo agarrou o pescoço dela e a puxou para cima.

— Aonde você acha que vai? — riu Betaazu.

Ele soltou ela de volta na superfície rochosa. Seu rosto estava todo sorridente, mas ela podia ver a sua surpresa em seus olhos de gato. Ele não tinha pensado que ela arriscaria sua vida, atirando-se dali.

— Pensei em me juntar à festinha lá em baixo. — Kara olhou para ele. — Eu não sirvo para você. Deixe-me morrer com meu próprio povo. Você pode fazer isso por mim, não pode? Deixe me ir. Por favor.

O demônio apertou o pescoço dela:

— Tente de novo, e eu vou arrancar sua outra asa. Não pense que não.

Betaazu a soltou e voltou a seu trono, com um olhar entediado em seus olhos amarelos.

— Estou ficando intrigado. Por que você ainda não concluiu sua transformação?

O arquidemônio olhou para ela como ele estava fazendo um comentário sobre o tempo.

— Estranho que o seu novo corpo esteja sangrando até morrer. Era para o sangramento ter parado.

Kara podia sentir sua essência desaparecer a cada gota que escapava de seu corpo. Um suor frio escorria da testa dela. Se Betaazu não a tivesse segurando pelo pescoço, ela teria caído como uma pedra lá embaixo.

— É um mistério, mas agora é irrelevante. É hora de se juntar a nós e tomarmos de volta o que é nosso.

O arquidemônio virou a cabeça enorme e rugiu.

— Cavaleiros. Venham. Seu criador ordena.

Três cavalos grandes de guerra saíram das sombras, e o chão tremeu sob os pés de Kara. Os Cavaleiros do Apocalipse esperavam por instruções do seu mestre. Ela havia se esquecido completamente deles.

— Vão! Destruam a todos!

A antiga montanha tremeu quando as grandes bestas galoparam para a batalha. Os cavaleiros desapareceram, deixando apenas um rastro de névoa negra.

Em poucos segundos, Kara ouviu os gritos desesperados de anjos morrendo quando os cavaleiros desencadearam sua carnificina com um rosnado gutural.

Kara se virou para o campo de batalha. Um massacre estava acontecendo lá em baixo, e ela estava perdendo. Ela tinha que ir embora dali.

— Os meus cavaleiros são os guerreiros mais poderosos de todos os mundos — disse o arquidemônio.

Kara se virou para olhá-lo; a carranca preocupada dele havia sido trocado pelo interesse por suas criaturas.

Ele sorriu para ela, e seus olhos brilharam:

— Por mais poderosos que eles possam ser, ainda não são nada em comparação à minha posse mais preciosa e mais temida. — Quando a Morte chega — seu sorriso se alargou — Nada em todos os mundos é capaz de pará-la. Nada. A morte é a mais poderosa e sublime de minhas forças das trevas. Ela é indestrutível. Os deuses das trevas reinarão. Os anjos serão massacrados!

— Está na hora, Kara.

Kara voltou sua atenção para o arquidemônio.

— Hora de quê? — Ela resmungou.

— É hora de colocá-la para trabalhar — disse Belzebu. — É hora de você aceitar o que você é e revelar a sua verdadeira identidade. É hora de cumprir o seu destino.

Kara tombava fortemente para o lado direito por causa do peso de sua única asa. Seu sangue negro manchava as roupas e as botas dela. A cabeça dela palpitava novamente, mais intensamente. Ela sabia que ela não duraria por muito tempo. Mas primeiro, ela precisava encontrar o cavaleiro. Nada mais importava.

Usando os ferimentos dela como um disfarce, ela cambaleou e deu um passo para trás, em direção à borda da plataforma.

— Eu sempre fui destinado a ser um anjo da guarda — Kara estremeceu com a dor na cabeça dela. — Disso eu tenho certeza. Eu sei disso.

Belzebu admirava-lhe calmamente. Isso a enfurecia.

— Você estava destinada a se tornar algo muito maior do que meramente um anjo ou um demônio. Seu pai também sabia.

Kara esfregou a cabeça latejante.

Do que ele estava falando? Claramente, ele gostava de se ouvir falar. Bom. Deixe-o falar.

Ela deu mais um passo para trás e deslocou o peso para que pudesse sair correndo quando preciso.

— Mas seu pai foi um tolo, um demônio tolo e egoísta. Em sua própria busca para adquirir a grandeza e o poder para si mesmo, ele não conseguiu ver o seu verdadeiro potencial, seu verdadeiro destino. Ele ficou cego por seu egoísmo e não conseguiu aprender a verdade real, o verdadeiro segredo de onde você veio. Sobre sua linhagem.

Linhagem?

Kara sentiu uma onda fria de escuridão aumentar dentro de sua alma. A escuridão estava tentando apagar a luz minúscula que era a única parte dela que ainda existia. Ela foi capaz de conter a escuridão por hora, mas ela sabia que não era forte o suficiente. Em breve, ela iria tomar conta dela e Kara iria perder o controle de si mesma.

— As dores de cabeça são apenas um sinal de que a transformação está quase completa — disse o arquidemônio como se soubesse o que ela estava

sentindo.

Ele pausou por um instante, satisfeito de a ter intrigado.

— É o fim... mas também um novo começo.

Kara não tinha ideia do que ele estava resmungando. Ela se concentrou em seus joelhos enfraquecimento e em sua cabeça latejante. Ela não tinha tempo para ouvir esses arquidemônios psicóticos.

Ela deu outro passo discreto para trás.

O arquidemônio sorriu maldosamente:

— Você está pronta agora.

Ele estendeu uma mão grande diante dela.

— Venha, junte-se a mim, e eu prometo que vou acabar com suas dores de cabeça.

Ela nunca, jamais, se juntaria a ele. Ela não podia aguentar mais tantas mentiras, tantos demônios que se achavam tão importantes, suas dores de cabeça martelando... Então, ela deu meia volta e correu o máximo que seu corpo enfraquecido permitia.

Ela viu a borda do parapeito e ouvi o bater pesado de botas atrás dela. O arquidemônio estava perto demais. Ela parou e se virou, ficando de pé sobre o parapeito.

— Pare ou eu pulo!

Betaazu parou no mesmo instante. Ele estava a um passo de distância dela. Ela podia ver a fúria ardendo nos olhos dele. Seus dentes estavam à mostra, como se quisesse arrancar o pescoço dela.

Ele olhou Kara por um momento:

— Por que ainda se importa com eles? Não há esperança para eles.

Ela olhou para o anel dela.

— Ainda há esperança — ela murmurou para si mesma. Ela viu Betaazu olhar para o anel dela, mas sua expressão era inexpressiva.

O deus das trevas riu:

— Esperança! Não há mais esperança, bem, não há para os anjos ou os mortais. Acabou para eles. Venha comigo agora — ele ordenou.

— Mas há esperança! — Kara virou-se para o arquidemônio. — Ainda há esperança. Porque ainda há um selo intacto.

— Não, não há.

— Sim, há. — Ela ergueu a mão dela, e seu anel dourado brilhou na luz.

— Este anel me diz que há.

Dolorosamente, ela estabilizou-se e torceu para conseguir manter-se em pé até a hora do salto.

— Sempre há esperança — ela disse.

— Eu vou atrás do último cavaleiro, e você não pode me impedir. Eu vou matá-lo.

Bem quando estava prestes a virar e pular, ela parou, não porque tinha medo de cair, mas porque alguma coisa não estava certa no modo como eles estavam olhando para ela. Ela era mais um pássaro ferido do que qualquer outra coisa. Eles deviam estar furiosos, mas em vez disso, eles estavam satisfeitos. Por quê?

Ela estava sendo estúpida. Quem se importa com o que eles pensavam? O que importava era encontrar o cavaleiro enquanto havia ainda esperança.

— Eu o acharei — ela disse, desafiadoramente, enquanto se preparava para saltar. Belzebu, levantou-se do seu trono e disse:

— Você já o encontrou.

Kara vasculhou a câmara e depois olhou para o arquidemônio. Ela fez uma careta:

— Você? Você é o quarto cavaleiro?

Belzebu sorriu, os olhos dele se alargaram:

— É claro que não. Kara Nightingale, da Legião de anjos, você é o quarto cavaleiro. Você é a Morte.

Capítulo 19

A Morte

Kara quase caiu no penhasco.

Impossível. Ela deu um passo cuidadoso para frente, sem deixar de manter seus olhos no arquidemônio. Ela esperou que ele começasse a rir ou desse qualquer sinal de que estava mentindo. Mas o rosto dele era frio como pedra e inexpressivo.

Betaazu manteve distância, mas ela estava ciente de que ele podia agarrá-la em um instante.

Independentemente de tudo o que estava acontecendo, ela ainda não estava livre.

O arquidemônio estava tirando sarro dela. Não podia ser verdade.

— É o melhor que pode fazer? — Ela disse finalmente. — Você parece realmente desesperado e real mente delirante. Não, retiro o que eu disse - você é patético. Eu não sou um cavaleiro.

Ela forçou uma risada:

— Onde está meu cavalo? Nem sei como montar um cavalo. Isso é loucura. Nem sei por que estou perdendo meu tempo falando com você.

— Porque você sabe que é verdade. — a voz do deus das trevas era frio e calculista. Seu sorriso se alargou.

Kara sentiu uma pequena faísca de medo, mas falou com convicção.

— Não, não acho que seja verdade. Como pode ser? Eu achava que demônios como você fossem sabichões. Mas você não é muito brilhante, não é? Então, deixe-me esclarecer isto para você. Você não me fez. Eu não brotei do chão de um pântano sobrenatural das trevas eternas. Eu existo. Eu existo neste corpo, porque eu sou um anjo.

O riso deles só fazia sua fúria aumentar. Se ela ainda tivesse sua outra asa, ela teria arrancado o sorriso da cara deles.

— Tudo o que eu sou — voz de Kara vacilou. — Qualquer que seja o monstro ou criatura que você me tornou.... não importa, porque eu sei que não sou um cavaleiro, porque ainda sou eu. Eu ainda sou a mesma garota por dentro, e você não pode mudar isso, não importa o quanto você tente. Seu plano não deu certo.

O arquidemônio olhou para ela por alguns momentos.

— Ah, mas funcionou. E essa garota que você alega ser por dentro, bem, você não será ela por muito mais tempo.

Kara forçou uma risada:

— Isso é lorota. Você sabe disso, e eu sei disso.

— Eu não sei o que é lorota, mas posso garantir que o último pó de anjo que ainda brilha em você se perderá em alguns minutos.

O arquidemônio fez uma pausa e depois acrescentou:

— Não, retiro o que disse, em poucos segundos. Em poucos segundos, já não se lembrará como é ser um anjo. Você não vai se lembrar da Legião, do Horizonte ou dos seus amigos. Você não vai se lembrar de quem você era antes da transformação. Você só vai saber o que se tornou. Você é o quarto cavaleiro.

— Eu não sou. — Kara balançou a cabeça como uma criança teimosa.

Ela ainda estava sangrando muito. Ela estava em cima de uma poça de sangue negro. Ela tentou não pensar muito nisso, porque quanto mais ela pensava, mais sentia o efeito da transformação. Estava ficando cada vez mais difícil continuar de pé. Ela vacilou um pouco, e viu que o deus das trevas a tinha visto vacilar também.

— Está vendo? — disse ele satisfeito, muito satisfeito. — Pare de lutar e deixe acontecer. Aceite a escuridão e toda a sua pureza. Deixe de ser esse anjo imundo e se torne a criatura temida por todos. Torne-se a Morte.

Kara estava tão irritada e cansada que ela mal conseguia pensar ou ficar de pé. A cabeça doía tanto que ela pensou que seu cérebro iria explodir. Os olhos dela estavam quase se fechando.

— Acho que já houve morte demais, não concorda? — disse Kara. — Não farei parte dos seus planos.

Ela cerrou os dentes com a dor que queimava em seu corpo. Sua visão ficou turva. Ela balançou a cabeça, mas isso só piorou as coisas. Ela viu Betaazu sorrindo ao notar a dor dela. Como ela o odiava. Como ela odiava todos eles.

Ela sabia que deveria pular agora, mas algo ainda a segurava.

— Eu vou ficar melhor — ela resmungou.

Sua garganta estava seca e se fechando. Ela tentou convencer-se de que estava bem, falando novamente:

— Você está mentindo. Você é um mentiroso. Você está tentando me enganar.

— Estou? — riu o deus das trevas. — Você pode sentir, não é? No fundo da sua lamentável alma de anjo, você sente o poder emergindo. Você sabe que eu falo a verdade, Morte.

Kara tremeu:

— Não me chame assim.

— Por que não? É seu nome verdadeiro.

Poderia ser realmente verdade?

— É verdade — disse o arquidemônio, como se estivesse lendo a mente dela novamente.

— Por que você acha que injetamos o extrato das trevas? Porque nós sabíamos. Sabíamos que se combinássemos o extrato com sua essência especial, sua linhagem original, poderíamos criar o cavaleiro final. Você é o guerreiro dos deuses das trevas, o assassino dos anjos. Você é o último selo.

— Sua linhagem foi rastreada de volta ao início de todas as coisas, aos primeiros arquidemônios, antes de nós sermos lançados na prisão pelos arcanjos.

Belzebu se sentou de volta em seu trono:

— E quando os rumores de um anjo especial com os poderes de um anjo e um elemental chegaram na nossa remota prisão, tivemos certeza. Esperamos era por esta oportunidade. Você - e somente você - era o elo perdido. Sem você, nunca poderíamos nos libertar da nossa perdição eterna.

Os olhos de Kara se arregalaram:

— Não, não pode ser.

— acredite — disse Betaazu. — Isso tudo — ele levantou os braços — É tudo culpa sua. Você ajudou a libertar os nossos mestres. Você fez isso. Você salvou a todos.

— Não. — Kara balançou a cabeça.

Um sangue negro escorria do nariz dela. A dor de cabeça pulsava impiedosamente.

— Sim — disse o arquidemônio, confiante em sua inteligência. — A escuridão cresce dentro de você, e você irá destruir todos os seres vivos, os anjos e arcanjos. Alegre-se na escuridão. Ela é eterna. Você é perfeita.

O mundo girou em torno de Kara. Imagens das palavras dos oráculos percorriam sua mente. Ela podia ver a figura sombria com grandes asas que

subiam pelo céu enegrecido. O oráculo tinha mostrado imagens da Morte, o quarto cavaleiro do Apocalipse. E era ela.

— Mas eu pensei que... — ela balançou a cabeça. O que ela achava? O que mais poderiam as asas significar além de que ela estava se tornando uma aberração, um monstro assassino de anjos? Mas pensar que ela iria se transformar no monstro derradeiro era insuportável.

Mas e sobre a sua luz... a luz que ainda continuava em algum lugar de sua alma?

— Eu não vou mudar — disse Kara. Sua voz vacilou, mas ela não se importava. — Isso não vai acontecer.

— Você vai mudar. É inevitável. — O arquidemônio falou com confiança.

— Sua ousadia é uma força que vai fazer de você um cavaleiro ainda melhor, um melhor portador da morte.

— Não — repetiu Kara. A voz dela estava mais forte. — Você mesmo disse. Eu não mudei ainda, não está funcionando. O que você fez a mim não funcionou. Você falhou.

Um sorriso frio se espalhou no rosto do arquidemônio:

— Não, não.

Ela não aceitava a derrota. Ela já havia provado do medo e da dor antes, mas nada se comparava ao que ela estava sentindo agora.

— NÃO! — Ela gritou, furiosa porque sabia que era verdade.

Kara cambaleou em direção ao trono.

Mate-o. Mate o criador de monstros. Era tudo o que ela podia pensar. Seus passos tornaram-se mais fracos, e a visão ficou turva.

Ela iria matá-lo, nem que fosse a última coisa que ela faria.

O arquidemônio sorriu:

— E, agora, minha querida, é hora de lhe dar um pequeno empurrão.

Enquanto se aproximava, o deus das trevas levantou a mão e atirou um ramo negro de poder direto no peito de Kara.

Era como ser baleada por uma espingarda calibre 12. Ela caiu no chão em uma explosão. A escuridão surgiu com uma febre e um mal antigo e incontável brotou dentro dela. Um fogo negro a arrastava para um abismo. Ela estava perdendo o domínio de sua luz. Ela estava se perdendo. Ela estava perdendo Kara.

O anel dourado dela brilhava, mas, então, a cor desbotou e tornou-se negra. A pequena luz dentro dela piscou uma última vez e se apagou.

Um momento passado e, então, a criatura que ela tinha se tornado ficou de pé.

Ela não sentia mais dor. Ela não sentia nada. Mas seus sentidos estavam aumentados, e ela conseguia ver tudo. Ele sabia de tudo. Cheirava a terror. Cheirava a sangue de mortais e anjos. Provava as dores de milhões. Ele lambeu os lábios cinzentos. Ela queria matar. Ela havia sido criada para matar. Ela queria acabar com a luz. Queria apenas escuridão. Ela era escuridão.

Uma névoa tênue, vermelho-acinzentada, cobria seu corpo, e veias vermelhas começaram a crescer em sua pele cinza. Longos cabelos negros saíam de sua cabeça, e onde havia uma ferida instantes atrás, uma perfeita asa negra brotava e crescia.

A criatura virou-se e aguardava as instruções do seu mestre. Ele queria agradar ao seu dono.

— Mate os arcanjos — ordenou seu mestre. — Eles primeiro. Então, mate todos os anjos. Não deixe sobrar nenhum só.

A criatura olhou com escárnio. Ela não falharia. Ela queria provar da morte dos anjos. Ele lambeu seus lábios cinzento de euforia e abriu suas asas enormes e cheia de veias.

Com a boca sedenta, a Morte sorriu, pulou da plataforma e mergulhou no penhasco, ruma à batalha.

Capítulo 20

David

David cortou fora a cabeça de um demônio palhaço com sua lâmina da alma. Ele murmurou algo antes que ele batesse no chão, com uma expressão de surpresa em seu rosto. Sangue negro jorrou nas botas de David quando ele chutou o corpo.

— Demônios palhaços estúpidos! — ele cerrou a mandíbula.

Ele iria fazer picadinho de todos os demônios. Ele odiava os demônios com cara de palhaço. Ele se lembrou de quando Lilith o transformou em um deles e ele quis machucar Kara. A ideia de que ele podia ter ferido a única garota dos mundos a quem ele jurara proteger ainda o assombrava.

Kara...

O pensamento dela criou uma dor em seu peito. Será que ela estava bem?

Ele se lembrou de como havia ficado incrivelmente atraído por ela desde a primeira vez em que a vira no Horizonte. Ele já estava pegando fogo antes mesmo de descobrir o nome dela. Seus olhos castanhos brilharam quando ela olhou para ele, e ele fora enfeitiçado. Ele nunca mais havia sido o mesmo.

É claro que ela o achava arrogante, rude, mal educado e charmoso - todas essas coisas, mas isso tudo era só sua forma de quebrar o gelo. Ela o deixava nervoso, e isso só o fazia querer tê-la ao seu lado. Nenhuma garota tinha tido esse efeito sobre ele antes. Ela era eletrizante.

Um movimento chamou a atenção dele. David cravou sua lâmina da alma no buraco do olho de uma criatura verde-limão. O demônio ficou mole e afundou-se no chão.

Ele limpou o sangue preto-esverdeado da sua lâmina na manga do casaco e olhou para cima.

Multidões de anjos e demônios cercavam o lado leste da planície do vasto deserto. Ele estava no meio da zona de batalha. Ele lutava ao lado de um batalhão de mil anjos. E mesmo que os anjos fossem superados em número pelos demônios que continuavam vindo até eles como se estivessem brotando da terra, os anjos eram hábeis combatentes, e os demônios

estavam caindo rápido. Seus corpos se desfaziam em cinzas e se espalhavam ao vento ou desapareciam na terra.

Eles podiam vencer. Eles ganhariam a guerra.

Ao contrário de como aconteceu com os outros anjos, não foi nenhuma surpresa para David quando encontraram uma cavalaria de demônios e monstros esperando sua legião ao pé do vulcão. O Sr. Patterson havia previsto isso. Ele tinha dito para esperar os arquidemônios. E eles estavam aqui.

A guerra havia começado em um piscar de olhos.

David nunca tinha estado em uma guerra dessa magnitude. Tudo o que ele podia fazer era proteger-se e entender a sua situação. Ele lutava como um bom soldado. Ele lutava pelo que era certo. Ele lutava pela liberdade da Terra e do Horizonte.

Ele lutava por Kara.

Ele cravou suas duas lâminas da alma no abdômen de mais um demônio zumbi. Com tanta poeira e areia no chão, era difícil dizer quais corpos eram de anjos e quais eram dos demônios.

Mas o problema que mais o afligia era Kara.

Ele vacilava, porque ele estava distraído. Ele não conseguia parar de pensar em Kara e em onde ela estava. Ele sabia que ela tinha voado para procurar os últimos cavaleiros. Mas agora que o anel da Jenny havia sumido, tudo estava nas mãos de Kara.

Kara, onde você está?

Ele devia estar com ela.

Ele viu um flash de roxo e imediatamente reconheceu o cabelo de Jenny. Ele sabia que não era uma boa ideia se separarem. E então, resolveu ir lutar perto dela.

Ela havia deixado o arco nas costas e, assim como ele, brandia uma lâmina da alma em cada mão.

David havia se esquecido do quão habilidosa Jenny era com a lâmina. Ele sempre havia pensado nela como uma arqueira, mas ali não havia muito tempo para as flechas. Havia muitos demônios, e poucas flechas em comparação. Ela precisaria de milhares delas.

David olhou para a batalha. Ele reconheceu alguns rostos, mas Peter e Ashley não estavam em seu campo de visão. Ele torcia para que eles estivessem bem.

Jenny avistou David, mas ela não sorriu para ele. Então, mesmo antes de chegar até onde ela estava, ele soube que estava errado. O rosto dela parecia preocupado e ela ficava abrindo e fechando as mãos dela.

— Fico feliz em vê-lo inteiro — ela disse. O rosto e as roupas estavam manchados de sangue preto. — Alguma notícia da Kara?

David deu de ombros:

— Ainda não.

— David, eu tenho más notícias — ela disse rapidamente, olhando por cima do ombro.

Ele leu o pânico em sua voz, e seu próprio pânico começou a crescer dentro dele. Ele já sabia que ela ia dizer.

— O meu - o meu anel desapareceu. — Ela olhou assustada. — É só que... simplesmente desapareceu, simples assim. Eu nem percebi. Pode ter acontecido há horas. Eu havia me esquecido dele.

E, então, ela falou rapidamente:

— O que isso significa? Você acha que alguma coisa aconteceu com a Kara? Você acha que ela está ainda bem?

David não conseguia responder, porque ele não sabia o que dizer. Ele não queria enfrentar a explicação óbvia - que Kara havia falhado.

Jenny rapidamente mudou de assunto:

— Nunca vi tantos demônios em todos os meus dias de anjo. Não sei o que eu esperava. Quem sabia que haveria tantos demônios no Submundo?

— Eu sabia que haveria muitos deles, mas parece que todos eles vieram brincar aqui hoje.

Um demônio veio por trás de Jenny, mas antes que ela notasse isso, David bateu na cabeça dele com o punhal da sua lâmina e cortou o pescoço dele quando ele desabou no chão.

Jenny olhou levemente surpresa:

— Obrigada.

— Sem problema. Não será a última vez, com certeza.

David sabia que ela estava à procura de alguém em especial.

— Você viu Peter em qualquer lugar? — Disse Jenny, como se ela estivesse lendo sua mente.

David balançou a cabeça tristemente.

— Não. Mas tenho certeza de que ele está bem. Ele é um guerreiro de verdade, esse nosso Peter. E tenho certeza de que ele tem todos os tipos de

gadgets e novos truques na manga. Eu não me preocuparia com ele.

Mas Jenny não parecia aliviada. Ela parecia preocupada.

— Ele vai ficar bem, Jen — disse David. — Eu prometo.

— Não faça promessas que não possa cumprir.

David pensou que ela estava prestes a chorar, mas qualquer frustração que ela sentia por dentro foi distraída por um demônio que não tinha ideia de onde estava se metendo até que a lâmina dela perfurasse a sua cabeça.

— Não sei, David. Há muitos deles. — Jenny se endireitou.

— Sem os anéis... sem a Kara...

Ela vacilou e sua voz dela saiu recortada.

— Não diga isso, Jenny — disse David.

— Talvez nossos anéis tenham sumido, mas isso não significa que a Kara se foi. Há ainda um cavaleiro sobrando, e ela ainda tem chance de matá-lo. Eu sei que ela pode fazer isso. Eu tenho que acreditar que ela pode, e ela irá fazer. Cabe a nós darmos a ela o tempo todo que pudermos. É nosso trabalho garantir a morte do máximo possível de demônios.

— Você acha mesmo que podemos vencê-los?

Era difícil dizer.

— Não é questão de se podemos vencer. Na verdade, não é nem uma pergunta que possamos fazer. Nós simplesmente temos que vencer.

— E sobre planos do Metatron?

David avistou um demônio superior vindo lentamente em direção a eles. Ele serpenteava em direção a eles, como se não achasse que eles eram alguma ameaça real.

— O que tem o Metatron? — As lâminas de David contorceram-se em suas mãos.

— Bem, você ouviu alguma coisa sobre ele? Sobre como ele vem planejar destruir os arquidemônios e vencer a batalha? David? Há algo atrás de mim, não há?

O demônio superior tirou uma lâmina de morte mais rápido do que um flash de luz, mas David já estava se indo para cima dele. Ele parou a lâmina da morte com sua própria arma e se chocou contra o demônio superior, cravando sua lâmina nele.

— Eu não sei nada sobre os planos do Metatron — disse David. — Não é como se o cara confiasse em mim ou algo do tipo. Eu duvido que ele me diria sequer a marca dos seus charutos. Sou apenas mais um para ele.

— Acho que somos todos insignificantes para aquele cara.

Jenny chutou um pequeno diabinho no rosto e cortou sua garganta antes que ele pudesse fugir. A criatura caiu.

— Não vejo como vamos vencer esta guerra. Nós estamos em muito menor número.

David sabia que Jenny estava certa. Ele tinha feito as contas também. Os demônios estavam em vantagem de 20 para 1 contra a Legião. Aquilo era uma loucura.

De repente, o chão tremeu e gemeu como o rugido de uma centena de trovoadas. Uma explosão de terra e poeira criou uma nuvem gigante, e centenas de membros dos demônios foram decepados e muitos corpos caíram no chão em volta deles.

— Pelas almas! O que foi isso?

David virou a cabeça em direção à nuvem de poeira.

— Acho que temos a nossa resposta.

A nuvem se dissipou e Metatron estava no meio de uma pequena cratera com um sorriso diabólico no rosto. Não havia uma partícula de poeira em seu terno. Sua comitiva dançava ao redor dele, cortando qualquer demônio que houvesse sobrevivido à explosão.

David sorriu:

— Ele é uma idiota, eu admito isso. Mas você não pode negar que o homem tem alguns movimentos sérios.

Jenny revirou os olhos, desembainhou sua espada rapidamente e perfurou o pescoço de um demônio.

— Por favor. Todos nós temos bons movimentos. Tudo o que ele tem é um mau corte de cabelo e a pele oleosa.

Ambos começaram a rir.

Mas, de repente, gritos irromperam com o vento, e David pensou que era uma daquelas bombas caseiras do Metatron. Mas o que ele viu enviou um arrepio frio através de seu corpo.

Corpos mortos dos demônios começaram a girar e se mover. Eles começaram a emendar e fixar seus membros e cabeças até estarem totalmente novos. Os únicos sinais existentes de que eles haviam sido mortos eram as manchas de sangue em seus corpos. Caso contrário, eles eram como novos.

— Isso não é real. Não pode ser. — a voz da Jenny saiu como um sussurro.

— Isto não pode estar acontecendo.

David observou horrorizado, paralisado, enquanto os demônios que haviam sofrido golpes aos quais nenhuma criatura sobrenatural poderia ter sobrevivido ficavam de pé. Eles continuavam se levantando.

— Eles não morrem — disse David, surpreso e revoltado ao mesmo tempo.

— Eles são diferentes. De alguma forma, eles são mais fortes.

— Isso não é mais apenas uma luta regular — disse ele lentamente. — Estamos combatendo o que não será morto.

— Mas como é possível? — Jenny saltou de volta como uma das criaturas que ela havia matado há alguns momentos, e que tecnicamente deveria ter ficado morta, começou a enroscar sua cabeça como se fosse uma boneca de plástico.

— O que está dando esta força nova a eles? Como eles podem ficar vivos?

— Eu não sei!

Isto era algo novo. Os arquidemônios tinha de ser os responsáveis.

Os anjos lutavam com tudo o que tinham, mas os demônios continuavam chegando. E logo o medo se espalhou como um incêndio florestal, e os batalhões se fragmentaram. Alguns anjos corriam. Mas havia os mais determinados a lutar até o fim.

Pilhas de corpos de anjos se acumulavam no chão. Os demônios aplaudiam e cortavam os corpos dos anjos já mortos só pelo prazer doentio de fazer isso. E quando as almas dos anjos se levantavam de seus corpos caídos, os demônios as comiam selvagemmente. Embora eles já estivessem inebriados pelas almas que tinham ingerido, eles queriam mais.

David sentia-se mal. Não havia como parar eles.

— Fiquem juntos — Metatron comandou.

— Não corram. Temos que lutar! Aonde vocês estão indo? Guardiões, votem aqui!

As legiões se fragmentavam.

Apesar de um pequeno grupo de anjos proteger o grande Arcanjo, isso não seria o suficiente. Centenas de anjos foram atacados por uma onda de

demônios imparáveis. Eles não durariam mais do que algumas horas. Os arquidemônios iriam vencer.

Todos vão morrer.

— David, temos que sair daqui! — Jenny cortou fora a cabeça de um demônio enorme com cara de lagarto.

— Está tudo muito errado!

Jenny chutou a cabeça da criatura uma última vez e, então, pulou para o lado de David.

— David, não podemos ficar aqui. Eles estão nos matando. Precisamos sair e nos reagrupar. David!

Mas David a ignorou e não se mexeu. Ele tinha de encontrar a fonte do poder dos demônios. Ele tinha de encontrar o que quer que fosse, por Kara.

Alguma coisa havia acontecido e mudado as coisas. Era como se algo tivesse começado a dar aos demônios um poder sobrenatural por via intravenosa. Fosse o que fosse, tinha que estar por perto. Tinha que estar por ali. Se ele pudesse encontrar e quebrar a conexão, então, talvez...

Sem perceber que Jenny tentava chamar sua atenção, David olhou para cima. Acima do campo de batalha, uma teia de sombras espalhava-se como uma rede de cordas finas. Ele seguiu os fios negros.

Seis criaturas gigantes com asas negras ficavam em um círculo no limiar da batalha.

Mesmo à distância, eles eram enormes, maiores que os arcanjos, e David instantaneamente soube que eles eram os arquidemônios. Um poder negro se estendia de seus braços e se espalhavam sobre o campo de batalha como uma teia gigante de energia negra. Ele podia ver os ramos de sombra se movendo e pulsando como veias, como se fornecessem às criaturas uma fonte infinita de energia.

Um arrepio passou por ele, mas ele sabia o que tinha de fazer.

— David? — Jenny seguiu o olhar dele. — O que são essas coisas?

— Arquidemônios.

Metatron bateu em uma criatura e uma poça de sangue surgiu nas proximidades.

— Metatron! — David rugiu.

Metatron parou de bater na criatura e olhou para cima. Seu rosto estava ilegível e manchado com sangue verde.

David apontou para o céu com sua lâmina e, em seguida, para os arquidemônios de pé nas bordas da batalha. O Arcanjo estudou as teias no céu acima deles. Ele voltou o olhar para David, com sua sobrancelha arqueada, e David soube que o Arcanjo havia compreendido o que eles precisavam fazer.

Metatron rugiu ordens e atacou uma gangue de diabinhos e demônios menores. Com um golpe de sua espada, ele cortou seis demônios ao meio, e eles caíram a seus pés. Sua legião formada de duas linhas de batalha de ambos os lados acertava toda criatura que viesse a seu encontro. Eles mantiveram as criaturas afastadas até abrirem caminho pelos corpos caídos, um caminho claro para David passar.

— Jenny, prepare-se. — David só tinha apenas alguns instantes antes que os demônios se recuperassem. Tinha que ser o suficiente.

— Não temos muito tempo. Você vai ter que confiar em mim.

— Preparar para quê? O que é que precisamos fazer?

Jenny olhou para os arquidemônios, quase paralisada pelo medo.

— Precisamos interromper a conexão.

— O quê?

— Vamos, rápido!

A maioria dos outros anjos corria na direção oposta, mas com Jenny em sua cola,

David investiu ao longo do caminho dos corpos de demônios que Metatron havia formado e seguiu direto para os arquidemônios alados.

Capítulo 21

Corrida para a Liberdade

David correu como se os demônios estivessem no seu encalço, porque ele sabia que era assim que eles estariam em breve. Ele ouvia os passos de Jenny atrás dele, mas não olhava para trás. Ele não queria romper seu ímpeto e demorar por nenhum segundo. Ele só tinha alguns instantes para chegar o mais próximo possível dos arquidemônios.

Ele podia ver os arquidemônios à beira de um penhasco, logo abaixo do vulcão. Eram mulheres, ele tinha certeza disso. Uma coroa brilhava na luz cinzenta, no topo de suas cabeças, com tranças negras que balançavam ao vento. Armadura de metal cobria a parte superior do corpo deles, como um corpete apertado, e veias pretas pulsavam sob a pele de cor cinza. Suas belas características frias eram esculpidas e refinadas, artificialmente perfeitas. Elas irradiavam poder. David podia sentir isso ao redor dele. O poder os empurrava de volta, como uma espécie de campo de força.

Imediatamente ele se lembrou de Kara. Havia ficado óbvio agora, quando ele olhou para ela mais de perto. Os deuses das trevas haviam infectado Kara com um veneno que iria transformá-la em algo parecido com esses grandes demônios.

Ele se lembrou da tristeza dela quando mostrou pela primeira vez as veias que cobriam suas mãos trêmulas. Ele havia sentido um arrepio frio em sua espinha quando elas haviam se espalhado para o rosto e o resto do corpo dela. Ele sabia que ela estava aterrorizada pelo fato de se transformar em um monstro.

Kara...

David correu mais rápido.

Ele acabaria com o veneno dela. Ele encontraria a cura para ajudá-la. Qualquer coisa. Era o dever dele protegê-la. Eles eram almas gêmeas, e ele queria desesperadamente a Kara velha de volta. Ele faria qualquer coisa para trazê-la de volta. Ele mesmo arrancaria essas asas amaldiçoadas se fosse preciso. Ele mataria todos esses arquidemônios miseráveis com suas próprias mãos se isso significasse que ele poderia recuperá-la. Ele faria qualquer coisa por ela.

David correu.

Eu tenho que matar todos eles. Ele alcançou a parede de escuridão que cercava os arquidemônios como uma névoa fria. Ele não sabia nem se a Legião poderia derrotar os arquidemônios, mas ele não se importava. Ele só podia esperar que Metatron tivesse muito mais as bombas, ou algo melhor. Agora ele tinha assuntos mais urgentes.

Ele tinha de interromper a conexão.

Ele tinha de destruir a teia dos arquidemônios. Era a única coisa que ele poderia fazer para ajudar os anjos. Era um tiro no escuro. Ninguém sabia se isso iria funcionar. Mas ele arriscaria ou morrer tentando.

Ele não sabia que ele ia fazer exatamente.

Alguns dos demônios que tinham sido destruídos já estavam de pé novamente. Em breve, voltariam ao combate e o caminho que Metatron havia criado desapareceria.

Ele tinha menos de trinta segundos.

Ele fez um movimento selvagem.

Correr era a coisa certa a fazer, não era?

Ele estava tão perto agora que ele poderia ver o sorriso perverso na cara dos arquidemônio. Ele quase foi esmagado pelo cheiro da morte que exalava deles. Sua beleza era insondável, e o poder que ela irradiava era frio, gelado.

O ar ao seu redor tornou-se frio, e um zumbido estridente começou a ecoar na cabeça dele. O zumbido nos seus ouvidos se agravava a cada passo, e ele não podia mais ouvir Jenny atrás dele. Mas ele não podia olhar para trás. Agora não. Ele estava quase lá. Ele só esperava que ela não estivesse muito longe. Ele precisaria da ajuda dela.

David era um monte de coisas, verdade seja dita, mas ele não era um tolo. Os arquidemônios o assustavam muito. Ele não queria morrer, mas se o sacrifício dele ajudasse a salvar Kara, ele o faria. Ele agarrou suas lâminas da alma em ambas as mãos e correu em direção a eles.

Seus olhos amarelos de gato não traziam nenhuma bondade neles. Se os arquidemônios haviam ficado surpresos ao vê-lo, seus rostos de pedra não deixavam transparecer. Eles não se moveram nenhum centímetro. Eles não moviam a cabeça, mas o seguiam com os olhos. Eles continuavam a enviar energia para os demônios no campo de batalha, sem interromperem o fluxo.

Será que eles conseguiam fazer várias coisas ao mesmo tempo?

Ele não esperou para descobrir. Talvez eles não achassem que ele fosse uma ameaça, mas apenas um pequeno inseto minúsculo.

Isso seria um erro deles.

Ele não apontou para o rosto dos arquidemônios, ou o coração deles, mas atirou suas lâminas da alma nas mãos de uma criatura.

Ela se estremeceu quando o sangue negro jorrou de seus dedos estendidos. E, então, os ramos das sombras vacilaram e desapareceram.

David olhou para o céu. Embora parte da teia estivesse se apagando, os ramos das sombras dos outros cinco arquidemônios ainda se mantinham fortes. Mas havia uma lacuna na teia deles. Ele havia previsto isso. E o fato de que ele realmente pudesse fazer a diferença o encheu de esperança. Ele havia dado a alguns dos anjos tempo suficiente para recuperarem e se reagruparem.

— Você conseguiu! Você realmente conseguiu! — Jenny parecia surpresa.

David estava impressionado com o seu próprio objetivo perfeito. Tinha sido muito fácil.

E, então, o arquidemônio virou a cabeça em sua direção.

Seus olhos amarelos o inspecionavam. O arquidemônio deu um sorriso perverso que fez David congelar. Ela virou seu olhar casualmente para as lâminas saindo de suas mãos. Elas não eram nada além de minúsculas farpas para o arquidemônio. Ele as tirou, uma a uma, e jogou no chão como se não fossem nada.

— Jenny, para trás! — gritou David. Ele se apoiou e puxou sua lâmina da alma extra que estava na sua bota. O arquidemônio estava vindo.

O arquidemônio parecia ser divertir com este anjinho irritante. Com um movimento dos pulsos e antes que ele sequer tivesse tempo para piscar, ela enviou um raio das trevas para colidir com ele.

O grito de Jenny ecoou em seus ouvidos quando ele sentiu a dor excruciante e foi levantado no ar. Ele sentiu o cheiro da morte e da decomposição de corpos. Ele sentia-se como se seu corpo tivesse sido rasgado. Outra onda de dor o atingiu, e ele caiu na escuridão de um abismo sem fundo.

O mundo em volta dele desapareceu.

Esta era a morte? Esta era a sua verdadeira morte? Se ele ao menos pudesse ter visto Kara uma última vez... se ao menos pudesse ter contado a

ela quanto ela era importante para ele, o quanto ele realmente se importava com ela...

Mas, então, um riso desumano substituiu o zumbido nos seus ouvidos, e a dor parou.

— Você quer morrer nas mãos de um deus das trevas — disse uma voz pairando sobre ele e em todos os lugares ao mesmo tempo. — É uma morte honrosa. Eu prefiro inimigos honrosos aos ambiciosos. Admiro sua coragem, então, vou lhe conceder uma morte rápida, anjinho.

David ficou em pé lentamente, espantado de que sua arma ainda estivesse em sua mão. Mas ele não fez nenhum movimento em direção ao arquidemônio. Era melhor deixar ele falar.

— Encoste um dedo sequer nele de novo e eu vou te mandar de volta para o lugar de onde veio. — Jenny ficou atrás de David com o arco pronto para atirar três flechas prateadas.

O arquidemônio inclinou a cabeça e riu:

— As armas não podem me machucar, espírito dos céus.

Ela levantou as palmas e mostrou a David e Jenny que as feridas nas mãos dela já haviam sumido. Elas tinham se curado.

— Vou pagar para ver — disse Jenny, com um sorriso feroz.

David deu um passo cuidadoso para trás e sussurrou:

— Jenny, não seja estúpida.

— Sim, por favor, seja estúpida, Jenny — disse o arquidemônio.

— Sinto falta de matar coisas, especialmente anjinhos desafiadores. Como é bom estar aqui fora matando novamente, removendo a sujeira da face da Terra.

— Olha só quem está falando — cuspiu a Jenny.

O arquidemônio não perdeu o sorriso.

— Vocês anjos sempre foram tolos e insubordinados. Vocês nunca vão aprender. Mesmo após todos estes anos, ainda não sabem quando admitir a fraqueza e se sujeitar a seus deuses. Vocês nos enganaram e nos enjaularam como animais. Talvez a sorte estivesse do seu lado, mas vocês, seus pequenos astutos, não conseguirão nos enganar mais nenhuma vez. Mas nunca mais. Nós só queremos retribuir sua bondade. Vamos destruir esse mundinho sujo que vocês estimam muito, e nós destruiremos o Horizonte e todas as suas criaturas.

David viu de relance Metatron espreitar por trás do deus das trevas. Ele estava escondido em um grupo de demônios mortos, e ela não tinha visto ainda.

David suspeitava de que essas criaturas poderosas provavelmente tivessem olhos nas costas de suas cabeças ou pudessem sentir o perigo antes de serem atingidos. Ele tinha que mantê-la focada nele.

— Desculpe desapontar você — começou David. — Mas isso não vai acontecer, porque nós vamos impedir vocês.

O sorriso do arquidemônio se alargou, e bem quando ela cerrou os punhos novamente, a espada de Metatron perfurou o pescoço dela.

Metatron se movia tão rápido que David dificilmente poderia acompanhar. Ele apareceu do lado do outro arquidemônio e o atingiu com uma espadada no abdômen, logo abaixo do peito. O arquidemônio rugiu, mas quando se virou de raiva, Metatron já tinha ido.

David sorriu. Ele desejou poder se mover tão rápido quanto Metatron.

Metatron estava diante dela agora e arremessou sua adaga na cabeça do arquidemônio.

Porém, mais rápido que humanamente ou sobrenaturalmente possível, ela pegou sua lâmina facilmente e a jogou fora. Com um movimento do pulso, ela enviou uma hélice das trevas ao Arcanjo, e ele caiu no chão, emaranhado em ramos negros. Metatron gritou, e o arquidemônio bateu suas asas e parou no chão ao lado dele. Seu rosto retorcido em uma máscara de ódio e fúria.

David correu para ajudar Metatron, mas acertou sua cabeça. David caiu de joelhos por um instante. Mas, então, ele conseguiu se levantar e balançar sua espada, se virando para a criatura que o havia derrubado. Eram um monstro com olhos humanos e raízes desengonçadas como seus membros.

Ele pegou sua lâmina e golpeou o monstro no pescoço.

— Bom — disse David, muito consciente de que estava prestes a atacar de novo.

Um grito de arrepiar o interrompeu.

Metatron.

Ele estava em convulsão no chão com o arquidemônio pairando sobre ele e mais ramos da morte o envolvendo. O arquidemônio tinha um sorriso assustador do rosto dele.

Metatron gritou uma última vez e depois ficou quieto. Ele parou de se mexer.

O pânico encheu David. Ele não sabia se o Arcanjo estava morto ou se o arquidemônio meramente o havia nocauteado, mas ver o indestrutível Metatron de bruços no chão fez David engolir seu grito.

E, então, as legiões de Metatron apareceram do nada e se lançavam contra o arquidemônio. Mas ele estava esperando por eles.

De repente, uma coisa negra se ergueu sobre o campo de batalha. Era menor do que os outros seis demônios. A criatura estava vindo na direção deles.

Jenny apontou para atrás de David:

— David, outra daquelas bestas dos arquidemônios. Está vindo até nós. Se não formos agora, não vamos conseguir!

David olhou ao redor. Os monstros do Submundo haviam dominado o campo como uma praga. Não havia sinais de anjos parte alguma.

Todos eles haviam morrido? Todos eles haviam sido destruídos tão rápido? Todos eles fugiram?

Ele se voltou para o arquidemônio que voava.

David não conseguiu explicar, mas esse novo arquidemônio era diferente. Ele não usava armadura de metal, e ele poderia dizer que era fêmea. Ele tinha uma estranha sensação de que a criatura lhe era familiar.

— David, vamos lá! — Gritou Jenny.

O demônio alado veio em direção a eles e, então, mergulhou direto em direção a David.

A criatura se movia tão rápido que David viu só um borrão negro de suas asas.

Quando o atacou, ele vislumbrou apenas um flash de pele cinzenta e dentes pontudos e irregulares. Ele cravou sua lâmina da alma no peito da criatura.

A besta gritou como ele nunca havia ouvido antes. Seu peito estava aberto, rasgado, revelando ossos disformes cobertos de veias vermelhas. Os olhos amarelos da criatura chamejavam de fúria quando arranhou o rosto de David com suas garras.

Apesar de dor que cortava sua bochecha, ele não conseguia tirar os olhos da criatura.

A besta tinha o rosto de Kara.

Capítulo 22

O quarto cavaleiro

David sentiu o mundo girar à sua volta. Os deuses das trevas estavam pregando uma peça cruel nele, porque o que ele viu era impossível.

— Kara? — Ele respirou, olhando para o rosto que lembrava a garota que ele amava.

A criatura rosnou com seus dentes pontudos e enegrecidos. Não havia nenhum reconhecimento em seus olhos amarelos, só morte - morte e fúria. E, mesmo assim, tinha o rosto de Kara.

David balançou a cabeça.

A linda garota com cabelo castanho e olhos castanhos deslumbrantes que ele conhecera havia se tornado uma criatura alada com garras e pele cinza. Seu longo cabelo negro escorria com um líquido preto. A criatura ainda usava as roupas e as botas de Kara, embora estivessem rasgadas e cobertas de sujeira. Era como se ela tivesse tentado rasga-las quando se transformou, para destruir o que ela costumava ser.

— Pelas almas! — disse Jenny espiando por trás dele. — David, o que aconteceu?

David levantou um braço e empurrou Jenny para trás.

— Eu não sei! Eu acho - eu acho que foi isto o que os oráculos viram. O que eles a fizeram ver. A mudança, a transformação.

Ele olhou para a criatura solenemente:

— Era isso o que Kara tinha medo de se tornar... de se tornar um... Monstro.

Mas David não conseguia pronunciar as palavras. Era muito doloroso.

Será que ela o reconhecia afinal? Havia uma pequena parte de Kara que ainda existia naquela coisa?

Tinha que haver. Ele não se deixaria dominar pelo pavor que estava sentindo.

Kara tinha que estar em algum lugar.

— O que você fez com ela? — gritou Jenny saltando para a frente, mas David a puxou de volta.

— Kara? — Ele perguntou e deu um passo cuidadoso para a frente. Ele não ousou tirar seus olhos a criatura. Ele tinha esquecido todos os outros demônios, os arquidemônios e a guerra. Era só ele e a criatura, Kara.

— Sou eu, David.

A criatura piscou os olhos.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição, sua voz era calma, apenas seus lábios tremiam.

— Você me conhece. Somos amigos, lembra? Bem, nós somos mais que amigos. Não me reconhece?

A criatura encolheu suas asas e se posicionou, esperando uma chance para dar o bote.

A garganta de David estava apertada, mas ele tentou dominar seus medos.

— Kara. Eu sei que você ainda está aí em algum lugar. Sou eu, o David.

Ele se forçou a olhar diretamente nos olhos da criatura, mas ele não viu nada, nada mais que uma fome negra.

— Kara. Volte para mim. Combata isso. Combata, Kara. Você é a guardiã mais forte que eu conheço. A mais forte em toda a Legião. Você pode fazer isso

O arquidemônio pousou ao lado de Kara e sorriu para o horror presente nos olhos deles.

— Não há nenhuma Kara mais. Esta criatura não é mais sua amiga. Na verdade, não há nada mais de angelical nela. Ela se tornou uma criatura das trevas, uma mutação da energia negra e selvagem. Ela é maravilhosa.

Os olhos do arquidemônio tinham ares de superioridade:

— Ela tornou-se a Morte.

A criatura se virou ao som do seu nome, reconhecendo o seu mestre, e David pensou que ele ia vomitar.

— O quarto e último cavaleiro do Apocalipse — continuou o arquidemônio. — Ela é a nossa arma mais mortífera. Vocês, anjos, deveriam ter se rendido ao nosso poder superior. Mas vocês se recusam a se curvar a nós. Agora é hora de provar a ira de um deus das trevas. Mate-os! Mate os anjos! Mate todos eles!

David só teve tempo de empurrar Jenny e tirá-lo do caminho quando a criatura se chocou contra ele, com suas garras rasgando seu rosto. Ele estava

com sua lâmina nas mãos, mas ele não a usou. Ele não podia ferir a criatura. Ele acreditava que Kara ainda estava lá.

Ele conseguiu juntar as mãos da criatura e chutá-la para longe, mas ela pairou no ar e, então, mergulhou novamente. Só que, desta vez, ela investiu contra Jenny.

— Não! — David correu até ela praguejando.

— Aqui, aqui! Sou eu quem você quer. Deixe ela em paz!

Jenny segurava sua lâmina da alma com as mãos trêmulas.

— Kara, não, por favor. É a Jen — ela implorou. — Eu sou sua amiga.

— Pare! Pare com isso! — David pediu. — Pare com isso!

A criatura tinha cheiro de podridão. O perfume de alfazema doce de Kara tinha desaparecido. Ele precisava recuperar aquela garota. Ele precisava trazer Kara de volta.

— Volte para mim, Kara. Não me faça te machucar. Pelas almas! Eu não quero te machucar. Por favor, pare com isso e volte.

O arquidemônio observava a cena com um sorriso satisfeito no rosto assustador.

David olhou ao redor, em busca de Metatron, mas seu corpo tinha desaparecido.

— Combata isso, Kara — insistiu David. Sua mão termia violentamente.

— Combata isso, por favor. Não me obrigue a machucar você, não me faça fazer isso.

A criatura atirou um feixe de sombras em David. Ao se desviar, ele cambaleou para trás e caiu, mas logo se colocou de pé. Ele virou-se para encará-la novamente.

— Não faça isso — disse David.

Kara era muito mais forte do que ele.

Ele acenou com sua lâmina da alma:

— Kara, combata isso — disse ele com mais urgência na voz. — Eu sei que você está aí em algum lugar. Não é você. Combata isso.

Mas os olhos amarelos que o observavam não mostravam nenhum indício de que Kara estivesse ali. Havia apenas um monstro. Ele podia ver a fome em seus olhos. Ele podia ver o prazer que ela trazia em matar. Ela iria comer a sua carne de anjo e devorar sua alma.

A criatura lambeu seus lábios secos e cinzentos e mostrou seus dentes rosnando.

— Sou eu! Sou eu, David.

Mas a criatura não o reconhecia. Ele não sabia como parar essa luta sem um deles ser morto.

A criatura girou seus pulsos, e um feixe de sombras se atirou em direção a ele.

David tentou sair do caminho, mas não foi rápido o suficiente.

Ele viu tudo preto e caiu de cabeça numa pedra. Seu corpo estava mole e não respondia.

Ele ouviu os passos. Ele ouviu Jenny chamando seu nome.

Ele sabia que a criatura estava voltando para acabar com ele. Ele estava esgotado. Mas tentou reunir a força que o abandonara, não por ele, mas por Kara. Ele tinha de tentar fazer com que a criatura se lembrasse. Ela tinha que se lembrar de quem ela era antes da transformação. Ele tentaria fazê-la se lembrar, mesmo que isso significasse morrer no processo.

Algo forte o acertou no estômago, e ele saiu rolando no chão.

Por que ela não o havia matado ainda?

Enquanto ele estava deitado de costas no chão, ele percebeu que a criatura queria se divertir com ele.

A criatura sorria, e David notou que ela estava contente por ele ainda não estar morto. Ela queria continuar lutando. Ela olhou para a lâmina da alma que ele ainda trazia nas mãos dele.

David não conseguia ver Kara em nenhum lugar dentro do monstro que ela havia se tornado.

Ele se levantou e deu uns passos para a frente.

— Lembra da primeira vez que nos beijamos? — ele perguntou.

Era um tiro no escuro, mas ele estava desesperado.

A criatura permanecia imóvel, com uma carranca na sua face. Será que ela estava se lembrando?

— Estávamos juntos no clube, e você me beijou — ele disse.

Ele sentiu um jorro de esperança e energia.

— Ou era isso que eu te beijei primeiro. — Ele balançou a cabeça. — Não importa. Mas você se lembra disso, não é? Como se sentiu? Como nós dois nos sentimos?

A criatura olhou para ele por um longo instante, e David estava certo de que em algum lugar lá dentro, ela estava se lembrando.

Kara ainda estava lá, e ela ia acordar...

— Mate-o — rugiu o arquidemônio de repente. Embora o rosto dela estivesse distorcido pela fúria, David detectou um pouco de medo na voz dela também.

— Eu te ordeno. Mate este anjo miserável. Temos muito mais para matar. Devore esta alma miserável. Faça isso. Faça isso agora!

A criatura observou seu mestre e, em seguida, lentamente virou seus olhos amarelos para David. Mas ela hesitou. Estava insegura.

— Você me conhece, não é? — os olhos de David brilharam com esperança. — Kara, eu te...

— MATE-O!

A criatura girou seus pulsos. Um feixe de sombras se chocou contra David, e ele caiu para trás. Mas recuperou o equilíbrio, surpreso de que ela não tivesse batido tão forte.

A criatura atirou-se contra ele. David se escondeu e, na hora certa, acertou a criatura na cabeça com o punho de sua lâmina. A criatura deu uns passos para trás e balançou sua cabeça. Seus olhos pareciam desconectados e atordoados. Ela ficou ali por um momento...

David olhou para sua lâmina. Ele podia matar a criatura. Ele poderia acabar com ela com um só golpe.

Mas ele não conseguia. Ele a observava e sabia que não poderia machucá-la.

A criatura o olhava com curiosidade, mas depois bramiu de raiva. Ela mergulhou em direção a ele, com suas presas à mostra.

Sua lâmina pesava em suas mãos, mas ainda ele não podia usá-la contra a criatura. Ele não conseguia.

Ele se jogou contra a criatura. Ela tentou mordê-lo, mas ele pulou fora e a chutou com força.

— Já chega — rugiu o arquidemônio. — Mate-o agora, senão eu farei isso!

As trevas pulsavam nas veias da criatura. Fervilhavam dentro dela. Com um giro de seu pulso, ela soltou um feixe de sombras que chegou até David.

Aconteceu tão rápido que ele não conseguiu se desviar.

David não estava ciente de que a criatura pairava sobre ele. Ele não tinha consciência de nada, exceto da dor.

Um sorriso selvagem se espalhava nos lábios da criatura. Seus olhos amarelos piscavam para ele, e a criatura o pegou em seus braços fortes.

David sentiu sua força vital escoar dele. A escuridão havia agarrado sua alma. Não demoraria muito agora. Ele sentia sua própria morte se aproximando.

Ele mal sabia que sua lâmina ainda estava em sua mão. Ele podia simplesmente cortar o pescoço da criatura com ela e colocar um fim nisso tudo.

Mas ele não conseguia. Ele não queria.

Mesmo que o matasse, esse monstro era a coisa mais próxima que ele tinha de Kara.

Sua Kara...

Sua lâmina caiu de seus dedos. Ele fechou os olhos e deixou a escuridão entrar.

Capítulo 23

O Despertar

A morte mantinha realizada o anjo em suas mãos, espremendo sua força vital, alimentando-se dela. Ele gostava de matar, especialmente um anjo. Ele estremeceu de alegria só de pensar em sua alma deliciosa, a doçura dela. Mas ela não queria matá-lo imediatamente. Ainda não. Primeiro, ele queria brincar com ele. A Morte adorava ver o medo nos olhos de sua presa antes de atingir e levar sua alma.

A Morte sabia que seu mestre estava bravo com ela por não ter matado o anjo imediatamente, mas ela estava curiosa com o anjo. Ela não entendia por que, mas se sentia atraída por este anjo em particular. Ela queria saber por quê. Por que este anjo? Por que ela estava interessada neste anjo?

A Morte decidiu que iria mantê-lo vivo apenas um pouco mais.

— Mate-o, sua criatura insolente! — gritou o arquidemônio. — Eu ordeno. Obedeça-me de uma vez, sua criatura vil. Eu sou seu mestre agora, e você fará o que eu digo. Cumpra o seu dever e mate o anjo.

A Morte olhou seu mestre. Ele não gosta de receber ordens. Ela era forte, muito forte. Ela sabia que seus mestres eram fracos. Sabia que os mestres estavam todos esperando que o último selo fosse quebrado. Em breve.

Mas, agora, sua raiva aumentava. Ele queria que seu mestre parasse de dizer o que fazer. A Morte não era o animal de estimação de ninguém. A Morte era a sua própria dona, a mais forte dos quatro cavaleiros, talvez até mais fortes que os mestres.

Ela sorriu perversamente com esse pensamento. É. Ela era poderosa.

Enquanto ainda segurava o anjo, ela pensou nos outros três cavaleiros. Ela sentiu que eles estavam perto, esperando nas sombras pelo rompimento do selo final. Todos estavam esperando que ela liberasse seu poder, para quebrar o último selo e matar todos os anjos.

Mas agora a Morte não se importava. Ela só queria voltar a brincar com o anjinho que a deixava curiosa.

Do que ele a havia chamado antes?

O anjo a havia chamado ele Kara, um nome humano. Estranho. Por que esse nome significava algo?

Uma pequena luz brilhava nas profundezas do seu ser.

— Eu juro pelas trevas que se você não matar esse anjo agora e me obedecer, eu vou te destruir! — gritou seu mestre em fúria.

Enquanto a Morte olhava para o rosto enraivecido do arquidemônio, a luz no fundo do seu ser brilhou novamente e cresceu.

A Morte jogou o anjo no chão.

O que estava acontecendo?

Ele ignorou a luz estranha que sentia por dentro e concentrou sua crueldade no anjo. O mestre o queria morto, mas a Morte queria se divertir com o jovem anjo antes que ela tirasse sua vida.

O anjo piscou e abriu seus olhos.

A Morte esperava. Ele queria que o anjo ficasse e lutasse. Ele queria um adversário mais forte. Era mais divertido com uma presa mais forte para a perseguição.

David tentou firmar seus pés, mas a Morte foi mais rápida. Ela agarrou o anjo e o jogou no chão de pedra de novo.

Outro ponto de luz dançou dentro do peito da Morte.

A Morte sorriu perversamente, lambeu os lábios de cinza e segurou o anjo pelo pescoço. Ela o levantou no ar, saboreando o medo nos olhos dele. Ela apreciava o medo. O anjo se debatia, mas não adiantava.

— Kara, por favor, não — gritou o anjo se sufocando.

O que esse anjo tinha de mais?

A Morte ansiava por provar a força vital deste anjo. Seus ramos negros serpentearam sobre o corpo do anjo até cobrirem seu rosto como uma teia de aranha. Ela estava drenando sua alma. Era uma força vital boa e pura. A Morte gostou disso.

— Eu - te - amo e — respirou o anjo. Os lábios do anjo tremeram — te - perdo.

O anjo olhou para a Morte diretamente no rosto e sorriu. E, então, seus olhos reviraram.

O corpo mole do anjo estava nas garras da Morte, e ela inclinou-se para devorar sua alma. Ela abriu a boca, querendo provar sua pureza e poder.

Mas, então, ela recuou.

Algo não estava certo.

A Morte havia sentido isso antes, mas o que era? Por que este anjo miserável a perdoaria por devorar sua alma? Isto era um truque?

O anjo estava inconsciente e à beira da morte. A Morte já tinha devorado parte de sua essência.

Por que esse sorriso significava alguma coisa?

A luz pulsou dentro da Morte com mais urgência agora. Ela cambaleou e se afastou do anjo. Confusa, a Morte olhou para suas mãos. Ela não sabia por que o havia soltado.

— Que está fazendo, Morte? — rugiu o arquidemônio. — Mate-o. Eu ordeno que acabe com ele. Mate o anjo agora!

Mas a Morte ficou lá, olhando o rosto do jovem anjo. Havia algo no rosto dele...

A Morte conhecia aquele rosto. Ele dizia algo para ela.

— Mate-o agora! Tome a alma dele! Eu sou o seu deus. Você vai obedecer, ou vou destruir você mais rápido do que a criei. — O arquidemônio ficou furioso.

Mas a Morte se sentia obrigada a olhar para o rosto aflito do jovem anjo.

A luz nela se intensificou. O frio na alma da Morte começou a se aquecer.

Uma luz branca explodiu como um tiro na cabeça da Morte. Ela não podia se mexer nem pensar. A escuridão lutava contra a luz dentro dela.

A luz dourada, quente e pulsante estava ganhando.

Imagens e memórias, sensações e emoções foram todas se misturando, combinando-se, entrelaçando-se umas às outras e se dividindo dentro dela. A escuridão batalhava contra a luz quente e invasiva. A luz no interior da Morte estava procurando algo, procurando alguém...

A luz quente de repente pulsou através da Morte e brilhou em sua escuridão fria. Ela olhou para seu corpo iluminado. As veias pretas recuaram de sua pele e desapareceram. Seu corpo palpitava com uma energia quente, dourada que sempre devia ter estado dentro dela. E agora era liberada.

A luz dourada selvagem aqueceu a escuridão dentro dela, até que nada restasse da energia fria e sombria.

Kara olhou para o poder dourado que dançava ao redor de suas palmas. Ela abriu as asas de borboleta brilhantes, pulsantes, douradas. Ela olhou para o arquidemônio e sorriu.

— Estou de volta.

Capítulo 24

Elemental

Kara fez duas coisas imediatamente.

Ela correu até David para certificar-se de que ele ainda estava vivo, e ao mesmo tempo, atirou dois feixes de luz dourada nos dois demônios superiores que iam atacar Jenny. Eles se desfizeram em nuvens de poeira.

Faíscas douradas de energia selvagem dançavam ao redor de seu corpo. A pele dela brilhava como se tivesse sido pintada com ouro líquido. Ela irradiava poder, poder elemental, e ela se sentia mais forte do que nunca antes.

Kara virou-se para enfrentar o arquidemônio. Ela levantou as mãos, e seu poder elemental brilhava com energia feroz.

— Impossível. — o arquidemônio gritou confusa. — Não é possível. Simplesmente não é possível. Você é o quarto cavaleiro! Você tem a escuridão na sua essência. Não pode ser derrotada. Estudamos durante milhares de anos para ter os ingredientes perfeito -colocar a quantidade exata, a porcentagem exata - tornar sua transformação irreversível. Como é possível?

Kara se movia lentamente, sua raiva fervendo dentro dela e prestes a estourar.

— Acho que seus cálculos estavam errados.

Ela olhou para o monstro, o monstro que tinha tentado transformá-la em uma besta. Ela sofria com a culpa que sentia pelo que havia feito como a Morte. Ela nunca poderia desfazer o que ela tinha feito, e isso iria assombrá-la para sempre.

Mas ela poderia endireitar as coisas de novo.

Ela se lembrou da profecia do oráculo.

A única maneira de parar os arquidemônios é com o desaparecimento do cavaleiro.

Kara era aquele cavaleiro. Ela percebeu que ela era a pessoa que deveria desaparecer. A profecia do oráculo parecia estar correta.

E agora ela só precisava por fim naquilo.

Ela olhou o arquidemônio na cara.

— Você vai pagar por isso e pelas vidas de todos os anjos que você levou. Você não pertence a este mundo, nunca pertenceu. Você não o respeita. Você não o ama e você não merece ele. Você merece ser enviada de volta para sua gaiola.

A cara do arquidemônio se retorcia em fúria.

— Nunca. Eu jamais colocarei os pés... naquela masmorra.

O arquidemônio riu.

— O quê? Você acha que você pode nos mandar para aquela gaiola outra vez? Você? Um pequeno anjo insignificante? Não seja tola. Mesmo o melhor da sua espécie não é capaz de nos derrotar. O que te faz ter tanta certeza de que você pode fazer isso?

Era a vez de Kara sorrir:

— Eu vou descobrir um jeito. Confie em mim.

Kara sentiu o anel de ouro no dedo dela rolar suavemente. Ela podia sentir as reverberações nos campos de energia que rodeavam a Terra.

Ela também podia sentir os milhares de demônios que lentamente caminhavam em direção a ela.

O arquidemônio viu os ombros de Kara ficarem tensos.

— Ainda há tempo para corrigir este pequeno problema.

Uma névoa negra se enrolou nas mãos e nos dedos do arquidemônio.

— Nós não vamos voltar. Eu não vou voltar. Encontrarei uma maneira de transformar você de volta, de endireitar você de novo.

— Estou perfeitamente bem do jeito que sou, obrigada.

Kara sentiu uma mudança no ar, e mesmo antes de ver, ela sabia que todos os outros arquidemônios estavam vindo. Ela olhou para o céu. A teia negra havia desaparecido. Todas as criaturas das profundezas pararam para ver quando os outros cinco arquidemônios pousaram lado a lado.

Os rostos de todos os arquidemônios eram perturbadoramente lindas. Mas era uma beleza fria e intensa. Ela sentia o mal naquela beleza agora. Kara ela podia ver a fúria selvagem em seus olhos de gato. Como eles estavam com raiva dela!

Ela deu seu melhor sorriso, um sorriso do qual David iria se orgulhar.

Ela viu Jenny se ajoelhar ao lado de David e ficou surpreendida e aliviada quando ele se sentou. A cor de seus deslumbrantes olhos azuis havia voltado.

Ele sorriu para ela, e ela sentiu uma pontada no peito. Ela quase o matara. Bem, a Morte quase o matara. Ela não podia pensar nisso agora.

O ar moveu-se ao redor dela, e Belzebu desembarcou na frente de Kara com um retalhar de suas grandes asas.

Ele a inspecionou lentamente, e, então, a voz dele se ergueu:

— Tilia! O que significa isso? Onde está a Morte?

O arquidemônio mantida sua cabeça erguida:

— Eu... eu não tenho certeza. A criatura simplesmente escapou, desapareceu e deixou essa coisa em vez disso. Não consigo explicar. Talvez tenha havido um erro com o extrato.

— Não houve erro nenhum — rosnou Belzebu. — Não no extrato.

Ele se virou para Kara:

— Ela fez isso. De alguma forma, ela destruiu a essência, nossa essência.

— E os selos? — perguntou um dos arquidemônios — Está quebrado o último selo?

— Não — interrompeu Kara. Todos os arquidemônios voltaram sua atenção para ela. — Não está quebrado. Vocês falharam. E agora é só uma questão de tempo antes de retornar à suas gaiolas para sempre.

— Eu vou destruir você! — Tilia sacudiu seus pulsos e lançando feixes de sombras em Kara.

Mas Kara estava pronta, e em um flash de luz dourada, ela saiu do caminho. As sombras apenas chamuscados o chão onde ela estivera antes.

Kara sorriu quando olhou a cara surpresa de Tilia.

Mas o olhar surpreso de Tilia transformou-se em um sorriso e ela desencadeou sua fúria novamente, mas desta vez em David.

Mas Kara já estava em movimento. Ela se deslocou no ar como nunca antes havia se movido e pegou David e Jenny nos braços dela. Ela os protegeu com seu corpo.

Seu poder elemental libertou-se das trevas e destruiu os ramos lançados, transformando-os em pequenas partículas.

Kara virou-se lentamente de costas para seus amigos. Ela estava tremendo de raiva incontrolável. Ela iria rasgar o arquidemônio em pedaços.

Mas, então, ela viu algo em seus olhos, algo que disse a ela que ela não precisa se preocupar.

Ela podia ver o medo em Belzebu.

Kara sabia que ele sentiu a mudança. Ele sentiu que seu tempo na Terra era curto.

Os arquidemônios começaram a brilhar. Seus corpos foram desaparecendo como fantasmas.

Kara sabia o que ela precisava fazer. Seu poder elemental brilhou à sua volta, como uma estrela cintilante. Kara subiu ao céu em uma chama de luz dourada.

Ela viu os três cavaleiros se escondendo por perto e se aproximou deles. Eles brandiram suas armas e vieram montados em sua direção. Mas não importava. Ela era a luz, e eles eram trevas. Eles não venceriam.

Ela gritou de raiva por todos os mortais que eles haviam matado:

— Assassinos!

Kara começou a girar feito um turbilhão de sombras negras e asas. Ela cortou os cavaleiros como se fossem papel. Com uma última centelha, seus corpos se transformaram em pó, e os cavaleiros brilharam e desapareceram.

De repente, a terra tremeu debaixo dos seus pés, e ela ouviu um grito. Mas não era de anjos clamando por ajuda, era outra coisa.

Kara foi até David e Jenny. Ela podia ver que já tinha começado.

Um feixe de fogo surgiu das entranhas da terra, explodiu no ar e criou um buraco no céu. Era como a fissura que ela tinha visto antes. Parecia que estava esperando por algo.

Então, os arquidemônios gritaram. Seus corpos vacilaram e começaram a desmoronar. Uma força invisível estava puxando eles. Um por um, os arquidemônios foram sugados para o portal e desapareceram.

Belzebu agarrou-se a um grande pedregulho e gritou para Kara:

— Eu vou voltar! Eu vou destruir você! Vou destruir todos vocês!

Mas de repente seu corpo se desintegrou, e ele foi engolido pelo portal, assim como os outros.

Os arquidemônios haviam sido derrotados.

Um viva se levantou, e Kara virou-se para ver os rostos sorridentes dos anjos que tinham ficado para trás e sobrevivido.

Com determinação, os anjos liberaram sua fúria sobre os demônios.

Ela nunca havia visto algo igual. Eles lutavam com propósito e ferocidade. Eles lutavam para vencer.

Parecia um grito de guerra, e Kara viu Metatron entrar em combate, fatar e cortar, abrindo caminho através de hordas de demônios.

— Kara! Kara! Kara! — Os anjos gritavam seu nome como um grito de guerra. Agora eles tinham algo pelo qual lutar.

Sem sua fonte infinita de energia, os demônios recuaram e desapareceram nas fissuras, de volta para as profundezas escuras do vulcão, de volta para o Submundo.

Os anjos haviam vencido a guerra.

Capítulo 25

Um Novo Amanhecer

A comemoração durou toda a noite depois que o último dos demônios tivesse desaparecido. Os anjos comemoravam sua vitória. O mundo mortal e o Horizonte estavam a salvo.

Embora seu traje M estivesse com os minutos contados, Kara ficou para trás. Ela não queria voltar para o Horizonte. Não ainda.

Ela estava no ponto onde tinha visto pela última vez os arquidemônios. As nuvens cinzentas dissipavam-se lentamente, revelando um céu noturno com estrelas que brilhavam. Memórias do que ela havia feito em nome da Morte mexia com o coração dela. Ela teria que conviver com essas coisas. Não havia outra escolha.

A lembrança de perder o Sr. Patterson a afligia ainda mais.

— No que você está pensando? — David veio para o lado dela.

Kara deu-lhe um sorriso amargo:

— Eu não posso acreditar que quase matei você.

— Não, não. Você não chegou nem perto — ele provocou. — Eu estava só fingindo. Eu estava fazendo as vezes de cavalheiro, estava deixando você pensar que estava ganhando, quando na verdade você não estava.

A risada de Kara morreu na garganta. Ela parecia oprimida pela tristeza.

— Diga-me. Qual é o problema? O que está em sua cabeça que está te deixando com a cara tão triste?

Com a voz trêmula, Kara se lembrou dos eventos que levaram à morte do oráculo.

— Não foi sua culpa — David disse suavemente. Ela não conseguia olhar nos olhos dele.

— Você não pode se culpar por isso. Ele não ia querer isso.

Por mais verdade que fosse, Kara sabia que o Sr. Patterson não queria que ela se sentisse culpada por sua morte. Ele tinha escolhido ir com ela, mesmo ela tendo pedido que não.

Kara olhou nos olhos de David.

— Os oráculos são como os anjos? A alma dele vai viver?

— Não sei, mas algo me diz que sim. Ele provavelmente está no Horizonte esperando por você.

— Espero que você esteja certo. — Kara sorriu brevemente. — A maior parte disso é culpa minha, você sabe, quer admitam ou não. Eles me usaram para fazer coisas horríveis.

— Você não tinha controle sobre si mesma. — David colocou as mãos nos ombros dela. — Não era você. A Kara que eu conheço nunca faria mal a ninguém. Eu sei que você é teimosa e na maioria das vezes você acha que você está certa - e, às vezes, está - mas não sobre isso. O que os arquidemônios fizeram não foi culpa sua.

Mesmo sabendo que David estava certo, ela levaria muito tempo para chegar a um acordo com o que ela tinha feito. David não entenderia. Mas ela o amava por tentar manter seu ânimo.

David...

Ela quase o matara, e ele ainda estava ali com ela, cheio de admiração e com amor brilhando nos olhos dele. Ela tremeu com a tentação de puxá-lo para si e beijá-lo.

— Aqui está — disse uma voz familiar.

Kara se animou com a visão de Jenny, Peter e Ashley.

— Graças as almas, vocês estão seguros.

Os problemas de Kara se foram momentaneamente quando ela ergueu os olhos e viu seus amigos vivos e bem. Ela se levantou e deu um abraço muito apertado neles, ignorando os protestos de Peter.

Por fim, ela os soltou:

— Eu estou tão feliz por ver vocês. Vocês não têm noção do quanto. Não suportava a ideia de perder nenhum só de vocês. Vocês todos são muito especiais para mim.

— Você é especial para nós também, Kara — disse Peter, mas desviando os olhos de vergonha.

— Bem, você ficará surpresa de saber que muitos mais de nós sobreviveram. — Ashley balançou sua lâmina da alma, que ainda estava cheia com o sangue seco dos demônios.

— Houve baixas, é claro. Porém, houve mais lesões do que mortes. É um milagre, eu acho.

— Eu não sei muito sobre milagres, mas é um alívio vê-los seguros. — Kara respirou aliviada vendo seus rostos felizes.

— Todos nós vimos o que você fez, Kara. — Peter endireitou os óculos quebrados no nariz dele, e Kara se perguntou por que ele ainda se preocupava em usá-los. — Você nos salvou. Você conseguiu.

— Todos nós — disse Kara, um pouco embaraçada. — Esta é a nossa vitória. Todos nós desempenhamos um papel importante nisso.

— Talvez — disse David. — Mas você acima de tudo. — Ele chamava a atenção dela, e ela não conseguia desviar o olhar.

— Bem, eu te disse que ela era uma fada. — os olhos de Jenny iluminaram-se com a visão das novas asas de Kara. — Uma fada dourada.

Todo mundo começou a rir, incluindo Kara. O riso dos amigos dela era a coisa mais linda que ela já tinha ouvido. Ela queria que ele nunca acabasse.

— Na verdade, não sei por quanto tempo eu terei essas asas. — Kara já tinha percebido que suas asas douradas, como pesos, estavam gradualmente se levantando de seus ombros. — Não posso explicar, mas sinto que elas estão me deixando. Então, não sei se as terei por muito mais tempo.

— Bem, é uma pena, porque poderíamos usá-las. — A Arcanja Ariel caminhou lentamente em direção a eles. Sua armadura de metal estava manchada de sangue negro, e seu sorriso era feroz.

— Você nunca deixa de me surpreender, Kara. — Ariel sorriu. — A Legião tem sorte de ter você. Mas algo me diz que você não está tão feliz como o resto de nós.

— Eu fiz coisas terríveis quando era a Morte.

Ariel colocou uma mão no ombro de Kara.

— Você mesma disse, como a Morte, não como Kara. Não era você. E não podemos responsabilizá-lo por nada que a criatura tenha feito.

— Eu não disse? — falou David.

— Ariel tem razão. — disse Metatron antes de colocar o charuto em seus lábios.

Imediatamente Kara percebeu que havia algo diferente nele. Sua comitiva estava faltando. Eles estariam mortos? Ela não gostava dos anjos de batom, mas ela também nos os queria mortos. Bem, não todos eles.

— Você estava possuída. Você estava sendo controlada por um demônio — continuou o grande Arcanjo. — Você não era você mesma, e a Legião não condena os anjos que foram possuídos. Sob nossas leis, um anjo que não está no controle de suas ações não pode ser condenado por nenhum crime.

— Ainda estou sob mandado de prisão?

Kara tinha a sensação de que, mesmo que eles tivessem ganho a guerra, Metatron não perdoaria ou esquecer facilmente o que ela havia feito:

— Por aquela outra coisa?

Metatron olhou para Kara com um rosto inexpressivo.

— Em vista dos acontecimentos recentes, digamos que o mandado de prisão foi suspenso. — Ele soltou uma nuvem de fumaça cinza. — Por enquanto, é isso.

Kara deu um olhar a David e tentou controlar o riso que queria se abrir em sua boca.

Mas, então, ela perdeu o seu sorriso e virou-se para Ariel.

— E quanto ao mundo mortal? Todas as doenças e as terras envenenadas pelos cavaleiros? Todas aquelas pessoas doentes? O que vai acontecer com eles?

— O mundo mortal vai se curar. As culturas voltarão a crescer. Os animais irão se multiplicar novamente, e os doentes se recuperarão. Isso já começou. A maioria dos mortais não vai se lembrar dessa experiência, os oráculos já voltaram a trabalhar arduamente no ajuste das memórias e para corrigir os lapsos no tempo.

— E os arquidemônios? — os olhos de Kara se dirigiram a Metatron, mas ele só parecia interessado em seu charuto.

— Eles usaram todos os seus recursos — respondeu Ariel. — Eles não conseguirão se libertar. Posso dizer isso com confiança. Eles nunca vão se libertar novamente.

Kara não podia deixar de sentir um pouco de orgulho com o que ela tinha ajudado a realizar. O mundo estava a salvo por enquanto.

Ariel pôs a mão no ombro de Kara.

— Eu vim aqui te agradecer em nome de meus companheiros arcanjos e da legião inteira. Eu também queria te dizer uma coisa, Kara.

— Que coisa?

— Você vai ficar feliz em saber que você recebeu uma licença especial da Legião.

Kara franziu sua testa:

— Como uma licença permanente?

Era bom demais para ser verdade, um sonho tornado realidade.

— Por assim dizer, sim. — Ariel sorriu. — Eu sei que é algo que você queria há muito tempo, e ninguém merece mais do que você, Kara

Nightingale. Eu acredito que o destino do mundo mortal e do Horizonte estará a salvo de inimigos por um tempo muito longo.

Os olhos de Kara iluminaram-se:

— Eu... eu não sei o que dizer.

— Obrigado seria um começo — riu David presunçosamente.

Ela teria dado um tapa nele se não quisesse tanto beijá-lo:

— Obrigada.

— Sentiremos sua falta — disse Ariel. — Todos nós sentiremos. Eu juro.

— Mas principalmente eu. — Os olhos de David brilhavam com o azul mais profundo. Era a coisa mais linda que ela já tinha visto.

E, então, ela fez algo que ela nunca pensou que seria capaz de fazer. Apesar de Metatron, Ariel e todos os outros guardiões estarem olhando para ela, ela colocou as mãos no rosto de David e o beijou.

Ela o beijou suavemente no início, mas depois ela o beijou ferozmente. Ela pressionava os lábios dele como se não houvesse ninguém mais no mundo, apenas ela e ele. Ela o beijou de novo. Então, ela o segurou pelo cabelo e o puxou para mais junto de si, para que pudesse se inebriar com seu perfume maravilhoso.

David envolveu seus braços ao redor dela firmemente e a beijou de volta. Sua energia elemental pulsava. Os beijos e toques dos anjos eram mil vezes mais eletrizantes do que os dos mortais. Ela nunca queria que aquilo acabasse.

Finalmente, ela o puxou de volta, cientes que muitos olhos estavam assistindo. Mas o sorriso no rosto de David e o amor que dançava nos olhos dele valiam a pena.

Ariel sorriu para eles. Metatron tinha um olhar de pateta em seu rosto enquanto soprava seu charuto.

Os outros Guardiões assobiavam e aplaudiam. Ashley e Jenny riam e aplaudiram também. Até mesmo Peter, que estava com as mãos nos bolsos, tinha o mais largo sorriso que ela já havia visto.

Os olhos de David estavam arregalados:

— Não acredito que você fez isso. Na frente de todos! Não me interprete mal, você me deixou muito, muito feliz, e eu realmente, realmente gostei, mas... tem certeza de que está tudo bem?

— Está mais do que bem. — Kara nem tentou conter seu próprio sorriso.

— Eu não me sentia tão bem, tão incrível, há tempos.

Ela apertou a mão de David:
— Vamos para casa.

Capítulo 26

Casa

— Então, estão dizendo que foi um tornado? — fazia uma hora que Kara estava enchendo o velho com perguntas.

— Mas não temos tornados aqui. Nós temos tempestades de neve.

O Sr. Patterson polia a superfície do seu novo balcão.

— Eu vou admitir que parece um absurdo, especialmente aqui, mas em raras ocasiões, esta cidade já teve um ou dois tornados.

Kara franziu o rosto:

— Não sei não! Isso não faz sentido.

— Você é uma especialista em clima? Uma cientista atmosférica? Uma perita em tornados?

— Não... mas, então, por que o Cedarview não foi atingido? Não fica na rua seguinte? Estão dizendo que foi um tornado bem grande, então, por que só a nossa rua foi atingida? Se era mesmo um tornado, por que ela pulou todas as outras ruas da cidade inteira e só atingiu a nossa? É quase como se algo estivesse controlando o tornado. Você sabe o que isso quer dizer?

O velho deu de ombros.

— Não. Mas a mãe natureza é misteriosa em seus caminhos. Você pode me passar aquela pequena caixa vermelha ali, aquela com minúsculas bolas de cristal? Sim, essa. Cuidado por favor. Obrigado.

Kara viu o Sr. Patterson cuidadosamente esvaziar a caixa de bolas de cristais e colocar os itens em seu balcão de vidro. Ela nunca entenderia sua fascinação pelas bolas de cristais.

Os últimos raios do sol entravam pela vitrine da frente.

— Está feliz com a livraria de volta ao seu estado pré-tornado? Já que você realmente acredita que foi isso o que aconteceu.

Ele ainda estava olhando para as bolas de cristal.

— Ainda há uma pequena pintura a ser feita nas paredes exteriores e precisamos colocar a placa da frente, mas já está quase pronto — completou Kara.

O velho soltou um longo suspiro:

— Sim. Essa foi uma semana bastante complicada.

— O que quer dizer com "complicada"?

Kara odiava quando seu chefe continuava a falar por enigmas. Ela sempre tinha a sensação de que ele estava escondendo informações dela, como se não confiasse nela.

Não, ela estava apenas sendo tola. Que segredos um velho dono de livraria teria?

— Isso não importa mais — respondeu o Sr. Patterson. — O que importa é que nossas vidas são o que eram antes do Apocalipse

O velho deixou cair uma das suas preciosas bolas cristal.

— Apocalipse? — Kara se inclinou sobre o balcão, pegou a bola de estava rolando no balcão e a levantou para inspecioná-la. — Se é assim que você deseja chamar o ocorrido. Mas não vejo como o dano à nossa rua pode ser chamado de um apocalipse.

O Sr. Patterson parecia irritado.

— Não importa. Agora, me dê isso de volta.

Kara abaixou a bola de cristal, mas ainda não a devolveu. Ainda não.

— Eu gostaria de saber a sua opinião a respeito do que você chama de apocalipse.

Ela não podia explicar, mas ela tinha a estranha sensação de que o Sr. Patterson não acreditava que havia sido um tornado afinal. Ele ficou evitando os olhos dela quando ela mencionou isso, como se não fosse capaz de mentir. O que poderia ter acontecido com a sua rua? O que ele escondia dela?

— O que aconteceu com o resto do mundo, então?

Ela segurava a esfera entre os dedos dela:

— Qual é a sua teoria? — Ela perguntou. — Eu vou admitir que um monte de coisas estranhas têm acontecido ultimamente. Você não acha que esta semana está muito estranha?

— Não mais do que o normal, querida. — O Sr. Patterson não tirava os olhos da bola de cristal na mão de Kara.

— O quê? Onde você estava?

O velho estendeu a mão:

— Vou pegar isso, obrigado.

Sentindo-se um pouco rebelde, Kara jogou a bola de cristal no ar, mas o velho a pegou antes que ela tivesse tempo de piscar.

Ela recuou, chocada e impressionada.

— Está bem, não era como se eu quisesse roubar essa bola ou algo assim. Então...

Ela se inclinou sobre o balcão.

— Na semana passada, houve relatos de ocorrências estranhas ao redor do mundo. As culturas secaram, mas, então, milagrosamente voltaram a crescer no dia seguinte. Pessoas e animais doentes de repente foram curados de doenças incuráveis. E há paz no mundo, bem, na maior parte dele. A maioria das pessoas na internet estão chamando de desastre ambiental ou dizendo que é uma amostra do aquecimento global. Mas a verdade é que eu não encontrei nenhuma evidência real para explicar o que aconteceu na semana passada. Nenhum cientista pode explicar. Não acha que isso é estranho?

— Coisas estranhas têm acontecido.

Kara revirou os olhos.

— Está bem. Continue em um desses modos misteriosos. — Bem, já são cinco horas. Já deu por hoje.

Ela bateu a poeira da frente da blusa dela e inspecionou seus jeans para se certificar de que eles estavam impecáveis.

— Vou sair com David para jantar e ver um filme.

A ideia de passar duas horas com David dava um nervosismo no peito. Não era seu primeiro encontro, no entanto, ela se sentia excessivamente nervosa. O coração dela batia forte. Por que ela estava sendo tão idiota?

— Tchau, Sr. P.

Quando ela se virou para sair, ela pegou o olhar alegre do Sr. Patterson:

— O quê? Que cara é essa?

O Sr. Patterson sorriu:

— Nada, querida. Só fico feliz que esteja por aí, se divertindo como você deveria.

E, então, acrescentou num sussurro, mas não baixo o bastante:

— Afinal, ninguém merece mais do que você.

As sobrancelhas de Kara se estreitaram ligeiramente.

— Hein? Bem, obrigada, eu acho. Mas não fiz mais do que o habitual, talvez uma pequena pintura.

Ela o observou por um momento, mas sua expressão não mudou.

— Muito bem, obrigada. — Seu sorriso voltou. — Não existem muitas noites quentes como essa.

— Sim — disse o velho, ainda vendo ela com aquela expressão de admiração. — Acho que você está certa.

— Até amanhã — Kara abriu a porta da frente da pequena livraria e saltou para a rua.

Uma brisa fresca tocou suas bochechas. O céu de noite ainda tinha um azul brilhante, e embora os dias fossem ficando mais curtos, era uma noite perfeita para um encontro.

Um jovem bonito recostava-se contra um carro estacionado. Ele usava jeans e uma camiseta branca simples grudada ao seu corpo, apenas o suficiente para sugerir os músculos que ficavam por baixo. O sol do entardecer destacava seu tom bronzeado, e sua pele brilhava.

O coração de Kara parecia querer sair pela boca.

— Que bonita — disse David causalmente. — Mais do que bonita.

Kara não conseguiu esconder um sorriso gigante que se espalhou por rosto.

— Então, aonde você vai me levar? — Ela perguntou.

— É surpresa.

Ele sorriu para ela, e ela sentiu seus joelhos estremecerem.

Quando ela e David começaram a andar pela calçada, algo no reflexo da vitrine da livraria chamou sua atenção. Ela parou.

— O que foi? — perguntou David. — Você se esqueceu de limpar alguma mancha na janela?

Kara franziu a testa e tocou no vidro:

— Não. Não é isso. Eu pensei que... Por um momento, eu pensei...

David inclinou-se mais para perto, com seu braço tocando no dela:

— Pensei o quê?

Kara engoliu a seco. Apoiando-se, ela disse:

— Vai soar muito estranho, mas por um momento eu pensei ter visto asas.

— Asas? — riu David divertidamente.

— Asas douradas — ela disse com uma cara séria. — Asas gloriosas. Eles brilhavam como algo saído de um conto de fadas. Você acha que sou louca, não é? E agora você está se perguntando o que está fazendo com uma doida feito eu.

David enrolou uma mecha do cabelo dela em seus dedos.

— Sim. Você é louca. Mas é isso o que eu amo em você. Você deixa tudo interessante.

Kara estava prestes a retrucar, mas ele colocou as mãos na cintura dela e a puxou mais perto dele. Ele se inclinou e a beijou.

Esse beijo era como voltar para casa ou ter nascido de novo. Eles haviam se beijado antes, mas de alguma forma este beijo era diferente, mais intenso. Seus lábios estavam quentes e suaves contra os dela, e ela tremia ao toque dele. Ela jogou os braços em volta do pescoço dele, esquecendo tudo sobre as misteriosas asas douradas e abraçando o amor da vida dela.



Livro 1 da série REINOS DIVIDIDOS, em breve!

NA TERRA ONDE A MÁGICA É BANIDA e onde um cruel sacerdote governa, Elena rouba a joia mais valiosa no lugar na esperança de vendê-la para alimentar sua vila assolada pela fome. Mas ela é pega e a punição pelo roubo é a morte. Mas em vez da morte, lhe é dada uma escolha: tornar-se a campeã do sacerdote na Grande Corrida. Logo, Elena se encontra lutando para permanecer viva na disputa mais sangrenta de todos os reinos. É uma luta que termina com surpresas, novas alianças e mortes. Uma disputa que rapidamente se torna uma corrida brutal contra o tempo, uma corrida pela sobrevivência.

Sobre a Autora

Kim Richardson é autora das séries GUARDIÕES DE ALMA e MÍSTICAS. Ela nasceu em uma pequena cidade no Norte de Quebec, Canadá, e estudou no ramo de Animação 3D. Como Supervisora de Animação para uma empresa de Efeitos Visuais, Kim trabalhou para grandes produções de Hollywood e permaneceu na área de animação por 14 anos. Desde então, ela se aposentou do mundo de Efeitos Visuais e se fixou no interior, onde escreve em tempo integral.

Para conhecer mais sobre a autora, por favor, visite:

www.kimrichardsonbooks.com

www.facebook.com/KRAuthorPage

http://twitter.com/Kim_Richardson